



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**BENEDITO CARLOS LIBÓRIO CAIRES ARAÚJO**

**A CAPOEIRA NA SOCIEDADE DO CAPITAL: A DOCÊNCIA COMO  
MERCADORIA-CHAVE NA TRANSFORMAÇÃO DA CAPOEIRA NO SÉCULO XX.**

**FLORIANÓPOLIS  
2008**

**BENEDITO CARLOS LIBÓRIO CAIRES ARAÚJO**

**A CAPOEIRA NA SOCIEDADE DO CAPITAL: A DOCÊNCIA COMO  
MERCADORIA-CHAVE NA TRANSFORMAÇÃO DA CAPOEIRA NO SÉCULO XX.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina,  
como requisito final para obtenção do título de mestre em  
educação.

ORIENTADOR: PROFº DR. REINALDO MATIAS FLEURI  
CO-ORIENTADOR: PROFº DR. PAULO SERGIO TUMOLO

FLORIANÓPOLIS  
2008

*A Bartira,  
que deu sentido ao amor...  
Amor que gerou Antonio.  
Este trabalho é para vocês,  
para os capoeiras,  
para os trabalhadores,  
para humanidade,  
para o futuro,  
e sua feitura começa AGORA,  
para e pela vida,  
porque a roda do tempo não pode parar!*

## AGRADECIMENTOS

À FAPESB (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia), em especial a Renata Andrade e Fábio Batista, por propiciarem as condições materiais imprescindíveis para a produção desta dissertação de mestrado.

Aos capoeiras, produtores dessa manifestação. Pedimos desculpas pelas ausências nas rodas, nos bate-papos e nos espaços de militância.

Ao Movimento Estudantil de Educação Física (MEEF), espaço de formação que me fez enxergar para além das aparências.

À minha família, em especial a meu tio Manoel Pedro e a meu primo Alexandre Mota, a prova de que o sangue se constrói nas relações afetivas.

Aos colegas de mestrado, em especial aos colegas das linhas Educação e Movimentos Sociais e Trabalho e Educação, com quem convivi com mais intensidade no calor das discussões.

Às meninas do PPGE – Patrícia, Soninha, Bethânia e Eneida –, que sempre me ajudaram no possível e no impossível, para manter em ordem as condições burocráticas que são necessárias para as agências de fomento.

Ao Batuquegê, em especial a José Miguel Monteiro, meu “pé no chão”, os guias que me separavam do idealismo.

Aos amigos de Florianópolis, ao pessoal do IEGA, em especial Marilane Machado, Daniel Boeira, Dani, Gustavinho, Fernanda, Elenira, Ricardo, Jussara, Cauê e Luan, ao pessoal do Vasquinho e às noitadas nos Sambas do Tião e do Baiacu de alguém.

A Ademir e Ró.

A Carol Cubas, Rafael Saldanha, Tia Elisa, Tina (Justina Galina Franchi), Débora Lucia e Mê (Melissa Michelloti Veras) – a família que conquistamos na vida é para sempre, a cada segundo, perto ou longe, pois o mundo nosso é grande, cabe numa mão fechada.

A Sandra e Fernando. Como aprendi com vocês! O primeiro ato histórico do homem é estar vivo.

Aos itinerantes amigos Carol Bahniuk, Adri D’Agostini, Mauro Tilton, Érika Suruagy, Melina Alves, Jomar Borges, Roseane Almeida, Fernanda, David, Cristina Paraíso e Amália Catarina;

Ao Grupo de Estudos e Festas Anticapitalista (GEFA), o apoio para enfrentar monstros, para além do Capital.

À Confraria Catarinense de Capoeira, por manter a esperança de uma organização que se coloque em confronto com as intenções do Império, mesmo que timidamente.

Às comunidades de Pituçu e Boca do Rio, nosso berço, parâmetro de uma capoeira diferente. Vivas a Lazineho, Mestre Lázaro, Mestre Mala, Marreta, Bura, Touro, Agulha e Waldir Axé.

A Maria Isabel Batista Serrão e Paulo Sergio Tumolo, nossos agradecimentos pelas aulas que vieram de cortesia na amizade que se estende ao horizonte. Nosso crescimento se deve a muitas passagens em aula, muitas leituras e dores de cabeça para tentar entender aquilo que lemos mais de cem vezes.

Ao Frederico José de Abreu, pois “a ele devo dinheiro, saúde e obrigação”, sempre ensinando lições de vida, que vieram de brinde em nossa intensa, conflitante e fraterna relação.

Ao melhor orientador que alguém poderia ter, Reinaldo Matias Fleuri. Aprender com ele é sempre um prazer, com certeza recheado de enormes surpresas, em nossas convergências ou em nossas divergências e, acima de tudo, na busca de nossas sínteses.

Aos imprescindíveis:

Marcos Cordeiro Bueno, Canguru, colega de paternidade, velho estudante, novo trabalhador, trabalha a dor que a estrada é longa e a pressa derruba.

Mário Jorge Cardoso Coelho de Freitas, português de Florianópolis, generosidade infinita – nas condições mais adversas, nos estendia a mão, disposta a orientações, confissões e declarações.

Drauzio Pezzoni Annunciato, beligerante tocador de cavaquinho, uma amizade da capoeira, da academia e do samba – são muitas coisas em comum, para dois brutos capoeiras.

Bruno Emmanuel Santana Silva – a capacidade de amar de um sujeito como você nos faz pensar onde cabe tanto afeto... Quem é seu amigo sabe que falta pouco para ter o mundo... É um gigante!

Márcio Penna Corte Real – se não fosse ele, vocês não estariam lendo estes agradecimentos, pois não teríamos realizado o percurso do mestrado. Quem conhece Corte (Hernandez Cienfuegos), conhece as vibrantes condições de Pai, Companheiro e Pesquisador. Você é “... o discípulo que aprende e o mestre que dá lição...”

Ao Núcleo MOVER, por tudo que construímos nesses dois anos – Ivanete Nardi, Lia Vainer Shucman, Clarinha Freitas Figueiredo, Cristiana Tramonte, Liliane Carboni (Carbonara), Kátia Weber e Marcos. Essa turma é fantástica!

Ao LEPEL, pelo espaço construído nos anos de 2000 a 2004, nas ACCs, nas disciplinas, na especialização e na reta final deste texto. Nós sabemos a diferença...

A Alessandra Libório Caires Araújo (agradecimentos estendidos a Martin Giordano Salvatierra, meu cunhado), minha irmã, minha amiga, sempre perto, mesmo do outro lado do planeta.

A Carlos Emilio Libório Caires Araújo, meu amado irmão, que me deu Isaías, meu sobrinho, lindo, esperto e de futuro promissor.

A Celi, minha gratidão eterna por me fazer um companheiro, na feitura da história.

Socorro, minha mãe, mãinha!!! Quanto amor!

A Antonio Carlos Caires Araújo, em mim, o Pai. Entre a natureza e a humanidade, a certeza do dever cumprido... Amigo velho, amado sujeito, na sua (a) versão. A versão do Pai (*Per version*)

*Quem me viu no oculto ato de ter tomado  
outro rumo na estrada?  
Quem percebeu  
a amarga parceria com a mágoa magoada que se apossou de mim?  
Quem me sentiu ausente do verso  
que deixei de compor, quando a inspiração sumiu?  
Quem me notou  
aos trapos, morrinhento, enfrentando o rompimento daquele grande amor?  
Cadê, na galeria,  
os amigos de janela, companheiros de favela, colegas de esguelha, camaradas de seqüela,  
compadres de senzala, parceiros de mazela?  
Cadê?*

**CONSULTA** (Rui do Carmo POVOAS)

*Quem construiu Tebas, a das sete portas?  
Nos livros vem o nome dos reis,  
mas foram os reis que transportaram as pedras?  
Babilônia, tantas vezes destruída,  
quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas  
da Lima Dourada moravam seus obreiros?  
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para onde  
foram os seus pedreiros? A grande Roma  
está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre quem  
triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio  
só tinha palácios  
para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida  
na noite em que o mar a engoliu  
viu afogados gritar por seus escravos.  
O jovem Alexandre conquistou as Índias  
sozinho?  
César venceu os gauleses.  
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?  
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha  
chorou. E ninguém mais?  
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos.  
Quem mais a ganhou?  
Em cada página uma vitória.  
Quem cozinhou os festins?  
Em cada década um grande homem.  
Quem pagava as despesas?  
Tantas histórias  
Quantas perguntas.*

**Perguntas de um Operário Letrado** (Bertold BRECHT)

## RESUMO

A capoeira, desde sua primeira menção nos registros oficiais em 1789 até o final da primeira república (1930), sempre esteve relacionada ao que havia de mais discriminado na sociedade brasileira. Após as grandes transformações sociais no mundo e seus efeitos na política brasileira no século XX, essa manifestação ganha espaço social, assumindo uma nova dinâmica. Esse processo se inicia quando a docência da capoeira passa a ser estruturada sob o signo da mercadoria, expresso nas ações concretas de duas escolas de capoeiras baianos, que transformaram o conhecimento da capoeira em propriedade. Dessa forma, atribui-se uma relação de troca entre mercadorias que, nas décadas de 1980 e 1990, viriam a se concretizar sob a lógica do *trabalho produtivo*. Destaca-se, como marco, desse processo, a atuação do *Centro de Cultura Física Regional* (1936), que, sob forte influência do pensamento positivista e da forma taylorista de trabalho, materializou, nas relações diretas, a fragmentação da capoeira. Esses marcos se concretizam nos dias atuais, quando a capoeira aparta-se do seu produtor, relegando-lhe papéis secundários na sua construção. São as esferas da sociedade civil onde a capoeira se insere, a gerência na lógica dos interesses privados, em uma estrutura que une a ideologia burguesa, o estado liberal e as parcerias privadas de financiamento público. O objetivo deste trabalho é se aproximar das formas que articulam respostas contra a dinâmica da sociedade capitalista, onde a capoeira se encontra de forma alienada. Para compreender esse fenômeno, concentramos a atenção na mercadoria *prática docente da capoeira*, destacando nela as contradições que evidenciem a lógica da mercadoria e suas determinações. Por reconhecer mudanças nos dados concretos do trabalho pedagógico, nos espaços e tempos formativos na capoeira, assumimos uma postura de confronto, para avançar na compreensão dos limites e das possibilidades que se põem aos capoeiras, assim como a outros formadores populares de conscientização de classe e de ações revolucionárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** capoeira; prática docente; projeto histórico socialista.

## ABSTRACT

The *capoeira*, since its first mention in the official records in 1789 by the end of the first republic (1930), has always been related to that there was more broken in Brazilian society. After the great social transformations in the world and its effects on Brazilian politics in the twentieth century, this manifestation takes social space, assuming a new dynamic. This process begins when the teaching of *capoeira* will be structured under the sign of the commodity, expressed in concrete actions of two schools of *capoeiras baianos*, which transform the knowledge of the poultry a property. Thus, gives up a relationship of exchange between goods, which in the decades of 1980 and 1990 would come to realize under the logic of *productive work*. It is as milestone of that process, the actions of the *Centro de Cultura Física Culture Regional* (1936), which under strong influence of positivist thinking in the way taylorista of work, the centre, materialized in relations direct the fragmentation of *capoeira*. These milestones are embody nowadays, when the poultry withdraw itself from its producer, relegating it to secondary roles in its construction. The spheres of civil society, where the poultry falls, manages the logic of private interests, in a structure that unites the bourgeois ideology, the liberal state and private partnerships of public funding. The objective of this work is to bring the forms that articulate answers to the dynamics of capitalist society, where poultry is so alienated. To understand this phenomenon, focus on commodity teaching practice of *capoeira*, highlighting the contradictions therein showing that the logic of the goods and their determinations. By believing in areas such as training locus irradiador, assume a posture of confrontation for progress in the understanding of the limits and possibilities to *capoeiras*, as well as other trainers popular awareness of the possibility of class action and revolutionary.

**KEY WORDS:** capoeira; practical teaching; socialist historical project.



## RESUMEN

La capoeira, desde su primera mención en los documentos oficiales en 1789 por el final de la primera república (1930), siempre ha estado relacionada con que había roto más en la sociedad brasileña. Después de las grandes transformaciones sociales en el mundo y sus efectos en la política brasileña en el siglo XX, esta manifestación gana espacio social, en el supuesto de una nueva dinámica. Este proceso comienza en el momento en que la enseñanza de la capoeira se estructurará bajo el signo de la mercancía, expresada en acciones concretas de las dos escuelas de capoeiras baianos, que transforman el conocimiento de las aves de corral de una propiedad. Por lo tanto, da una relación de intercambio entre productos, que en los decenios de 1980 y 1990 dado cuenta de que bajo la lógica del *trabajo productivo*. Es como hito de ese proceso, las acciones del *Centro de Cultura Física Regional* (1936), que bajo la fuerte influencia del pensamiento positivista en el modo taylorista del trabajo, el centro, materializado en las relaciones directas de la fragmentación de la capoeira. Estos hitos se encarnan hoy en día, cuando las aves de corral en caso de retirar su productor, relegando a un papel secundario en su construcción. Son las esferas de la sociedad civil, donde las aves de corral caídas, gestiona la lógica de los intereses privados, en una estructura que une a la ideología burguesa, el Estado liberal y privadas de financiación pública. El objetivo de este trabajo es lograr que las formas de articular respuestas a la dinámica de la sociedad capitalista, donde las aves de corral es tan alienados. Para entender este fenómeno, se centra en la enseñanza práctica de la capoeira, poniendo de relieve las contradicciones que muestran que en él la lógica de la mercancía y de sus determinaciones. Por creer en áreas como la formación locus irradiador, asumir una postura de enfrentamiento para avanzar en la comprensión de los límites y posibilidades de capoeiras, así como otros formadores de la conciencia popular la posibilidad de la acción de clase y revolucionario.

**PALABRAS CLAVES:** capoeira; práctica del enseñanza; proyecto histórico socialista.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 – APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA RECENTE DA CAPOEIRA E SEU DESENVOLVIMENTO COMO MERCADORIA .....	15
1.1 – APONTAMENTOS SOBRE A TEORIA DO VALOR DE MARX.....	18
1.2 – A MERCADORIA CAPOEIRA: PRESSUPOSTOS DA SUA FORMA LARVAR.....	23
1.3 CAPOEIRA MERCANTIL: BASE DE ANÁLISE DA CAPOEIRA MODERNA.....	28
1.3.1 – OS DESDOBRAMENTOS DA MERCADORIA CAPOEIRA .....	34
2 – A DOCÊNCIA DE CAPOEIRA COMO MERCADORIA: CHAVE PARA A COMPREENSÃO DA CAPOEIRA MODERNA .....	45
2.1 – O TRABALHO DOCENTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA.....	47
2.2 – O DOCENTE DE CAPOEIRA E A MERCADORIA.....	50
2.2.1 – NEM HERÓIS, NEM VILÕES, APENAS DOIS CAPOEIRAS DE SEU TEMPO.....	51
2.2.2 – A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO COMO ATO ORIGINÁRIO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA.....	54
2.3 – O GRUPO DE CAPOEIRA, FASE SUPERIOR DA LUTA REGIONAL BAIANA.....	57
2.4 – A RESSURREIÇÃO DA CAPOEIRA DE ANGOLA-GENGIBIRRA: O DISCURSO DA TRADIÇÃO FRENTE ÀS DEMANDAS DO CONSUMO.....	64
3 – O CARÁTER CONTRADITÓRIO DA CAPOEIRA, DAS SUAS POSSIBILIDADES E DE SEUS LIMITES	71
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: SE ESSA RODA ESTIVER BOA, NÃO VAI TERMINAR AGORA .....	83
5 – REFERÊNCIAS.....	86
5.1 – REFERÊNCIAS NA INTERNET.....	96
5.2 – REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	97
5.2.1 – VÍDEOS .....	97
5.2.2 – ÁUDIOS.....	98

## INTRODUÇÃO

“... Lá no céu vai quem merece, na terra vale quem tem ...” (D. P., in WALDEMAR e CANJIQUINHA, 1996, pista 11)

Este estudo insere-se entre os que investigam a capoeira sob a perspectiva educativa. Tem como objeto de investigação a transição histórica da capoeira, de bem comum a mercadoria. Nesse particular, apresenta como questões norteadoras: Como a capoeira passa de crime federal (1889 a 1934) a fenômeno mundial? Quais as bases da capoeira praticada na atualidade e a que projeto de formação humana e de sociedade correspondem, hegemonicamente?

Objetivando melhor caracterizar o tema da pesquisa, realizaremos um breve *detour* na história de construção do objeto e dos caminhos analíticos adotados na pesquisa.

A capoeira, antes de campo de pesquisa, foi e é parte de nossas vidas. Nosso primeiro contato com a capoeira se deu aos cinco anos de idade, numa pequena academia de conjunto habitacional, moda na Bahia dos anos de 1980. Após um período de afastamento, nosso retorno para a atividade ocorreu na adolescência, num tradicional colégio particular de Salvador, numa escolinha terceirizada. Entretanto, nessa ocasião, com mais autonomia, nosso contato com a manifestação ultrapassou os limites da prática esportiva e ganhou os espaços mais tradicionais, o que nos possibilitava a convivência com alguns mestres da geração de 1930 e 1940 de Salvador, responsáveis pela ascensão social da capoeira no século XX.

A esse vínculo devemos a opção pelo curso de graduação em Educação Física, realizado na Universidade Federal da Bahia, e a decisão por adotar a capoeira como objeto de estudo e campo de lutas políticas. Nesse período, a inserção no universo acadêmico inaugurou uma séria dicotomia na nossa relação com a capoeira, uma vez que passamos a perceber que a concepção de capoeira, presente nas aulas e na literatura, rivalizava, em grande medida, com o ambiente de sua manifestação (rodas, batizados etc.). Na época, essa foi uma questão de difícil solução, pois o pertencimento acadêmico nos exigia a instauração de uma nova lógica argumentativa, desde que não nos bastava apenas a experiência empírica para o questionamento das representações acadêmicas sobre o fenômeno. Era preciso dominar a linguagem acadêmica. Tendo formulado essa compreensão, buscamos, no decorrer da formação, penetrar mais profundamente na riqueza do nosso objeto, a fim de captar suas conexões, contradições e movimentos mais particulares.

Ainda na graduação, a convite do Mestre de capoeira José Luiz Cirqueira Falcão, doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da UFBA, vinculado à Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Esporte e Lazer (LEPEL), participamos de um laboratório de pesquisa sobre metodologias de ensino da capoeira, no projeto de estudo "Crítica à organização do trabalho pedagógico e ao trato com o conhecimento da capoeira no currículo de formação".

Ao longo dessa experiência, foi se constituindo, na Faculdade de Educação, uma demanda que, mesmo com a finalização do projeto de pesquisa, ainda se mantinha latente. Por essa razão, a fim de dar continuidade às atividades desenvolvidas, assumimos a coordenação do projeto, durante os anos de 2000 até o início de 2005. Nesse período, ocorreu uma intensa divulgação do projeto, promovida pela Universidade, o que ampliou a possibilidade de participação da comunidade não-universitária.

A partir do ano de 2002, já contávamos com um grupo bastante diversificado, com uma significativa participação da comunidade da capoeira de Salvador. Nesse período, fortaleceram-se práticas pedagógicas que viriam a dar origem aos princípios teórico-metodológicos que orientaram a ACC – Atividade Curricular em Comunidade intitulada *Ensino e Pesquisa na Roda de Capoeira*, vinculada à Linha de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer (LEPEL). Nessa ocasião, as discussões realizadas no grupo giravam em torno de duas questões: as possibilidades de preservação de valores tradicionais da capoeira e como construir uma metodologia de ensino baseada no sujeito histórico, no diálogo, no prazer de aprender, sem traumas, sem dor, através da lógica da roda. Nosso objeto de estudo surge no bojo dessas questões.

Em 2005, concluído o curso de Graduação, participamos da seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha Movimentos Sociais, da qual faz parte o Núcleo MOVER<sup>1</sup>, laboratório de pesquisa que motivou nosso deslocamento para o Sul do País, para estudar capoeira. O critério para a escolha desse programa, em especial, se vincula à sua significativa produção de textos, teses e

---

<sup>1</sup> O Núcleo de Estudos em Educação Intercultural e Movimentos Sociais foi criado em 1994, e "... realizou pesquisas em nível de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Publicou vários livros, artigos e trabalhos em eventos. Promoveu cursos de extensão universitária, assim como disciplinas de Graduação e seminários para pós-graduação. O Núcleo Mover estuda a perspectiva intercultural e complexa da relação entre diferentes processos identitários (culturais, étnicos, geracionais, corporais, de gênero, de organizações produtivas) no campo da educação e dos movimentos sociais. Realizou processos coletivos de pesquisa, com financiamento do CNPq, desde 2000. Destaca-se o Projeto Rizoma, que articulou uma rede de cooperação em pesquisas. Promoveu, neste contexto, dois Seminários Internacionais sobre Educação Intercultural e Movimentos Sociais (em 1998 e 2003). Atualmente, está desenvolvendo o projeto de pesquisa que visa à elaboração de subsídios teórico-epistemológicos e didático-pedagógicos para a educação intercultural" (<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/mover/quemsomos.php>)

dissertações sobre capoeira e educação. Parte das considerações presentes nesta dissertação faz parte da produção dessa Universidade e dos projetos empreendidos por esse Núcleo, a exemplo do PERI-Capoeira<sup>2</sup>, principalmente a experiência da Confraria Catarinense de Capoeira.<sup>3</sup>

Na ocasião, apresentamos como intenção de pesquisa para o mestrado, a descrição singular dos fatos empíricos que caracterizavam a roda de capoeira, espaço privilegiado da sua práxis, e seu desenvolvimento histórico nas principais cidades do Recôncavo Baiano. Esse objeto posteriormente foi modificado, uma vez que, no decorrer do curso de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina, as aulas da disciplina *Capital, Trabalho e Educação*, ministradas pelo Professor Paulo Tumolo, associadas à orientação do professor Reinaldo Matias Fleuri, permitiram o refinamento do nosso problema de estudo, o qual, nessa ocasião, ainda se encontrava muito fixado nas aparências do fenômeno.

No bojo dessas reflexões, a escrita de um texto monográfico para o curso de especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer, intitulado “Capoeira e Mercadoria: possibilidades pedagógicas superadoras”, defendido em

---

<sup>2</sup> O Projeto denominado *Curso Experimental de Formação de Educador@s de Capoeira na Perspectiva Intercultural – PERI-Capoeira* se constituiu como campo empírico do Projeto Integrado de Pesquisa *Educação Intercultural: elaboração de referenciais epistemológicos, teóricos e pedagógicos para práticas educativas escolares e populares* (CNPq, 2004 – 2007). O curso se realizou no período de abril a novembro de 2005, mediante encontros quinzenais em que educadores e educandos populares de capoeira desenvolveram um processo didático de planejar, agir, observar, refletir sobre suas práticas, com base na tematização, investigação e análise dos desafios enfrentados. Foram adotados os princípios da metodologia da investigação-ação, que pretendem contribuir para o melhor equacionamento de problemas significativos da prática social e possibilitar uma tomada de consciência, por parte dos sujeitos históricos envolvidos, com vistas à transformação da própria realidade. Durante o curso, constituíram-se três grupos com temas de investigação: 1) Relações educativas e de poder na capoeira e com a sociedade, 2) Metodologias de ensino para crianças, jovens, adultos e especiais, 3) Saberes e práticas históricas da capoeira. A dinâmica de construção e reconstrução dos grupos seguiu os interesses específicos dos participantes, possibilitando um maior aprofundamento das temáticas. Ao final do curso, o grupo 1 elaborou a cartilha “O Menino Jogou: metodologias infantis na capoeira”, com várias propostas de dinâmicas que podem ser utilizadas no planejamento e execução das aulas com crianças. Foram produzidos também alguns trabalhos acerca de metodologias. O grupo 2 fez uma análise das relações estabelecidas nas rodas de capoeira. Ainda a respeito das Relações Educativas e do Poder em Capoeira, Dráuzio ANNUNCIATO produziu a dissertação “A Liberdade disciplinada: relações de confronto, poder e saber entre capoeiristas em Santa Catarina”. O terceiro grupo produziu um DVD mostrando os diferentes grupos, estratégias e metodologias utilizadas na prática educativa da Capoeira. Márcio Penna CORTE REAL também elaborou a tese sobre “As musicalidades das rodas de capoeiras: diálogos interculturais, campo e atuação de educadores” (FREITAS, 2006).

<sup>3</sup> “Logo após a realização do I Congresso Nacional de Capoeira, nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 2003, em São Paulo, os representantes catarinenses presentes naquele evento decidiram formalizar uma comissão que desse prosseguimento às discussões e análises sobre as principais questões que envolvem a Capoeira na atualidade e desencadeasse um amplo processo de debates e esclarecimentos dos capoeiras em geral. Esse grupo se auto-organizou como Confraria Catarinense de Capoeira (TRIPLO-C) e vem trabalhando organicamente para contribuir com o desenvolvimento da Capoeira no Estado de Santa Catarina e no Brasil. Dele fazem parte lideranças dos seguintes grupos: Abadá, Beribazu, Camará, Cordão de Ouro, Gunganagô, Maculelê, Palmares, Quilombola e Raízes do Brasil, juntamente com estudiosos e alunos interessados, bem como, com outros participantes eventuais. (CONFRARIA CATARINENSE de CAPOEIRA apud ANNUNCIATO, 2006, p. 2, nota 3).

2006, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, desencadeia um processo de reestruturação do nosso objeto, considerando a necessidade de apreender o conjunto de relações internas que o constituía, suas características e seu movimento

Dessa forma, consideramos prudente adotar um caminho teórico que, em primeira instância, através de uma abordagem dedutiva e dialética, buscasse dar conta da globalidade dos processos de mudança social. Daí a atenção dada, no contexto da dissertação, aos diferentes componentes que, embora difusos, constituíam a única matéria prima disponível para a geração de sentido sobre as apropriações do grande capital em relação à capoeira, uma prática social marginalizada durante o império e a primeira república do Brasil, e que, na atualidade, se constitui como atividade brasileira mais praticada no mundo.

Partindo dessa perspectiva, adotamos como marco conceitual a compreensão de que a capoeira, como uma totalidade<sup>4</sup>, encontra-se integrada a outras totalidades sociais com as quais possui traços comuns. Tal compreensão, por sua vez, nos conduziu a investigar a dialética do processo de mercadorização da capoeira.

O resultado da pesquisa está apresentado em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado **APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA RECENTE DA CAPOEIRA E SEU DESENVOLVIMENTO COMO MERCADORIA**, traremos elementos para a compreensão da capoeira como um *produto cultural*<sup>5</sup> que contém em si características das relações mais gerais da sociedade capitalista e, especificamente, do próprio desenvolvimento do Brasil e, em particular, do Recôncavo Baiano do final do século XIX e começo do século XX. Nesse capítulo, buscaremos construir uma sinopse simplificada da história da capoeira, tendo em vista a sociedade do capital e sua dimensão mais singular, os *produtores da capoeira*. Nesse particular, a ênfase na análise dos produtores da capoeira está condicionada à necessidade de se estabelecer uma relação entre a capoeira e seu produtor histórico, desde que, no nosso entendimento, existe uma deficiência na compreensão do que seja a mercadoria

---

<sup>4</sup> A propósito, merece destaque a síntese formulada por Iasi, 2006, sobre essa categoria: “O todo não é uma coisa (indivíduo ou sociedade), o todo é movimento. Enquanto implementação em desenvolvimento, “totalização” (Sartre, 1979), o todo é vivo em seu processo de constituir-se enquanto todo. [...] Ocorre, no entanto, que as mediações que dão corpo ao processo de constituição do todo não se apresentam apenas no termo médio, pois isto implicaria como de fato acontece em Hegel, uma substância essencial que antecede o processo de mediação e se reapresenta ao final, “essencialmente” no resultado. Para Marx, assim como para Sartre, não existe esta essência anterior que se implementa no movimento. Para eles, não há essência ou natureza humana, fora daquela que os seres humanos concretamente determinados produzem em cada período de constituição de seu ser, isto porque, para estes pensadores, a “existência precede a essência” (Sartre, 1978, p.6), “de forma que o homem primeiramente não é nada”, “o homem não é mais do que o que ele faz” (IASI, 2006, p. 75-76)

<sup>5</sup> O termo *produto* deve ser compreendido como aquilo que é produzido pelo trabalho – “... uma atividade humana intencional que envolve formas de organização, objetivando a produção dos bens necessários à vida humana.” (ANDERY et al., p. 11, 2004). Sob essa perspectiva, depreende-se que a cultura é o resultado da ação intencional e ideativa humana que, por sua vez, está condicionada às relações objetivas.

capoeira e sua materialidade. Por essa razão, buscaremos entender, mais especificamente, a mercadoria *aula de capoeira* e sua relação com o consumo. O contexto teórico da análise foi extraído de *O Capital*, em particular, dos tópicos relativos a *preço, valor de uso e valor*.

No segundo capítulo, intitulado **A DOCÊNCIA DE CAPOEIRA COMO MERCADORIA: CHAVE PARA A COMPREENSÃO DA CAPOEIRA MODERNA**, abordaremos a docência de capoeira como mediação fundamental do processo de mercadorização dessa prática social. O capítulo apresenta ainda alguns elementos do processo de transformação da capoeira, tendo em vista a institucionalização da prática de ensino. Sob essa perspectiva, evidenciaremos a condição da docência na sociedade do capital. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico Enguita (1991), Coletivo de Autores<sup>6</sup> (1992), Tumolo (2001, 2005-a, 2005-b e 2007), Tumolo & Fleuri (2000), Tumolo & Fontana (2006), Serrão (2006) e Harvey (2005)

No terceiro capítulo, **CARÁTER CONTRADITÓRIO DA CAPOEIRA, DAS SUAS POSSIBILIDADES E DE SEUS LIMITES**, trataremos dos limites do desenvolvimento social da capoeira na sociedade do capital e suas possibilidades de transformação.

Por fim, queremos ressaltar que este trabalho reflete anos de envolvimento pessoal com a comunidade da capoeira, anos de questionamento das *verdades inquestionáveis da capoeira*. Representa, por assim dizer, também um processo de alfabetização intelectual, tendo em vista nosso esforço em ir às últimas conseqüências do pensamento radical.

Esperamos que façam uma boa leitura, e que ela suscite novas reflexões sobre a prática da capoeira.

---

<sup>6</sup> Livro que trata da Metodologia do Ensino de Educação Física, coletivo de seis autores: Celi Nelza Zülke Taffarel, Micheli Ortega Escobar, Lino Castellani Filho, Walter Bracht, Carmem Lucia Soares e Elizabeth Varjal. Este livro é considerado por nós como a proposta mais avançada no campo da Educação Física na perspectiva que adotamos.

## 1 – APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA RECENTE DA CAPOEIRA E SEU DESENVOLVIMENTO COMO MERCADORIA

“Onça morreu mato é meu, mato é meu, é meu, é meu, onça morreu mato é meu eu não vendo e nem dô a ninguém...”<sup>7</sup>

(D. P. in CD João Grande e João Pequeno, faixa 07)

Nesta parte do trabalho, trazemos elementos para a compreensão da manifestação da capoeira como uma produção da cultura, que contém substâncias das relações mais gerais da sociedade burguesa, especificamente, do próprio desenvolvimento social do Brasil e, em particular, do Recôncavo Baiano do final do século XIX e começo do século XX.

Todavia, de início, faz-se necessário acentuar que não possuímos a pretensão de realizar um estudo exaustivo sobre o tema. Antes, buscamos apresentar uma sinopse simplificada da história da capoeira, tendo em vista a sociedade do capital e sua dimensão mais singular: os *produtores da capoeira*.

Nesse contexto, na análise sobre os produtores da capoeira, ganha centralidade a necessidade de compreender a relação entre o capoeira e seu produtor, desde que, no nosso entendimento, existe uma debilidade no exame do que seja a mercadoria capoeira e sua *riqueza*. Por esse motivo, buscamos um aprofundamento sobre a relação entre *lições de capoeira* e consumo de *satisfação*. Para essa discussão, consideramos *O Capital*, em particular, nos tópicos relativos a *preço, valor de uso e valor*.

A capoeira é uma manifestação humana e, como expressão das ações do homem na era moderna, encontra-se submetida à lógica das leis sociais do modo de produção que estrutura a modernidade, o modo de produção capitalista.<sup>8</sup> Daí a necessidade de considerá-la, na análise de seu processo de desenvolvimento, como mercadoria, como objeto produzido pela ação humana, que tem por finalidade a intenção da troca.

Visto isso, para compreender a capoeira, é necessário o entendimento do seu contexto cultural e da cultura de seus praticantes, a partir de uma reflexão, que exigirá uma análise enraizada no chão da história.

<sup>7</sup> Parte de uma cantiga de capoeira de Domínio Público, conhecida nos espaços da capoeira como corridos: “... o corrido é basicamente uma cantiga na forma de pergunta e resposta, no qual o solista executa um verso e imediatamente o coro responde ao mesmo, sendo que entre um verso e outro o solista pode fazer improvisações.” (CORTE REAL, p. 179, 2006). Vale a ressalva de que a escolha de um corrido antigo e de domínio público serve para posteriores transformações da estética musical.

<sup>8</sup> “... A lei é, portanto, o que se manifesta, necessariamente, nas condições apropriadas.” (CHEPTULIN, p. 253, 1982). Segundo Cheptulin (1982), as leis sociais do modo de produção capitalista decorrem das relações estabelecidas entre leis universais, gerais e específicas do modo (economia) como se produz a vida, em determinados graus de desenvolvimento da humanidade. Para o modo de produção capitalista consideram-se as necessidades de valorização do valor, mas ele carrega em si as relações de troca de mercadorias.



Segundo Soares, Abreu e Pires, entre os capoeiras existia um razoável número de estrangeiros. Diante dessa descoberta, consideramos três hipóteses: a primeira de que a capoeira era uma atividade urbana e portuária, que retrata a vida desse lugar; a segunda de que a capoeira, contrariando o senso comum, não era praticada apenas por escravos; e a terceira de que os registros formais, ligados às instituições de controle social, atribuíam a qualquer confronto corporal o significado ‘capoeira’. Na Bahia, durante a Primeira República, segundo Pires (2005), atribuíam-se as prisões dos capoeiras ao crime de lesões corporais. Possivelmente, haverá concomitância dessas hipóteses, mas o que vale é o registro de que muitas afirmações acerca de uma originalidade brasileira ou de ancestralidade africana (sentido da unidade da África como uma ‘nação’ uníssona) podem estar completamente comprometidas.

Assim, entender como o capoeira produz sua vida é de suma importância, uma vez que “A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem.” (MARX e ENGELS, p. 11, 2002).

Ainda na esteira da reflexão marxista, considerando a especificidade da nossa discussão, o investimento nessa dimensão da análise já foi reconhecido por pesquisadores de referência, tal como Abreu, para quem “Por fazer parte do mundo do trabalhador negro de rua, a capoeira, na sua formação, incorporou elementos desse mundo que ficaram marcados no corpo do capoeira de então...” (ABREU, 2005, p. 93-94)

Por tudo isso, compreendemos, pois, no contexto desta dissertação, a necessidade do investimento numa breve releitura de dados da produção da historiografia do tema. Para tanto, tomaremos produção historiográfica no sentido formulado por Saviani (2000): “... uma explicação global do social em seu movimento e em suas estruturações.” (p. 10). Nessa direção, afirma Netto (2000):

... sustenta a história como: *primeiro*, um processo objetivo; segundo, medularmente contraditório; terceiro, no qual concorrem sujeitos coletivos; quarto, que, determinados socialmente, atuam com diferentes graus; cinco, consciência e; seis, com teleologias diversas. [(idem, 2000, p. 54-55)

Dando continuidade, Netto (2000) esmiúça o sentido das assertivas comentadas acima:

Em outras palavras, quanto ao processo objetivo, isso significa que se trata de uma processualidade que porta em si mesma uma especificidade primariamente independente das representações que dela façam os sujeitos; segundo, esse processo é contraditório, já que ele é marcado pela tensão entre os interesses sociais que circunscrevem os diferentes sujeitos em

presença; terceiro, é um processo com sujeitos, seus sujeitos reais não se plasam como personalidades singulares, mas como grupos sociais vinculados por interesses comuns; quarto, projetos que são conduzidos por sujeitos determinados, isto é, tais sujeitos não se constituem aleatoriamente, mas segundo imperativos e possibilidades que se colocam concretamente nos espaços e tempos precisos; quinto, são sujeitos conscientes, ou seja, esses sujeitos não atuam cegamente, mas direcionados pelo maior ou menor grau de conhecimento que têm dos limites e possibilidades da sua ação; e seis, é um processo que é marcado pela ação dos sujeitos que têm finalidades, têm intenções, sendo, pois, um processo tencionado por sujeitos com suas próprias teleologias. (*idem*, 2000, p. 55)

Continuando, Netto (2000) articula as ações sociais, compostas por individualidades e teleologias marcadas por determinações prévias, como condicionantes da feitura da história.

Cada objetivo do processo histórico responde com um aparente paradoxo, os seus sujeitos atuam com intencionalidades determinadas, mas o processo em si mesmo carece de intencionalidade. Vale dizer, a história não tem uma finalidade imanente e o reconhecimento daquelas intencionalidades, se quiser; os projetos que mobilizam tais sujeitos. Afirmam a história como um espaço de tensão entre a necessidade posta pelas determinações sociais concretas e a liberdade posta pelo horizonte de fins que, animam os sujeitos. Mas, concretamente, afirmam a história como um campo aberto de possibilidades. (*idem*, 2000, p. 55)

A forma como estruturamos nosso pensamento está pautada nessa racionalidade, daí a importância conferida, no contexto desta dissertação, ao modo como o capoeira produz sua vida.<sup>9</sup>

Para compreender a estrutura da capoeira como mercadoria, utilizamos como referência a teoria do valor de Karl Marx, a fim de apreender o desenvolvimento da mercadoria capoeira (forma mercantil) no seio da sociedade capitalista<sup>10</sup>, tendo em vista o contexto histórico social de como o homem produz a vida, dando especial atenção à produção dos bens culturais e de mercadorias na cidade de Salvador nas décadas de 1930 e 1940.

Reafirmamos que o objeto da discussão será a capoeira denominada Regional (década de 1930, em Salvador, Bahia) e de Angola (decênio de 1940 da *Cidade da Bahia*<sup>11</sup>), que, no nosso entendimento, representam as matrizes para a capoeira na forma como está presente nos

<sup>9</sup> Para garantir a vida, não nos remetemos exclusivamente às necessidades de primeira ordem, mas às necessidades construídas ao longo da história para a manutenção do homem nesse determinado grau de desenvolvimento.

<sup>10</sup> Sociedade alicerçada na forma capital, forma socialmente construída historicamente, partindo da forma *natural* de produzir a vida, o trabalho. Trabalho útil gera valor útil, que posteriormente assume a forma mercantil (M-M). Grosso modo, é o exercício de compreender o que é *trabalho abstrato* e *trabalho útil* que gera *valor* (*valor de uso* e *valor de troca*) e, finalmente, a forma do *trabalho produtivo*, que gera *mais valia*, e a forma capital (D-M-D).

<sup>11</sup> Cidade de Salvador, na forma como os antigos moradores do Estado da Bahia se referiam a ela nos início do século XX.

dias de hoje em todos os Estados da federação e em 164 países.<sup>12</sup>

Feitos esses esclarecimentos iniciais, vale reafirmar que não é nosso objetivo retratar o cenário histórico geral da capoeira, mas sim analisar a transição da capoeira de crime<sup>13</sup> a símbolo de brasilidade nos dias de hoje. É justo registrar que a tarefa de tratamento de documentação vem sendo feita com qualidade, em um número cada vez maior de produções, valendo destacar os estudos de Pires (2004), Soares (1999), Dias (2005), Abreu (1999, 2003 e 2005), Oliveira (2006), Landes (2002) entre outros.

Dito isso, referenciados nos pressupostos apresentados a seguir, buscamos destacar passagens da história da capoeira, visando a evidenciar as relações entre o desenvolvimento da capoeira e as condições materiais subjacentes.

## 1.1 – APONTAMENTOS SOBRE A TEORIA DO VALOR DE MARX

De acordo com Marx (1991), a forma embrionária mercantil inicia-se nas sociedades pré-capitalistas. Segundo essa premissa, o primeiro ato histórico do homem é a sua própria existência, que só se torna possível através da ação do trabalho, desde que é o trabalho que produz a riqueza em todos os tempos históricos.

Adentrando com um pouco mais de cuidado nessa reflexão, chamamos a atenção para a síntese formulada por Serrão.

No decorrer desse longo processo de constituição do ser humano, ao realizar sua “atividade material externa”, o que aumentava sua distância com relação aos demais seres vivos, o cérebro humano foi redimensionando seu tamanho

<sup>12</sup> Dados extraídos do e-mail enviado pelo Prof<sup>o</sup> Dr. Sérgio Vieira, presidente da Federação Internacional de Capoeira (FICA) para a Confederação Brasileira de Capoeira (CBC) em 16 de Agosto de 2004 às 11h 39min 24seg.

<sup>13</sup> Referente ao *CÓDIGO PENAL DE 1890; LIVRO III – DAS CONTRAVENÇÕES EM ESPECIE – Capítulo XIII — Dos vadios e capoeiras (arts. 399 a 404)*. Decreto 847, de 11 de outubro de 1890. Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação Capoeiragem; andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta ou incutindo temor de algum mal. Pena: prisão celular de 2 (dois) a 6 (seis) meses. A penalidade é a do art. 96.

Parágrafo único. É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, impor-se-á a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo, a pena do art. 400.

Parágrafo único. Se fôr estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranqüilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

Entretanto, dando um pouco mais de atenção à questão, Almeida (1984), chama a atenção para as curiosas estratégias empreendidas por Bimba para burlar a regra legal: “Até 1927, a capoeira era praticamente ilegal. Bimba conseguia alguns tostões tirado em vaquinhas [sic] para pagar ao delegado e poder ensinar a sua capoeira por uma hora apenas; no fim desse prazo o delegado aparecia com seus soldados e o pessoal se mandava, corria mesmo para tudo parecer real para o povo que assistia.” (ALMEIDA *apud* ABREU, 1999, p. 29, nota 15)

e suas funções, potencializando e diversificando a “atividade humana”, que ganhava intencionalidade. A antecipação da ação prática no pensamento e sua organização segundo objetivos definidos previamente, isto é, as atitudes dos seres humanos diante das necessidades postas pela produção de sua existência, se tornaram capacidades humanas que atingiram e continuam a atingir complexidade crescente. O que era externo ao homem tornou-se também interno, constituindo-o. Assim, novamente conforme Engels, “graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se e [sic] alcançar objetivos cada vez mais elevados”. (s.d., p. 275) (SERRÃO, 2006, p.92-93)

E, complementa:

Pode-se, assim, concordar com o autor quando considera o processo de trabalho como “a condição básica e fundamental de toda vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem.” (Engels, s.d., p. 269) (*ibidem*, p.93)

A partir da contribuição de Serrão, é possível afirmar que o modo de produção social do trabalho é determinado pela condição histórica de desenvolvimento das forças produtivas do homem.<sup>14</sup>

Vejam os fundamentos dessa premissa. O trabalho se estrutura a partir da relação do homem com o meio, e é através dele que se constrói o valor útil. Observemos como Marx descreve essa relação:

A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Essa utilidade, porém, não paira no ar. Determinada pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem o mesmo. O corpo da mercadoria mesmo, como ferro, trigo, diamante etc., é, portanto, um valor de uso ou bem. Esse seu caráter não depende de se a apropriação de suas propriedades úteis custa ao homem muito ou pouco trabalho. (*idem*, 1988-A, p. 45)

Como vimos acima, na base da existência da humanidade está o trabalho como ação produtora de riquezas em todos os tempos. O *valor útil*, ou *valor social* de um objeto é inerente a ele por *natureza*.<sup>15</sup>

À luz desse instrumental heurístico, o *valor* é constituído por uma unidade composta por valor de uso e valor de troca. Por sua vez, o valor de uma mercadoria corresponde à

<sup>14</sup> Esse desenvolvimento não acontece de forma generalizada e simultânea: cada sociedade passa por processos distintos de organização e de desenvolvimento, possuindo características gerais distintas.

<sup>15</sup> Vejam como Marx exemplifica a questão sobre natureza e natureza humana: “...as condições originais de produção surgem como pré-requisitos naturais, como *condições naturais de existência do produtor*, do mesmo modo que seu corpo vivo, embora reproduzido e desenvolvido por ele, não é, originalmente, estabelecido por ele, surgindo, antes, como seu *pré-requisito*; seu próprio ser (físico) é um pressuposto natural não estabelecido por ele mesmo. Essas *condições naturais de existência*, com as quais ele se relaciona como com um *corpo inorgânico*, têm caráter duplo: elas são (I) subjetivas e (II) objetivas. O produtor existe como membro de uma família, de uma tribo, um agrupamento de sua gente, etc. – o que adquire, historicamente, formas diversas resultantes da mistura e conflitos com outros.” (MARX, 1991, p. 82-83)

quantidade, ou o *quantum*<sup>16</sup> de *trabalho abstrato*<sup>17</sup>, ou dispêndio de tempo de trabalho, para sua produção. Já a maneira de mensurar a *forma equivalente* entre mercadorias *é a quantidade de trabalho*<sup>18</sup> necessário para produção dessas mercadorias. Vejamos mais detalhadamente como Marx exemplifica essa relação:

Deixando de lado então o valor de uso dos corpos das mercadorias, resta a elas apenas uma propriedade, que é a de serem produtos do trabalho. Entretanto, produto do trabalho também já se transformou em nossas mãos. Se abstrairmos o seu valor de uso, abstraímos também os componentes e formas corpóreas que fazem dele valor de uso. Deixa já de ser mesa ou casa ou fio ou qualquer outra coisa útil. Todas as suas qualidades sensoriais se apagaram. Também já não é o produto do trabalho do marceneiro ou do pedreiro ou do fiandeiro ou de qualquer outro trabalho produtivo determinado. Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato. (MARX, 1988-A, p. 47)

Sobre valor de troca, à guisa de uma definição mais precisa, recorreremos ao capítulo I de *O Capital*, no qual Marx afirma que “O valor de troca aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço.” (Idem, p. 46). Esses valores, como já vimos anteriormente, correspondem à quantidade de tempo de trabalho para produção de mercadorias, e, sob essa ótica, o valor de troca tem a finalidade de medir o *preço*<sup>19</sup> das mercadorias, possibilitando a troca por mercadorias de *valores equivalentes*.

Realizamos até aqui um *detour* na exposição, a fim de dissecar o conceito de mercadoria sob a ótica marxista. A relevância de tal desvio se justifica pela importância da compreensão desse conceito para um entendimento mais satisfatório das relações capitalistas. Inspiramo-nos, pois, na compreensão dada por Marx de que “... para a sociedade burguesa, a forma celular da economia é a forma de mercadoria do produto do trabalho ou a forma do

<sup>16</sup> Tempo de trabalho socialmente necessário para produção de mercadorias.

<sup>17</sup> Modo através do qual Marx irá explicitar o mecanismo que possibilita a troca de equivalentes. O trabalho é a condição *sine quo non* da existência humana. A produção de mercadorias envolve trabalhos de qualidade e quantidade diferentes.

<sup>18</sup> Como ressalta Marx, ao afirmar que “... uma coisa pode ser valor de uso, sem ser valor. É esse o caso, quando a sua utilidade para o homem **não é mediada por trabalho**. Assim, o ar, o solo virgem, os gramados naturais, as matas não cultivadas etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano, sem ser mercadoria. Quem com seu produto satisfaz sua própria necessidade cria valor de uso, mas não mercadoria. Para produzir mercadoria, ele não precisa produzir apenas valor de uso, mas valor de uso para outros, valor de uso social.” (MARX, 1988-A, p. 49, grifo nosso)

<sup>19</sup> Termo utilizado para designar equivalentes gerais da mercadoria. “A expressão relativa simples de valor de uma mercadoria, por exemplo, do linho, na mercadoria que **já funciona como mercadoria dinheiro, por exemplo**, o ouro, é a forma preço.” (*ibidem*, p. 69, grifo nosso)

valor da mercadoria. Para o leigo, a análise parece perder-se em pedantismo. Trata-se, efetivamente, de pedantismo, mas daquele de que se ocupa com a anatomia microscópica.” (*ibidem*, p. 18)

O surgimento da mercadoria inaugura um novo tempo histórico na humanidade. Do ponto de vista das práticas históricas, a posse ou propriedade privada dos meios de produção<sup>20</sup> e a ampliação da produção de excedentes constituem a base para o surgimento do modo mercantil de produção.

A economia mercantil, baseada no comércio com outras cidades e povos, foi uma característica importante das cidades-estado desse período. Os gregos produziam e vendiam vinho, azeite e utensílios de cerâmica (desenvolvida a princípio para transporte) e importavam cereais (que seu solo pobre não produzia em quantidade suficiente) e metais. Essa economia se marcou, pela primeira vez na Grécia, por ser uma economia monetária. Cunharam-se moedas que eram usadas na troca de produtos e que representavam, também (e segundo alguns autores, principalmente), a garantia e o símbolo de autonomia econômica, política e cultural da polis. (ANDERY, 2004, p. 33)

A mercadoria, condição efêmera apenas existente no momento da troca, é a figura elementar do modo de produção mercantil e, por esse motivo, centro das relações na sociedade do capital. Vejamos como Tumolo (2005) define a heterogeneidade dos diversos processos que se articulam no interior do modo de produção capitalista:

... compreendendo o processo de produção de mercadorias como unidade entre processo de trabalho e processo de formação de valor e, diferentemente, o **processo de produção capitalista**, forma capitalista da produção de mercadorias, como **unidade do processo de trabalho e do processo de valorização**. Este último, cujo escopo é a produção de capital, se distingue do anterior, que tem como finalidade a produção apenas de mercadorias. Ambos se diferenciam do processo simples de trabalho, uma vez que este objetiva a produção somente de valor de uso, de riqueza e, por isso, não pressupõe nenhum dos outros dois processos. O processo de produção de mercadorias implica o processo de trabalho, mas não o processo de produção capitalista, e este, por sua vez, pressupõe os outros dois processos (TUMOLO, 2005, p. 250, grifos do autor).

Vale sublinhar que, de acordo com a percepção do autor, *os diferentes graus de desenvolvimento dos modos de produção carregam em si formulações para o modo de produção posterior*. Para a nossa discussão, o esquema formulado por Tumolo em 2001 parece bastante ilustrativo, vejamos:

---

<sup>20</sup> Meios de produção, a natureza (a terra e tudo que possa ser extraído dela) e os meios de produção (instrumentos que são utilizados para alterar a natureza, entre eles, as ferramentas, o escravo, o servo, o proletário, etc.). Com isso ocorre a separação do homem do trabalho (daquele que se apossa da produção dos outros trabalhadores, como daquele que trabalha, mas não determina o que vai ser produzido e nem como dividir a produção).

Valor de uso (riqueza)	V. U.
Mercadoria	M
Mercadoria – Mercadoria	M–M
Mercadoria – Dinheiro	M–D
Mercadoria – Dinheiro – Mercadoria	M–D–M
Mercadoria – Dinheiro Dinheiro – Mercadoria	M–D D–M
Dinheiro – Mercadoria – Dinheiro	D–M–D
Dinheiro – Mercadoria – Dinheiro + Mais-Valia (?)	D–M–D'

(TUMOLO, 2001, nota 17)

A mercadoria apresenta-se, dessa forma, como “... antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, pelas suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie.” (MARX, 1988-A, p. 45). mas que, ao mesmo tempo,

... é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem por meio de sua atividade modifica as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica. Além de se pôr com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante todas as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa. (*Ibidem*, p. 70)

Nessa citação, encontramos importantes informações para a compreensão da relação entre mercadoria e *alienação*, tendo em vista o caráter metafísico adquirido pela mesa – objeto modificado pela ação social humana – que ganha ares naturais, na relação da troca. Nesse contexto, a mesa, expressão da relação social, é tida como produto da própria natureza. A reflexão abaixo, de Newton Duarte, explicita a questão:

... os seres humanos agem no seu cotidiano como se o valor de troca fosse uma propriedade natural das mercadorias. O fetichismo da mercadoria não é um fetiche religioso, mas sim um fetiche que contém uma naturalização de algo que é social. Um produto das ações humanas é visto pelos próprios seres humanos como se fosse comandado por forças da natureza, como se tivesse vida própria. Trata-se do que poderia ser chamado de fetiche secularizado. A secularização dos fetiches é um fenômeno da sociedade capitalista (DUARTE, 2004, p. 11)

Daí que, a mercadoria, criação dos homens, objeto da necessidade humana, passa, a partir de então, a determinar o que deve ser produzido e os modos através dos quais essa produção se efetivará, não mais atendendo exclusivamente às necessidades dos homens, mas, sobretudo, às necessidades das trocas entre equivalentes. É preciso, todavia, lembrar que a relação de troca carrega em si o valor útil, mas este passa a estar subsumido àquele.

Como consequência dessa nova dinâmica na base produtiva<sup>21</sup>, o produtor estranha o produto de seu trabalho, e, nesse contexto, o homem trabalha, mas não se reconhece nessa atividade.

Até aqui nos detivemos nos fundamentos de tipo conceitual da teoria do valor de Marx. Buscamos, com esta sumária incursão, apresentar, nos limites de nossa formação teórica, ferramentas elementares para o entendimento do cenário da capoeira baiana do século XX. A seguir, dando continuidade à exposição, realizaremos uma análise crítica da produção historiográfica da capoeira.

Dito isso, consideraremos, com maior relevo, as abordagens realizadas por Rêgo (1968), Almeida (1982 e 1999), Decânio Filho (1996-A e 1996-B), Abreu (1999. 2003 e 2005), Pires (2004), Dias (2005) e Oliveira (2005).

## **1.2 – A MERCADORIA CAPOEIRA: PRESSUPOSTOS DA SUA FORMA LARVAR.**

A primeira menção oficial à prática de capoeira data de 25 de Abril de 1789. Nesse contexto, a capoeira era vista como prática criminal, de acordo com Nireu Cavalcante. O registro policial cita a prisão de Adão: pardo, escravo, acusado de ser *capoeira* (“O Capoeira”, Jornal do Brasil, 15/11/1789, citando o código 24, Tribunal da Relação, livro 10, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro).

É mister, na história da capoeira dos séculos XVIII e XIX, ressaltar a relação entre marginalidade e prática da capoeira, aspecto que é confirmado por diferentes historiadores.

Segundo Pires (2004), a transição da situação social dos *capoeiras* – que eram ligados, inicialmente, a práticas pouco respeitáveis da sociedade baiana – para uma condição posterior de pseudo-institucionalidade, está sustentada no fato de que os capoeiras passaram a ocupar postos no *mercado de trabalho* como seguranças, leões de chácara e outras funções que se utilizavam das valências beligerantes dos capoeiras. É curioso observar que a restrição social aos capoeiras não estava restrita à considerada alta sociedade baiana, pois até mesmo grupos então marginalizados, como os *povos de santo*<sup>22</sup>, tinham reservas quanto aos capoeiras.

---

<sup>21</sup> Nomadismo, trabalho comunal, escravidão, servidão e venda de força de trabalho estão na base produtiva em diferentes tempos históricos, devido às formas sociais de relação entre os homens. Na articulação entre propriedade privada e meios de produção, o gênero humano estabelece relações de trabalho que exploram o trabalho de outros homens. “Sob todas as condições, o tempo de trabalho, que custa a produção dos meios de subsistência, havia de interessar ao homem, embora não igualmente nos diferentes estágios de desenvolvimento. Finalmente, tão logo os homens trabalham uns para os outros de alguma maneira, seu trabalho adquire também uma forma social.” (MARX, 1988-A, p. 70)

<sup>22</sup> Povos de Santo é uma denominação dada aos praticantes das religiões de matriz africana, em especial as nações de *candomblé*, prática religiosa de origem Nagô (também denominados de: Yorubás, Akus, Anagunan,



O diálogo abaixo entre Ruth Landes<sup>23</sup> e Edson Carneiro<sup>24</sup>, documentado na obra *A Cidade das Mulheres*<sup>25</sup>, ilustra essa relação:

- Ah-h-h! Aí está. – Demonstrou o seu contentamento fazendo estalar os dedos. – Ótimo! Há canto, música e competições de samba. Depois, o jogo da capoeira. Conhece capoeira?
- Não.
- É claro que não. É outra coisa que **a polícia tenta proibir e, nesse caso, as mães<sup>26</sup> estão de acordo**. A capoeira é uma espécie de contenda que os escravos fugidos criaram. Assemelha-se ao *jiu-jitsu* e pode tornar-se muito perigosa. Soube que **há uma academia no Rio que a ensina. Por aqui, tiraram-lhe o veneno, proibindo os golpes mais difíceis e violentos. E lutam com música!**
- Por que as sacerdotisas se opõem?
- Bom, porque dizem que os homens da capoeira não acreditam em Deus. Tomam muita cachaça, são useiros e vezeiros em brigas, às vezes são transgressores da lei; é um outro mundo. Pessoalmente penso que é porque os capoeiras são todos homens e não há lugar para mulheres entre eles.
- E jogam capoeira na festa da Mãe-d'Água?
- Jogam, na feira, não na cerimônia.

Na mesma obra, ainda sobre a capoeira, Ruth Landes, apresenta notas de campo registradas em meio a uma Feira no bairro de Itapagipe<sup>27</sup>:

- Os dois homens cumprimentaram-se com um abraço à brasileira. – Olá, Manuel! Olá, flor! Que há de novo? – respondeu Édison, e me apresentou o homem. – Este é Pai Manuel, um ótimo sujeito! Ouça, Manuel. Onde podemos encontrar alguma coisa boa? Candomblé, não. Capoeira? Há séculos que não sinto o cheiro de suor e de cachaça. Naturalmente, você é crente demais para se aproximar deles. Mas dê-nos algumas indicações. Deve ter ouvido qualquer coisa a respeito, hein, flor? – E bateu com força no musculoso ombro esquerdo do mulato.
- Dizem que Querido-de-Deus<sup>28</sup> luta hoje. Vi um grupo levando berimbaus nessa direção. – Manuel apontou para a esquerda. – Com este calor, é uma boa caminhada – advertiu, mexendo com os olhos e dando estalos com os dedos.
  - E daí? Somos homens e a moça é americana – isso quer dizer valente! Além disso, somos gente moça e não um ‘santo’ velho como você, hein, seu

---

etc.).

<sup>23</sup> Pesquisadora Norte Americana que veio ao Brasil com o intuito de estudar as relações sociais neste país nos anos de 1938-1939.

<sup>24</sup> Bacharel em direito, jornalista, de forte vocação antropológica, uma das figuras mais renomadas no campo da antropologia social do negro, considerado sucessor de Nina Rodrigues. Importante personalidade na capoeira, devido à sua iniciativa de organizar uma associação de capoeiras, em 1937, durante o II Congresso Afro-Brasileiro, que aconteceu na Bahia.

<sup>25</sup> Livro polêmico, que ressalta as relações sociais dos negros na cidade de Salvador da década de 1930. Destacado pelo antropólogo Peter Fry, por tocar “... em pelo menos três feridas antropológicas da época: o *status* das mulheres na sociedade brasileira, o lugar da África na interpretação da ‘cultura negra’ no Novo Mundo e a relação entre homossexualidade masculina e religiosidade afro-brasileira.” (FRY in LANDES, 2002, p. 23-24).

<sup>26</sup> Denominação dada por Carneiro, referindo-se às Mães de Santo, chefes dos terreiros de candomblé.

<sup>27</sup> Península de Itapagipe, localidade de Salvador citada no Livro *A cidade das mulheres* como bairro, localizado na parte baixa da cidade, ao nível do mar, moradia das classes populares de Salvador.

<sup>28</sup> Samuel Querido de Deus é figura presente na lista dos capoeiras mais importantes do começo do século XX, inspiração de Jorge Amado em *Mar Morto, Tenda dos Milagres e Capitães de Areia*

Manuel?

- Ótimo. Mas não esqueça, os deuses baixam hoje no templo de Mãe Cotinha... Adeus. E o sacerdote seguiu o seu caminho.

- Então ele não quer assistir a capoeira? – perguntei. – É um homem pacífico demais?

Mais uma vez. as questões relativas às relações entre capoeira e Candomblé tomam parte do diálogo e, nessa ocasião, ocorre a contextualização da dissociabilidade dos dois espaços:

**... os capoeiras não se importam com o candomblé.** Talvez gostem de mais algazarra do que encontram no templo e é certo que a maioria dos homens pouco pode fazer no meio de tantas mulheres em transe. **Há tão grande tensão entre eles que você os julgaria inimigos. Talvez o tenham sido, na África. Talvez ainda continuem uma antiga disputa entre o candomblé iorubá da Costa Ocidental e a capoeira de Angola do Sul.** (grifos nossos)

- Mas agora estão no Brasil – lembrei.

Ao chegarem o local da Roda de Capoeira, Ruth Landes faz uma longa descrição do espaço

Chegáramos ao lugar onde os homens se preparavam para a capoeira. Os espectadores se apinhavam à volta de um largo círculo e não havia nem mulher nem sacerdote entre eles. Num ponto do interior do círculo estavam três negros altos, cada qual segurando um berimbau, com uma das extremidades apoiada no chão. Logo surgiram outros instrumentistas – um com um chocalho, outro com um pandeiro. Édison e os outros me ajudaram a chegar à frente e ficamos contentes por mudar de assunto.

Dois capoeiras estavam agachados diante dos músicos. Um era o campeão Querido-de-Deus, cujo nome de batismo era Samuel. Era alto, mulato, de meia-idade, musculoso, pescador de profissão. O seu adversário era Onça Preta, mais moço, mais baixo, mais gordo. Estavam ambos descalços, usavam camisas-de-meia listadas, um de calças brancas, outro de calças escuras, um de chapéu de feltro, outro com um boné que depois trocou por um palheta. Agachados, de chapéu e descalços, tinham um dos braços apoiado nas coxas e olhavam diretamente para a frente, descansando. Eram obrigados a guardar silêncio e a obrigação estendia-se à assistência.

A orquestra deu início à diversão, numa desafinada invocação; e esse fundo musical monótono, também, era essencial à ocasião. Era uma espécie de lamentosa tessitura anasalada, dentro da qual os homens realizavam maravilhas acrobáticas, sempre dentro da batida correta, enquanto os instrumentistas cantavam versos zombeteiros:

Era uma canção de desafio, esperança e resignação, com fragmentos de idéias de rebeldia. Não possuía um tema único, bem trabalhado, mas resumia um tipo de vida e de protesto. E fazia começar a luta.

Querido-de-Deus balançava os quadris enquanto encarava o adversário, mostrando-lhe os dentes, e avaliava as suas possibilidades. **A luta envolvia todas as partes do corpo, exceto as mãos, precaução exigida pela polícia para evitar danos.** À medida que os movimentos se amoldavam à música, eles se movimentavam numa seqüência lenta, como de sonho, que mais parecia uma dança do que uma luta. Como o regulamento estipulava que os capoeiras não deviam machucar-se uns aos outros, os golpes tornavam-se

posturas acrobáticas, de valor para o cômputo final, com nomes e classificação. Havia vários tipos de capoeira, com sutilezas na forma e na seqüência dos golpes e no modo de tocar os berimbaus.

Destacamos aqui as impressões da autora:

Para mim aquela era uma exibição incongruente e maravilhosa, para os outros era maravilhosa e inteiramente absorvente. Para eles estava certo. Mas os versos me levaram a conjecturas acerca de escravidão, rebeldia e escárnio e eu estava perplexa ante o estilo do espetáculo, **que roubava à capoeira o seu aguilhão original. A polícia suprimira o aguilhão e os negros tinham convertido o remanescente numa fantástica e pungente dança. As canções teriam ainda significação para o povo? Lembrariam as lutas que as haviam inspirado ou apenas dramatizavam os homens negros, como o candomblé dramatizava as mulheres negras? As camadas de espectadores estavam imóveis, de rostos impassíveis.** (Grifos nossos) (LANDES, 2002, p. 137-154)

Feito esse parêntese, acentuamos que, no final do século XIX e início do século XX, a capoeira ainda não se constituía plenamente como uma mercadoria. Antes, a capoeira figurava como uma qualificação que habilitava os seus praticantes a ingressarem no *mercado de trabalho*<sup>29</sup>, nas condições já citadas no texto. Acreditamos que o período histórico de maior proeminência para essa expressão do fenômeno ocorre no final do século XIX. Segundo Abreu (2005, p.10), a prática fora desenvolvida pelos, “... capoeiras baianos [...] que formaram a tradição do jogo da capoeira baiana, hoje universalizada como o jogo da capoeira”. Entretanto, *a luta pela sobrevivência* no novo sistema social atribui características distintas para a capoeira em diferentes locais.

A documentação presente nos estudos de Pires (2001) e Soares (1994; 2001) nos trazem um panorama carioca da capoeira no Império e na Primeira República. No caso da Bahia, Abreu (2003; 2005) destaca elementos dessa manifestação que se apresentava de forma diversa. Ainda na Bahia e em Pernambuco, Oliveira (2005) e SILVA (2006) descrevem a capoeira desse período como prática de *valentões*: “... os capoeiras de Pernambuco, mais especificamente de Recife, [...] ficaram conhecidos como os Brabos.” (SILVA, 2006, p.44).

De acordo com Annunziato (2006), citando Pires, no Rio de Janeiro do século XIX, os capoeiras assumem uma perspectiva mais beligerante e organizativa, diferentemente da Bahia, em que se destacariam aspectos mais lúdicos da sua prática:

Os registros policiais baianos não fazem menção à ‘capoeira’. Mesmo a partir do código penal de 1890, o enquadramento legal não se dava pelo artigo 402, mas, por exemplo, pelo artigo 303, por ‘lesões corporais’. Pires (2004, p.161) alude à “possibilidade de existência de uma intensidade lúdica

<sup>29</sup> A capoeira, nesses casos, não se constitui como condição *sine qua non* para o posto de trabalho, muito menos os capoeiras faziam da atividade da capoeira seu meio de subsistência.

maior entre praticantes baianos”, afirmando que “alguns aspectos lúdicos se revelaram muito mais pelos indícios orais do que pelos contidos nos registros jurídicos e policiais”. (ANNUNCIATO, 2006, p. 09).

Assim, os registros relativos à prática da capoeira, no final do século XIX e começo do século XX, resumidamente, referem-se à prática de valentões, atividade lúdico-recreativa e manifestação criminal. O breve investimento na análise desse período histórico teve a finalidade de evidenciar que, na relação entre o sujeito e a prática da capoeira, prevalecia o valor de uso para seu produtor.

Ainda no bojo dessa discussão, é interessante ressaltar que as necessidades dos produtores da capoeira, na Bahia, no início do século XX, originavam-se em meio a um ambiente social marcado pelo tempo livre entre as atividades laborativas, confrontos físicos e delimitação de relações de poder.<sup>30</sup> A descrição realizada por Abreu (2005) da Bahia do séc. XIX ilustra um cenário que permaneceria latente até o início do séc. XX.

Na moita, em vigília, atento à concorrência, pois o mercado de trabalho na rua podia ser disputado. Necessitava da esperteza, ainda mais que aquele mercado era um campo minado por diferenças/rixas (a despeito da existência das solidariedades) entre africanos e crioulos, trabalhadores livres e escravos, numa disputa em que os últimos muitas vezes tiveram como aliados seus senhores, decidindo para eles, as melhores oportunidades de trabalho. Relembro as disputas entre carroceiros e carregadores pelas cargas e fretes, razão de muitas refregas. (*ibidem*, p.105)

Na mesma obra de Abreu, observamos uma descrição feita por Antonio Vianna sobre as relações comerciais ocorridas nos cais do porto de Salvador.

Assisti, no Cais do Ouro, hoje Praça Deodoro, a terríveis competições entre ganhadores e carroceiros. O local propiciava por ser estacionamento de veículos e carregadores. Surgia a desconfiança, por um nada. Fomentava o desejo da desforra. Estalava a primeira bofetada. A réplica violenta. Avolumava o curso do ódio, nos avanços e negaças. Duravam longos minutos essas refregas às vistas gozadoras dos companheiros, que se não envolviam para apaziguar. (VIANNA *apud* ABREU, 2005, p.105)

Considerado esses aspectos mais gerais na análise, iniciamos um segundo momento do debate, e nele, buscamos analisar a adaptação da capoeira aos valores sociais burgueses. Nesse sentido, articular o desenvolvimento da capoeira com seus respectivos contextos históricos nos séculos XIX e XX, na região do Recôncavo Baiano<sup>31</sup>, constitui a chave para o

<sup>30</sup> Objeto de estudo tratado por Annunziato (2006)

<sup>31</sup> Cabe aqui uma ressalva. Segundo Florestan Fernandes, o Brasil viveu um capitalismo específico de periferia do mercado mundial, assumindo características do modo de produção agrária de monocultura extrativista. Isso se reflete em toda a composição social da Bahia até meados do século XX, quando se inicia uma tentativa, pelo menos nas capitais brasileiras, de uma urbanização burguesa, nos moldes europeus do século XIX.

entendimento da relação da capoeira no mundo capitalista.<sup>32</sup>

### 1.3 CAPOEIRA MERCANTIL: BASE DE ANÁLISE DA CAPOEIRA MODERNA

De início, faz-se necessário acentuar a existência de registros históricos que confirmam o fato de que a relação entre capoeira e mercadoria não se inaugura com a criação da *Luta Regional Baiana*. Ela assim foi nomeada pelo seu criador, Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), segundo o qual inovações radicais diferenciariam a **sua** capoeira dos demais estilos de capoeira existentes na época. Como parte desse esforço, Mestre Bimba denomina de *Capoeira de Angola* o estilo de capoeira praticado pelos demais.<sup>33</sup>

Nessa direção, vejamos um depoimento do Mestre Waldemar da Paixão<sup>34</sup>, documentado por Abreu (2003):

Foi quando eu peguei a aprender com eles. Eu era rapazinho. **Comprava duzentos réis de vinho tinto**, aquele copo branco de alça, ele tomava e dizia: ‘pegue na boca da minha calça!’ Eu levava pra pegar na boca da calça dele e ele virava aquela cambalhota desgraçada e já cobria [com] o rabo de arraia. Quando eu ia levantando ele dizia: ‘não levante não, lá vai outro!’ Os alunos deles jogavam com a gente como que [se] a gente já era [fosse] bom. [sic] (WALDEMAR *apud* ABREU, 2003, p. 16, grifo nosso).

Através desse depoimento, é possível observar uma experiência, segundo Abreu (2003)<sup>35</sup>, muito comum no início do séc. XX: trata-se de uma peculiar relação no ensino-aprendizagem da capoeira. Os destaques desta citação são: *a tradição da docência na capoeira*, aspecto que daremos maior destaque posteriormente, e a relação de *troca de mercadorias* entre Waldemar e seu ”mestre”.

Muitos são os pontos do depoimento de Waldemar que mereceriam ser postos em evidência. Contudo, restringindo-nos ao essencial, é importante ressaltar que, já nos idos dos

<sup>32</sup> Mesmo que de forma atrasada, o Brasil possui uma aceleração em pólos industriais para se alinhar à concorrência mundial e entrar, não como produtor de matérias primas, mas como produtor de mercadorias industriais.

<sup>33</sup> Segundo Abreu, em palestra proferida no I SENECA – Seminário Nacional de Estudos sobre Capoeira, ocorrido em Campinas, em maio de 2004. Já em *Bimba é bamba*, encontramos a menção ao próprio mestre Bimba quanto à criação da Regional: “...em 1928 eu criei, completa, a Regional, que é o batuque misturado com a Angola.” (ABREU, 1999, p. 34, nota 16).

<sup>34</sup> Mestre que teve seu prestígio paralelo ao de Mestre Bimba e Mestre Pastinha, conhecido por suas habilidades musicais e pela confecção de berimbaus. A nossa escolha por um depoimento dele, entre tantos outros capoeiras, deve-se à necessidade de uma perspectiva que fuja das relações entre as Capoeiras de *Angola-Gengibirra* e *Regional*.

<sup>35</sup> “... afinidade dos capoeiras de antigamente com a cachaça se entende por que duzentos réis de vinho tinto se transformaram numa moeda de agrado com a qual um rapazinho (Waldemar) convenceu um mestre a lhe ensinar capoeira. E o cancionero, refinado veículo da memória dos capoeiristas, não deixou escapar esta afinidade.” (idem, p. 19)

anos de 1930, o episódio do vinho denuncia a presença de relações de troca na capoeira, nas quais está envolvida a docência. Note-se que o vinho possuía valor útil para o *mestre* – satisfação de qualquer espécie de necessidade (saciar a sede, embriagar-se, diversão etc.) – e possuía o valor da troca para Waldemar – a aula (a não ser que ele também necessitasse do copo de vinho, pelos mesmos motivos do mestre). Aqui a relação ensino de capoeira é estabelecida como uma troca entre mestre e aprendiz, já que o primeiro troca com o segundo a aula por um copo de vinho, mas a troca poderia ser feita a partir de outras necessidades de ambos.

É importante frisar ainda que, nesse período histórico, a relação mercantil da capoeira se estabelecia sem a mediação da moeda que permitiria a troca (*duzentos réis*, preço da quantidade exigida de vinho tinto), o que confirma nossas suspeitas de que a capoeira, na sociedade capitalista, encontrava-se, nesse período, em sua forma embrionária.

No bojo desse quadro, dando continuidade à discussão, consideraremos como ponto de partida da formação da *Luta Regional Baiana*, um importante encontro ocorrido na cidade de Salvador, na década de 1930. Trata-se do encontro entre José Cisnando Lima e Manoel dos Reis Machado, ato histórico, que desencadearia mudanças profundas no universo da capoeira.

Alguns esclarecimentos sobre essas duas personalidades se fazem necessários. Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, é personalidade da capoeira moderna<sup>36</sup> que mais despertou a curiosidade de pesquisadores em todo o mundo. Tal proeminência é justificada por Abreu em função das circunstâncias da criação da *Luta Regional Baiana*, quando Mestre Bimba “... estava no eixo das transformações, por ter inventado a *Luta Regional Baiana* – iniciativa que (re)orientou o futuro da capoeiragem.” (*idem*, 1999, p. 11)

Talvez por isso, no contato com a vasta bibliografia sobre a capoeira, seja quase impossível encontrar textos que não façam menção a Manoel dos Reis Machado, homem de origem humilde, trabalhador portuário, de pouca qualificação intelectual escolar, que gozava de fama de grande lutador nas ruas da cidade da Bahia.

Nas diversas biografias de Mestre Bimba – Sodré (2002), Decanio Filho (1996-A), Abreu (1999) e Almeida (1982 e 1999)<sup>37</sup> –, é curioso, observar um aspecto controverso da história da criação da *Luta Regional Baiana*: o modo como um homem com pouca escolaridade incorpora elementos da cultura escolar erudita na sistematização do seu método de ensino. Nesse contexto, o ato de criação da *Regional* representa, no nosso entendimento, a culminância de um processo que se inicia logo após a instituição da Primeira República.

<sup>36</sup> Termo que designa a prática da capoeira que se inicia nos anos 1930 e se mantém até os dias atuais.

<sup>37</sup> Com a exceção de Abreu, todos eram ex-alunos de Mestre Bimba.

Abordaremos esta questão com mais cuidado posteriormente.

Documentos dessa época indicam José Cisnando Lima como o responsável pela formação da primeira turma de capoeira, composta por estudantes de medicina, que era mentor intelectual para Mestre Bimba, auxiliando-o no processo de sistematização do método de ensino. Um aspecto curioso dessa turma é a origem dos seus membros que, como Cisnando, eram quase todos cearenses. Naquela época, a Faculdade de Medicina da Bahia (primeira do Brasil) era referência nacional em ensino superior, e nela estudavam os filhos da elite do Nordeste do Brasil.

Atribui-se a José Cisnando Lima uma importância superior na criação da Regional. Vejamos como Decanio Filho (1996-A) o descreve:

Tudo começou com ele! [...] Cisnando encontrou Bimba no Curuzu – bairro da Liberdade... Bimba ensinou o jogo de capoeira a Cisnando... Cisnando ensinou a Bimba a nomenclatura acadêmica e a pedagogia da capoeira... Bimba aprovou a sistematização do ensino da capoeira... Cisnando sugeriu a Bimba a criação da Luta Regional Baiana [...] um passo adiante do jogo da capoeira... no rumo da defesa pessoal... Cisnando levou Bimba ao Palácio... para mostrar a luta regional baiana ao Ten. Juracy Magalhães... Juracy facilitou o ensino da capoeira sob o rótulo de luta regional... autorizou o funcionamento do 'Clube de União em Apuros'... na Roça do Lobo... a primeira academia de capoeira do mundo! Juracy conduziu Cisnando e Bimba ao Presidente Getúlio Vargas... Getúlio acreditou na Luta Regional Brasileira como esporte e cultura... (idem, p. 118)

As referências consultadas sobre a história da capoeira coincidem em relação à importância desse encontro. Acreditamos que essa passagem histórica representa a crisálida da expansão da capoeira quatro décadas após a década de 30 do século passado. Ademais, ela corresponde ao dado histórico sobre o assunto mais documentado até os dias atuais.

Note-se a interpretação dada ao encontro pelo aluno mais velho do mestre Bimba, ainda vivo, Ângelo Decânio Filho: “Cisnando trazia no bolso uma senha... [sic] o acesso ao Palácio e ao Interventor da Bahia, o Ten. Juracy Magalhães” (DECÂNIO FILHO, 1996-A). O depoimento de Decânio Filho reflete a importância desse acontecimento para a permissão oficial da prática da Luta Regional Baiana (1932), contrariando a regra nacional referente ao registro oficial do Centro de Cultura Física Regional<sup>38</sup> (1937). Destaque-se equivalência com

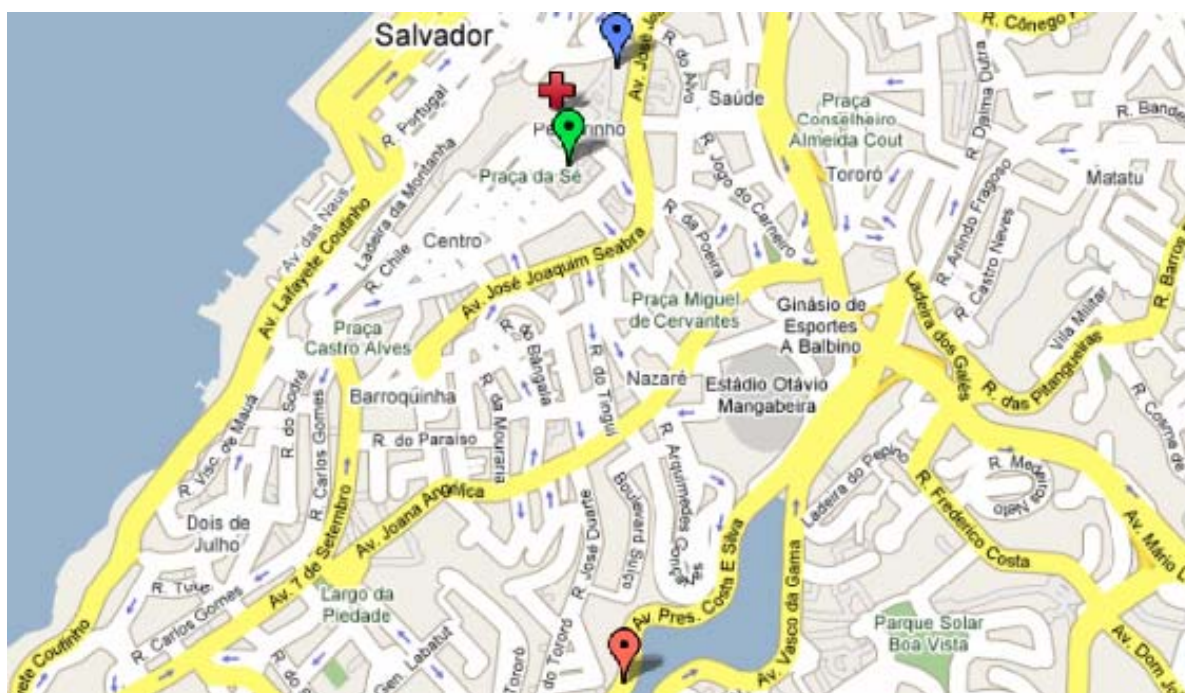
---

<sup>38</sup> De acordo com Abreu (1999), “... a academia de Bimba foi registrada como *Centro de Cultura Física Regional*, ficando a palavra capoeira subentendida, pois, de acordo com a lei, era sinônimo de desordem, vagabundagem, capadoçagem. Nos anos 30, na Bahia, através de Centros de Educação Física, com funcionamento permitido por lei, começou a se difundir com mais intensidade o culturalismo físico: ginástica, luta, esporte, tendo entre seus aficionados “gente de fino trato”. Atento a essa realidade o mestre registrou a sua academia como se fosse para ensinar educação física, dando a ela nome de Centro, utilizando esse recurso como “fachada” para o ensino da Capoeira Regional. Assim, Bimba costumava explicar a legalidade do seu ensino:

a educação física concedida ao ensino da capoeira, o que equivale ao título de professor de Educação Física para Manoel dos Reis Machado (1937).

O primeiro mestre de capoeira a abrir Academia foi o mestre Bimba (Manuel das Reis Machado), em 1932, no Engenho Velho de Brotas [sic], por sinal, também o primeiro a conseguir registro oficial do govêrno, para a sua academia chamada *Centro de Cultura Física e Capoeira Regional*, num período em que o Brasil caminhava para o pleno regime de fôrça e que as leis penais consideravam os capoeiristas como delinqüentes perigosos. Qualificando o ensino de sua capoeira como ensino de educação física, a então Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública expediu o seguinte certificado de registro à academia de capoeira de Mestre Bimba, a 9 de julho de 1937:... (RÊGO, 1968, p. 282).

A seguir, é possível visualizar mapa que ilustra a migração da Academia de Mestre Bimba do Tororó (seta vermelha) para as proximidades da Faculdade de Medicina (cruz vermelha), localizada no Terreiro de Jesus. O local da última academia do Mestre Bimba, em Salvador, está sinalizado pela seta verde. Ainda compondo o mapa, há a indicação da localização da academia de Mestre Pastinha (seta azul).



Fonte: Google Maps

O mundo, na década de 1930, já havia passado por uma revolução socialista, uma guerra mundial e pela expansão do mercado mundial de forma gigantesca, dadas as contribuições do modelo taylorista-fordista<sup>39</sup> de produção. Nesse contexto, a necessidade de

‘Tenho na parede uma autorização da Secretaria de Educação. Sou professor de cultura física. Ninguém pode mexer comigo’. E exibia o seu imenso sorriso maroto.” (SODRÉ *apud* ABREU, 1999, p. 30, nota 15)

<sup>39</sup> Modo de organização da produção, iniciado no século XX, sistematizado por Taylor. Taylor, ao observar a



novos mercados obrigava as políticas internacionais a apoiar, em diferentes esferas, investimentos que visavam ao progresso em países<sup>40</sup> que viviam na periferia do mercado.

No bojo destas transformações, Juracy Magalhães, aos 26 anos, assume o cargo de interventor do Estado da Bahia, em 19 de setembro de 1931 e, contrariando a tradicional elite baiana, inicia ações políticas que visavam à desestruturação da lógica econômica que mantinha no poder as elites agrárias ligadas ao coronelismo, ações que indiretamente possibilitariam a legalização da prática da capoeira.

Juracy Montenegro Magalhães, natural do Ceará, representante do movimento Tenentista<sup>41</sup>, insere-se nesse contexto pela via do Estado Novo da era Vargas. “Era simpático ao candomblé e amigo pessoal de um importante pai de santo, Manoel Bernardino da Paixão, o Bernardino do Bate Folha. Há, na Bahia, toda uma tradição oral, em parte certamente exagerada, sobre o nível de relacionamento do pai de santo com o governador Juracy. Algumas pessoas afirmam que ele era ogã<sup>42</sup> do Terreiro do Bate Folha, o que parece certo; outras o dizem simplesmente cliente e outras ainda, filho de santo (com ‘bori e santo assentado’\*5<sup>43</sup>) de Bernadino.” (LIMA apud ABREU, 1999, p. 25, nota 6

Em alusão às ações empreendidas por Juracy Magalhães no tocante ao favorecimento da capoeira, destaca-se a realização, pela primeira vez em palácio governamental, de uma

rotina dos trabalhadores, criou um sistema de controle dos seus gestos, conseguindo elevar significativamente a produção de mercadorias. Ford, inspirado no método de Taylor, acrescentou ao método a divisão exacerbada dos momentos da produção, levando à implementação das linhas de montagem, o que permitiu, por sua vez, diminuir o tempo de produção de mercadorias. Esse modelo tinha como finalidade principal construir bens de consumo, como automóveis, a preços muito mais baixos.

<sup>40</sup> De um modo mais geral, é possível caracterizar o modo de produção fordista através da sentença: “produção de massa significa consumo de massa”. A realização desse modo de produção, por sua vez, exigia do Estado a assunção de uma série de obrigações, uma vez que a produção de massa requeria pesados investimentos em capital fixo, além de condições de demanda relativamente estáveis para ser lucrativa. Nesse particular, caberia ao Estado o controle de ciclos econômicos através de uma combinação de políticas fiscais e monetárias: “... essas políticas eram dirigidas para as áreas de investimento público – em setores como o transporte, os equipamentos públicos etc. – vitais para o crescimento da produção e do consumo de massa e que também garantiam um emprego relativamente pleno.” Harvey(2005, p. 129). Em resumo, o Estado assumia um caráter intervencionista, mediando conflitos e preservando o avanço do capitalismo em meio à Guerra Fria (SANTOS, 2007, p. 73)

<sup>41</sup> Movimento dentro das forças armadas brasileiras, liderada por jovens oficiais, que desejava o fim da política do café com leite e sintonizava com idéias democráticas de influência liberal, pregadas por Vargas nos anos de 1930.

<sup>42</sup> Membro elevado na hierarquia dos terreiros de candomblé, uma espécie de sacerdote, que é responsável pelas relações externas à incorporação dos ‘santos’ (oriçá) do terreiro. Nascimento descreve que os Ogãs “[...] funcionavam como espécie de patronos honorários do candomblé, em geral pessoas com prestígio bastante para proteger o terreiro, seu corpo sacerdotal, e seus frequentadores-crentes, da violência costumeira das autoridades públicas. É comum também que os ogans defendam o candomblé da tradicional inimizade da igreja Católica; eles socorriam ainda o terreiro em suas dificuldades financeiras. Usualmente, sendo o ogan uma pessoa influente na comunidade dominante, teria que ser em sua maioria pessoas brancas. Seja qual for a boa intenção desses ‘patronos’, a origem e existência dos mesmo como um fenômeno social implicitamente documentam as dificuldades que se erguem no caminho das religiões afro-brasileiras.” (NASCIMENTO apud ABREU, 1999, p. 25, nota 6)

<sup>43</sup> Na religião dos povos de língua Yorubás, ‘Bori’ representa o alimento da cabeça, processo ritual de iniciação ao assentamento do ‘santo’

### exibição da *Luta regional Baiana*.

Mestre Bimba foi o primeiro capoeirista, na história turbulenta da capoeira, em todo Brasil, a entrar em palácio governamental e se exhibir, com seus alunos, para um governador, que queria mostrar a nossa herança cultural a seus amigos e autoridades convidados e como tal escolheu outrora perseguida capoeira, justamente numa época em que estávamos sob um regime de ditadura violenta. A respeito de sua exibição em palácio do governador, em tão grave momento político, contaram-me pessoas ligadas a Mestre Bimba que de certa feita se achava ele tranqüilo, em sua academia, quando lhe apareceu um guarda de palácio, fazendo-lhe a entrega de um envelope, contendo um convite para comparecer ao palácio. Sabendo-se capoeira e conhecido da polícia, assustou-se e não teve a menor dúvida de que se tratava de sua prisão. Preparou-se, comunicou o fato a seus discípulos e avisou que caso não voltasse é porque estaria preso. Ao chegar em palácio teve uma grande surpresa e contentamento. O então Interventor Federal na Bahia, Sr. Juracy Montenegro Magalhães, hoje no posto de General do Exército Brasileiro, pediu-lhe que se exhibisse em palácio, com seus alunos, para um grupo de autoridades e amigos seus.” – Este episódio, na verdade, desviava o curso de uma tendência segregacionista da época, que só permitia o acesso dos negros aos palácios na condição de serviçais (cozinheiros, seguranças, lixeiros etc.) ou como doutores – uma raridade. Mestre Bimba teve acesso como convidado, como mestre de um **ofício de eminência negra** [...] É possível que por trás do convite para a capoeira se apresentar no palácio estivesse uma forma sutil de apresentá-la como um resíduo exótico e pitoresco de “nossa herança cultural” (nosso passado) que certamente o progresso iria suprimir, segundo a expectativa das elites. No entanto, a desconfiança de Bimba ao receber o convite e o rigor da sua postura frente ao deslumbramento de Juracy são sinais de que o mestre estava vacinado para as sutilezas, não permitindo folclorizar-se. E, sabendo desfazer o eventualismo da situação, tirou partido dela para o seu projeto: “Logo depois (da apresentação para Juracy) ela (a capoeira) estava liberada”, (Última Hora, 25/3/69). Antes do Mestre Bimba, no início dos anos 30, Mãe Aninha, “figura modelar do candomblé baiano desse tempo”, também se aproximou do poder político e, “por intermédio de seu filho de santo Oswaldo Aranha, chefe da Casa Civil de Getúlio Vargas, pediu ao presidente da República a liberação da prática do candomblé, provocando a edição do Decreto Presidencial nº 1.202. – Essas aproximações das lideranças negras com o poder político se oportunizaram, em fase de hegemonia do getulismo, num campo politicamente minado. “Getulio teve uma política bem do tipo Napoleão Bonaparte – toma lá da cá. **Em 1934 extingue o decreto lei que proibia a capoeira** e a prática dos cultos afro-brasileiros. (ABREU, 1999, p. 32, nota 16, grifo nosso)

No bojo desse quadro, a oficialização da capoeira respondia à necessidade de o Estado Getulista construir uma política pautada no nacionalismo. Nessa direção, não é de se admirar, que, sob a inspiração das expressões estéticas da *Semana de Arte Moderna de 22*<sup>44</sup>, ocorra a emergência da capoeira como uma prática legal.

Mas como, nesse contexto, a capoeira se transforma em diferentes mercadorias?

<sup>44</sup> Semana que inaugura a fase modernista dos artistas brasileiros (mais restrita à capital do Estado de São Paulo, centro econômico do país), rompendo com os padrões estéticos importados da Europa.

Inicialmente, consideramos que a capoeira se constituía como um elemento da cultura corporal<sup>45</sup> do ambiente da *classe trabalhadora*, que, posteriormente, assume a lógica social (*pré-capitalista*) da Cidade da Bahia do início do século XX. Dando continuidade à exposição, destacaremos os desdobramentos do ato de legalização da capoeira.

### 1.3.1 – OS DESDOBRAMENTOS DA MERCADORIA CAPOEIRA

*O tempo passava e outros nobres capoeiras ocupavam a cena principal. Agora era Bimba, Noronha, Maré, Aberrê, Pastinha e outros mestres na arte de civilizar – aqueles que vão refinar os usos e costumes da capoeira, indicar-lhe novas possibilidades, minar a resistência que a sociedade lhe fazia e vencer a sistemática perseguição policial.*

ABREU, 1999, p. 17.

Após a supressão das leis que criminalizaram a capoeira, é iniciado um processo de diferenciação e expansão da sua prática, com a ampliação das possibilidades de investimento de Mestre Bimba na Luta Regional Baiana, organização dos *capoeiras de Angola* e, posteriormente, na cidade do Rio de Janeiro, com o surgimento dos *grupos de capoeira*.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> Conceito desenvolvido no livro *Metodologia do Ensino da Educação Física* (1992), que se refere às atividades desenvolvidas pelo homem e à ação corporal humana. “A Educação Física é uma disciplina que trata pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividades particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituirão seu conteúdo” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 61-62). Dando continuidade à discussão sobre o conceito, afirma-se: “O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético, os outros, que são representações, idéias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de “significações objetivas”. Em face delas, ele desenvolve um “sentido pessoal” que exprime sua subjetividade e relaciona as significações objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações (Idem, p. 62). A relação do homem com o mundo é, portanto, mediada pelo seu primeiro instrumento – o corpo, transformado da natureza, que se estabelece em sua relação de trabalho, constituindo uma unidade indissociável entre corpo e a cultura.

<sup>46</sup> Definimos como grupo de capoeira, uma organização de mestres de capoeira que se articulam em torno de uma entidade representativa, além da individualidade. Vejamos como Corte Real (2006) aborda esse conceito: “Os grupos e associações abarcam, hoje, grande parte dos praticantes de capoeira. A maioria deles possui nomes, brasões – de maneira semelhante aos símbolos dos times de futebol – porém ostentando figuras e imagens ligadas à capoeira. Alguns possuem existência jurídica, além de estatutos e regras bem definidas para a participação dos seus filiados(as). Por vezes, existe um certo sentido de concorrência e rivalidade entre os grupos, ligado às diferentes filosofias e entendimentos, que cada um tem sobre a prática da capoeira. Vários deles, hoje, têm representações em muitos países. A forte presença dos grupos no cenário da capoeira atual traz inflexões para a pesquisa sobre o tema. Pois influenciam fortemente a prática da capoeira, especialmente no que diz respeito ao seu ensino e ao fato de muitos terem e aplicarem na capoeira – não estou querendo aqui fazer juízo de valor sobre isto – uma visão empresarial. Tal visão redundava em pagamentos de mensalidades, venda e compra de produtos, como uniformes ligados à prática de capoeira, conforme este modelo de grupos. Especialmente, trazem questões ligadas às suas filosofias, aos métodos de ensino, às regras de organização etc. as quais, talvez, possam ser analisadas no âmbito da pesquisa acadêmica. Neste trabalho, não trato especificamente dos grupos de capoeira. Contudo, a análise das musicalidades das rodas de capoeira tocará em questões que, penso eu, são caras aos grupos de capoeira, como os vários toques musicais, as várias formas de organização dos instrumentos etc, vistas as diferenças de práticas musicais intrínsecas a este universo.” (*ibidem*,

A construção do valor social da capoeira inaugurava, assim, novas perspectivas de desenvolvimento, ao passo que ela ia se afastando, gradativamente, das periferias. Nesse contexto, emergem outras possibilidades de exploração das suas características: atividade cultural<sup>47</sup>, espetáculo de luta<sup>48</sup>, fonte de pesquisa, modalidade de autodefesa, atividade de ginástica<sup>49</sup>, prática de lazer<sup>50</sup>. Como mostra Rêgo (1968),

... o jôgo da capoeira se fazia nos engenhos, no local de trabalho, nas horas vagas e nas ruas e praças públicas, nos dias de festas, sempre em recinto aberto. Em nossos dias, não há mais engenho; no local de trabalho, como o Cais do Pôrto, não se joga mais e nas ruas e praças públicas do centro só em dias de festa. Joga-se capoeira em recinto fechado em Palácio do Govêrno, nas academias, nos salões oficiais, nos clubes particulares e nas ruas e praças públicas, onde se realizam festas populares. Espontâneamente, independente de qualquer circunstância, joga-se capoeira em ambiente aberto, na Estrada da Liberdade, Pernambuês, Cosme de Farias, Itapuã e outros bairros bem afastados do centro da cidade. (Ibidem, p. 47)

O princípio da relação de troca estava assim instaurado. Nesse contexto, o movimento das necessidades econômicas – associado a uma reestruturação no plano jurídico – reorganiza a capoeira e possibilita o surgimento de um novo componente, o capoeirista.

O termo capoeirista, amplamente utilizado em registros posteriores aos anos de 1920, substitui a denominação capoeira, modo como o praticante da capoeira era até então conhecido.

Acreditamos que essa distinção nominalista tenha raízes profundas, cujo escopo é a vinculação da capoeira com a *cultura física*. Veja: a incorporação do sufixo *ista* atribui à prática da capoeira o *status* de atividade vinculada ao desporto e, conseqüentemente, ao seu praticante, antes visto como malandro, desordeiro, o *status* de desportista. Daí a nossa

p. 21, nota 15).

<sup>47</sup> Abordagem da capoeira sob uma perspectiva folclórica.

<sup>48</sup> Abreu (1999), em *Bimba é bamba*, trata a relação entre capoeira e luta de ringue. A obra retrata uma época, 1936-37, em que, para que a capoeira ganhasse destaque social e prestígio como defesa pessoal, foram necessários muitos espetáculos de luta. Vejamos o depoimento do Mestre Bimba, extraído do livro *A Regional não é luta para rink*: “Ela não obedece às regras convencionais nos encontros pugilísticos, é uma luta para as situações decisivas e na sua ação tudo vale – por isso sua exibição em público nesse sentido torna-se-ia de uma ação bárbara que provavelmente provocaria a reação dos espectadores e intervenção da polícia. Que seja praticada quase sem acidentes entre os seus amadores, justifica-se; é uma luta que exige perfeito domínio de corpo e seus praticantes sabem controlar os golpes nos treinamentos para evitar possíveis ações desastrosas. Fazer isso no rink, será o mesmo que se por à mercê do adversário.” (A Tarde, 7/2/46 in ABREU, 1999, p. 95).

<sup>49</sup> Os principais responsáveis pela divulgação dessa perspectiva, antes da legalização da capoeira, foram ODC (1907) e Anibal Burlamaqui (1928). A associação entre capoeira e ginástica, entretanto, expressa uma compreensão equivocada dos dos autores quanto ao sentido essencial da ginástica que, segundo Langlade & Langlade (1970), é a exercitação do corpo (do grego, *Gimnus* – exercitação do corpo nu). Sob nossa perspectiva, a capoeira, como luta, possui por princípio essencial o agonismo, não a exercitação do corpo.

<sup>50</sup> Sob essa perspectiva, vemos a capoeira como jogo, de caráter lúdico-beligerante. Na Bahia, muito presente nos momentos de ócio dos trabalhadores portuários. Atividade que, na atualidade, com a reestruturação do trabalho, é cada vez mais rara para esse trabalhador.

preocupação em estabelecer certa distinção entre o capoeira e o capoeirista, atribuindo ao segundo um caráter de praticante na via do consumo e ao primeiro, a condição de produtor da capoeira.

Essa preocupação também está presente em Falcão (2006): “Para designar os (as) agentes da capoeira (praticantes, mestres (as), professores (as), militantes etc.), utilizaremos o termo capoeira em detrimento do termo capoeirista, por entendermos que o primeiro tem, na cultura, o seu campo privilegiado de ação, enquanto que o termo capoeirista nos sugere uma intervenção mais específica, mais especializada, típica do (a) especialista.” (*idem*, p. 60, nota 2).

Em se tratando das diferentes formas assumidas pela capoeira, o ensino constitui, para nós, a sua expressão mais emblemática, desde que, no espaço social da capoeira, a condição de mestre (docente) sempre teve destaque. Todavia, posteriormente ao período da descriminalização da capoeira, a permanência desse *status* passa a estar vinculada à condição de *venda ou troca* do ensino, como ressalta Abreu (1999):

... o método de ensino do mestre Bimba se serviu dos aparelhos pedagógicos ‘brancos’ como instrumentos de repasse da capoeira. O Curso de Capoeira Regional funcionou na roça, na rua, em fundo de quintal, em barracões, antes de se instalar dentro de uma academia em 1932, uma das primeiras do Brasil no ramo da Educação Física, conforme registro do livro Administração e Marketing nas academias de Ginástica. (*idem*, p. 40, nota 18)

A docência assume, assim, um papel de destaque na reorganização da capoeira após 1940, abrindo novas possibilidades de remuneração para o mestre (docente).

Nessas circunstâncias, a capoeira se insere na imensa coleção de mercadorias da sociedade capitalista e, como tal, passa a ter de se submeter aos interesses daqueles que viriam a consumi-la. Mestre Bimba e Mestre Pastinha, por sua vez, seriam os precursores na produção do saber sobre capoeira, ensejando prioritariamente a troca.

O valor social da capoeira foi construído e definido a partir de dois formatos: o de *Angola-Gengibirra* (tradição da capoeira de Mestre Pastinha), sob a perspectiva do consumo da identidade cultural e da tradição; ou o da *Regional*, como “... defesa pessoal – virar homem...”<sup>51</sup>. Mas por que apenas essas duas abordagens se consolidam? O que aconteceu com as outras tradições de capoeira?<sup>52</sup>

<sup>51</sup> ABREU, F. J. de. *Bimba é bamba: capoeira no ringue*. 1999

<sup>52</sup> Os trabalhos de Pires (2004), Oliveira (2006), Dias (2005) e Abreu (1999, 2003 e 2005), apresentam uma imensa quantidade de mestres da periferia, com suas rodas tradicionais, citadas nos manuscritos do Mestre Noronha (Daniel Coutinho). Entretanto, com a criação da galanteria de capoeira angola, em 1941, cujo membro de maior destaque era Mestre Pastinha, os olhares se deslocam das rodas tradicionais da periferia para o centro esportivo de Capoeira Angola. Já as rodas tradicionais permanecem na periferia, perdendo, a cada dia, sua visibilidade: “O tempo passava e outros nobres capoeiras ocupavam a cena principal. Agora era Mestre Bimba,

Nesse período, a compreensão da sociedade sobre a capoeira era ainda muito insipiente, carregada de preconceitos e reservas. Mestre Bimba, com a capoeira Regional, e Mestre Pastinha, com a capoeira de Angola, encontram, nesse plano de restrições, a necessidade de alterar a prática social da capoeira e a imagem do capoeira.

Uma famosa e galante geração de capoeiristas estava em ação. [...] Nos jornais, as notícias sobre capoeira apareciam cada vez menos nas páginas policiais, migrando para as páginas sociais e esportivas. Nos anos 30, pelas mãos civilizadoras do Mestre Bimba, a capoeira se reforçou institucionalmente. A sua prática se tornou juridicamente legalizada, garantindo a sua liberdade de expressão. O seu ensino e demonstração foram introduzidos em espaços socialmente garantidos como centros esportivos, escolas, clubes sociais, institutos culturais, palácios e quartéis. Se exibia publicamente e participava oficialmente de cerimônias cívicas. (*ibidem*, p. 22)

A representação da capoeira baiana nos jornais da época (década de 1930), segundo Abreu (1999), revelam o pouco que se sabia sobre essa atividade e sobre as pessoas que a praticavam. Nesse contexto, Mestre Bimba aparece em destaque, como o redentor da capoeira, precursor de um processo de adaptação dos tradicionais ritos da capoeira às necessidades de novos mercados, em meio aos quais os novos consumidores tornavam imperiosa a premência por tornar a capoeira interessante à estética das *pessoas de boa conduta* da sociedade baiana, os futuros capoeiristas.

Nessas circunstâncias, a prática social da capoeira passa por um processo de apuro estético, pois era necessário agregar novos sentidos à sua prática. Percebemos essa preocupação com maior vigor nos espaços da Regional de Mestre Bimba e da Angola de Mestre Pastinha. Nesse sentido, Abreu (1999), acentua:

... para que ela se afirmasse socialmente, de acordo com seu modelo, os recursos da tradição oral e a forma antiga de organização da capoeira não eram mais suficientes. Para a realização do seu projeto, necessitava dos efeitos multiplicadores da escrita; de segurança administrativa e financeira; de penetrar em espaços socialmente solidificados; de divulgação, recursos que ele não possuía, nem tampouco estavam naturalmente à disposição do seu círculo de convivência social, formado originalmente de pretos e pobres. Esses recursos ele vai seqüestrá-los na mão dos brancos. Esta transação se deu mediante um jogo de cumplicidade cultural: na medida em que Bimba satisfazia a vontade de aprender capoeira dos seus alunos brancos, muitos deles universitários, filhos de pessoas socialmente influentes, o mestre, habilmente, ia transformando-os em parceiros do seu projeto. (*ibidem*, p. 41, nota 19)

Outro aspecto bastante curioso das ações empreendidas por Mestre Bimba e Mestre

---

Noronha, Maré, Aberrê, Pastinha e outros *mestres na arte de civilizar* – aqueles que vão refinar os usos e costumes da capoeira, indicar-lhe novas possibilidades, minar a resistência que a sociedade lhe fazia e vencer a sistemática perseguição policial.” (ABREU, 1999, p. 17, grifo nosso)

Pastinha diz respeito à articulação com personalidades de destaque social. Vemos, assim, Mestre Bimba e o seu *protetor*, Juracy Magalhães, e Mestre Pastinha associado à *turma dos intelectuais e artistas*.

Jorge Amado, Pierre Verger, Mário Cravo, Eunice Catunda, Alceu Maynard, Oneida Alvarenga, Odorico Tavares, Carlos Ott, Carybé e outros freqüentaram as rodas da Liberdade [...] É possível que nestes contatos com pessoas de outros meios sociais o mestre percebesse que o interesse daquela gente poderia ser interpretado como um sinal de afirmação social e cultural da capoeira.<sup>53</sup> (ABREU, 2003, p. 43)

Adentrando com um pouco mais de cuidado no ambiente do Centro de Cultura Física Regional, é possível observar que, no escopo da sua prática, coexistiam aspectos da velha tradição da capoeira, associados à cultura negra do recôncavo baiano, e as novas perspectivas de cultura física, que emergiam no Brasil do século XX, provenientes do ideário iluminista<sup>54</sup>, constituindo uma formação em que se faziam presentes os estigmas portuários e a estrutura acadêmica européia. Vejamos como Abreu (1999) descreve essa tensão na constituição da Regional:

Curso de Capoeira Regional que se desenvolvia através de um método didático (no sentido mais amplo e rigoroso do termo): lições, aulas, turmas definidas, horários marcados, regulamentos, apostilas, fases planejadas, avaliações, rito de passagem: batizado e formatura; treinos programados – uma organização escolar moldada em cima da planta do sistema oficial de ensino (ocidental e dominante). Um método-instrumento de adaptação do ensino/transmissão da capoeira, tendo em vista as novas circunstâncias históricas nas quais ela estava (mais diretamente) inserida: iminência de legalização; penetração em outros segmentos sociais; concorrências com outras lutas (greco-romana, livre; catch-as-catch-can e o jiu-jitsu) – em tempo de (re) atualização histórica das instituições negras. (*Idem*, p. 38, nota 18)

No bojo dessas transformações, é patente a preocupação de Mestre Bimba com a manutenção do que concebia como sendo a essência da sua prática. Nesse sentido, as alterações na organização do trabalho pedagógico se limitavam à necessidade de instituição de um sistema de ensino padronizado, para o atendimento de um volume maior de alunos, de

<sup>53</sup> Tratava-se da roda do mestre Waldemar da Paixão, mas poderíamos tranquilamente estabelecer os mesmos vínculos com a do Mestre Pastinha, pois atraía os mesmos segmentos que aquele.

<sup>54</sup> As atividades corporais, no Brasil Império, estavam restritas aos trabalhadores braçais, sendo severamente condenado qualquer ofício dessa natureza entre os membros da elite, pois o pensamento brasileiro, apesar de alardear seu caráter liberal, mantinha-se fortemente arraigado no pensamento religioso. As primeiras mudanças dessa perspectiva só se iniciam no final do século XIX, nas grandes metrópoles, sob influência do estilo de vida inglês. Segundo Castellani Filho(2004), essas idéias estavam ancoradas nos princípios iluministas, que se dividiam na França, Inglaterra e Estados Unidos. E reforçavam o caráter valoroso de uma nação, segundo os critérios da eugenia e higienismo. Sob essa perspectiva, as questões corporais passam a ser vistas como primordiais para o desenvolvimento da mente. Esse ideário aparece na capoeira, na preocupação em metodizá-la e regrá-la sob a estética das escolas européias de ginástica.

modo que sua regulação se fizesse presente, mesmo na ausência do mestre.

... apesar das novidades introduzidas por Bimba no ensino da capoeira, manteve a transmissão do conhecimento como um processo de iniciação, preservando a ancestral fundamentação do antigo. Mais do que individual, a iniciação da Regional, apesar do caráter coletivo das aulas, era personalizada pelo gesto do mestre pegar nas mãos do aluno para dar com ele os primeiros passos: passes de intimidades; ligação pessoal. Compensando as limitações do tempo disponível para as aulas, funcionava a “seqüência do mestre Bimba” (rudimento de todas as aulas), uma combinação de golpes e movimentos “retirada” de situações de jogo, que facilitava vários alunos aprenderem ao mesmo tempo (até mesmo aqueles que tinham o corpo envergonhado para as coisas do negro), assimilando qualidades e atributos como: golpe de vista, agilidade, esperteza, flexibilidade de articulação, equilíbrio, alternância de jogo (em cima, em baixo) – apreciados pelos capoeiristas de antigamente. A seqüência, fundamentada nos hábitos do saber africano e afro-brasileiro, fazia da repetição um recurso para o aprendizado da capoeira, acentuando o saber fazer como fonte de compreensão: conhecimento vivenciado – diferentemente do hábito ocidental, lógico e especulativo. (*idem*, pp. 38-39, nota 18)

Diante do exposto, consideramos que a manutenção dos valores mais tradicionais da capoeira na Luta Regional Baiana respondia, além dos princípios de Mestre Bimba quanto à conservação da sua essência, à necessidade de construção de um produto a ser consumido por jovens pertencentes à classe média alta da Bahia, interessados no universo misterioso e proibido que envolvia a capoeira nos anos de 1930. A manutenção do ritual e o *amacramento da forma* - “Por aqui, tiraram-lhe o veneno, proibindo os golpes mais difíceis e violentos. E lutam com música!” (CARNEIRO *in* LANDES, 2002, p. 138) – são, portanto, o que torna a capoeira baiana vendável. Ademais, a Bahia possuía as condições avançadas de desenvolvimento da capoeira, devido à sua engenhosa forma de se relacionar com os aparelhos legais e o poder instituído, como nos indica Abreu:

Desde o século XIX que os capoeiras baianos haviam, por conquista, fundado nas ruas seus territórios temporários e eventuais, assegurados mediante despistes, “avisos”, licenças e conflitos com a polícia. Apesar das perseguições à capoeira, esses territórios sobreviveram, tendo alguns se constituído em verdadeiros redutos como o de Lamite, que, segundo Antonio Vianna, no início do século, encabeçava uma festa nas escadarias do Cais, quando a “área destinada ao samba, ao batuque e a capoeira recebia gradeado de madeira a fim de evitar a invasão de intrusos”. – Assim, na Bahia, antes de 30, foram caducando as proibições à capoeira previstas pelo Código Penal da República. (*idem*, p. 35, nota 16)

Ademais, a relação de Mestre Bimba com os seus alunos, *filhos da fina flor baiana*, gerou grandes benefícios, do ponto de vista da ascensão social dessa prática. Desde sua



elaboração, em 1928<sup>55</sup>, era notável “... o crescente fluxo de ‘pessoas de representação social e acadêmicos’ praticando capoeira.” (ABREU, 1999, p. 31, nota 16).

... para que ela se afirmasse socialmente, de acordo com seu modelo, os recursos da tradição oral e a forma antiga de organização da capoeira não eram mais suficientes. Para a realização do seu projeto, necessitava dos efeitos multiplicadores da escrita; de segurança administrativa e financeira; de penetrar em espaços socialmente solidificados; de divulgação, recursos que ele não possuía, nem tampouco estavam naturalmente à disposição do seu círculo de convivência social, formado originalmente de pretos e pobres. Esses recursos ele vai seqüestrá-los na mão dos brancos. Esta transação se deu mediante um jogo de cumplicidade cultural: na medida em que Bimba satisfazia a vontade de aprender capoeira dos seus alunos brancos, muitos deles universitários, filhos de pessoas socialmente influentes, o mestre, habilmente, ia transformando-os em parceiros do seu projeto. E muito deles contribuíram para que Bimba oficializasse a primeira academia, difundisse seu método de ensino, penetrasse nos salões, ensinasse nas escolas e quartéis, profissionalizasse o seu ofício, viabilizasse economicamente os serviços da capoeira, se aproximasse do poder político e adquirisse propriedade para instalar sua academia. Passaram a desempenhar em favor da capoeira. [...] Com este apoio Bimba **construiu uma organização que se tornou matriz referencial para todas as capoeiras** e, por antecipação, fundou bases para sustentar os processos atuais de popularização e expansão dessa arte pelo Brasil e exterior. (ABREU, 1999, p. 41, nota 19, grifo nosso)

Nessas condições, é possível compreender por que a capoeira praticada em outras regiões do país não se destacava tanto quanto os modelos originados na Bahia. Assim, no contexto do Rio de Janeiro, o caráter exacerbadamente beligerante das Maltas Cariocas (Soares 1991) dificulta a institucionalização da sua prática, mesmo considerando as condições favoráveis ao seu desenvolvimento, já que o Rio de Janeiro abrigava a nata da intelectualidade e a centralidade política do país.

Ainda no bojo dessa discussão, vejamos o caso da criação do Centro Esportivo da Capoeira Angola, em 1941.<sup>56</sup>

A partir da organização da Regional, os demais capoeiras da época, resistentes às transformações realizadas por Mestre Bimba, iniciaram movimentos por uma organização institucional. A primeira tentativa de organização do movimento aconteceu no II Congresso Afro Brasileiro, que aproximou os mestres da ‘outra’ capoeira, sob o nome de *União dos*

<sup>55</sup> Sobre a criação da *Capoeira Regional*, Mestre Bimba afirma que “... em 1928 eu criei, completa, a Regional, que é o batuque misturado com a Angola.” (Tribuna da Bahia, 18/11/72. In ABREU, 1999, p. 34, nota 16)

<sup>56</sup> O Centro Esportivo de Capoeira Angola foi criado no bojo das reflexões do 2º Congresso Afro-Brasileiro. O 1º Congresso Afro-Brasileiro foi realizado em Recife, por Gilberto Freyre, mas, segundo Abreu (1999), “O 2º Congresso Afro-Brasileiro foi considerado nos anos 30 o mais importante acontecimento relacionado com os estudos sobre o negro brasileiro. Este evento aconteceu no momento histórico “em que os impulsos amortecidos e reprimidos do negro na Bahia começavam a se organizar através de diversos mecanismos e estratégias de resistência cultural e afirmação política” (ABREU, 1999, p. 17). Nele, seu organizador, Edson Carneiro, previa a constituição da União dos Capoeiras da Bahia.

*Capoeiras Baianos*, liderada por Samuel Querido de Deus, o “que por razões desconhecidas não se concretizou.” (Abreu, 1999, p. 17). Vejamos a nota do jornal *Estado da Bahia* de 13/01/1937; com os comentários de Abreu, 1999:

“CAPOEIRA ANGOLA – As nove e meia da manhã, haverá no campo de basket-ball do Clube de Regatas Itapagipe uma demonstração de capoeira Angola luta fetichista dos negros bantus da Bahia. A vadiação será dirigida por Samuel Querido de Deus, considerado pelos seus páres, como o melhor capoeirista da Bahia e terá o concurso de Barbosa, Onça Preta, Juvenal, Zepelim, Bugaia, Fernandes, Eutychio, Neném, Ze Ambrósio, Barroso, Arthur Matos, Raphael, Edgar, Damião e outros adeptos da grande arte de Mangangá”. Bimba ficou de fora, seu nome não aparece em nenhuma relação. Certamente o convite fora exclusivo ao pessoal da Capoeira Angola. Na ocasião, ele já andava cismado com os Angoleiros<sup>57</sup> (e vice-versa), que rejeitavam sua Escola de Capoeira Regional, com a qual também não simpatizavam (penso eu) alguns influentes intelectuais do 2º Congresso Afro-Brasileiro, a exemplo de Edison Carneiro, seu organizador. (idem, p.18, nota 2)

Mestre Bimba, precursor do movimento de privatização da prática da capoeira<sup>58</sup>, constituía, nesses termos, o esteio para o surgimento do produto cultural Capoeira de Angola.

Vejamos como se constituiu esse processo. No final de 1930 e início de 1940, os intelectuais e culturalistas se organizaram em defesa da *outra* capoeira, uma capoeira que se espelhasse na estética ‘negra’. Nesse contexto, o enfoque dos estudos da época, em especial de Edson Carneiro, sugeriu uma possível relação entre os rituais da capoeira tradicional e certas práticas dos povos da África central (hoje conhecidos por: Angola e Congo), denominados de “... negros bantus, assim batizados, no século XIX, por um lingüista chamado Bleek – de ba-ntu, ‘os homens’, plural de muntu...” (RISÉRIO, 2004, p. 159). Sob essa perspectiva, a originalidade africana e a autenticidade do rito faziam da Capoeira *de Angola* aquela que viria a representar os capoeiras que não se identificassem com a capoeira patenteada por Manoel dos Reis Machado.

No bojo dessa discussão, alguns mestres e bambas, *a galanteria*<sup>59</sup> *de capoeira Angola*,

<sup>57</sup> Denominação dada ao praticante de capoeira Angola: Angola *-eiro*. Segundo Houaiss (*Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*), “o afixo *-eiro* pode agregar-se a 1) um subst.: corujeiro, foreiro, fronteiro, ordeiro, verdadeiro etc.; 2) um adj.: agasalhadeiro, baixeiro, careiro, certo, raseiro etc.; 3) um adv.: traseiro, dianteiro. Junção de Angola + eiro, relacionado à idéia de *nação dos capoeiras de Angola* (não aos cidadãos da nação Angola – Angolanos, mas aos praticantes desse estilo de capoeira)

<sup>58</sup> Em *Bimba é bamba*, Mestre Bimba é retratado como o primeiro profissional de capoeira: “Bimba fez da capoeira sua ocupação principal, fez dessa luta sua labuta do dia a dia, seu ganha pão. Seu exemplo não foi de imediato seguido pelos outros capoeiristas, conforme afirmou Jorge Amado em 1944. ‘O único profissional baiano da capoeira é mestre Bimba, um dos mais afamados da cidade. Todos os demais são amadores. O que não que dizer que sejam inferiores, que não levem a sério a ‘arte’, que não possam derrubar com um golpe bem aplicado qualquer um de vós. Samuel é marítimo, joga capoeira por diversão, e no entanto sua fama é tão grande se não maior que a do mestre Bimba’.” (ABREU, 1999, p. 37).

<sup>59</sup> Termo criado por Totonho de Maré, para designar o grupo que se firmou no cenário da Capoeira de Angola

elegeram uma, entre tantas rodas tradicionais, como a sua representante mais emblemática. Tratava-se da famosa roda tradicional da Gengibirra<sup>60</sup>. Todavia, já naquela época, muito se questionava a legitimidade representativa da tradição da *roda da Gengibirra* como a verdadeira capoeira de Angola.

As críticas questionavam a legitimidade da condição de mestre do Pastinha e da ‘posse’ por parte dele de alunos feitos por outros mestres. No primeiro ponto, Waldemar parece se reportar à Gengibirra, situado no Largo do Tanque, próximo da Liberdade, que reunia a galanteria da Angola e que, para tomar conta da organização do local, Aberrê apresentou Pastinha ao grupo, que de pronto, conforme narra Noronha, reconheceu a sua liderança. É neste aspecto que Waldemar fustiga, identificando na pessoa do Pastinha a condição de “presidente da capoeira” e não a de mestre, que, segundo ele, havia sido obtida por auto-afirmação. (ABREU, 2003, p. 53)

Em virtude do acirramento das críticas sobre a legitimidade da roda da Gengibirra, no ano de 1941, ocorreu a mudança da roda da Gengibirra para o Largo do Pelourinho, nº 19, local onde ficava a academia de Mestre Pastinha, possibilitando-lhe constituir-se como o líder do pseudo-antagonismo da Regional, com amplo apoio dos intelectuais modernistas.<sup>61</sup> No espaço da sua academia, Mestre Pastinha chefiava apresentações para turistas e dava aulas de capoeira.

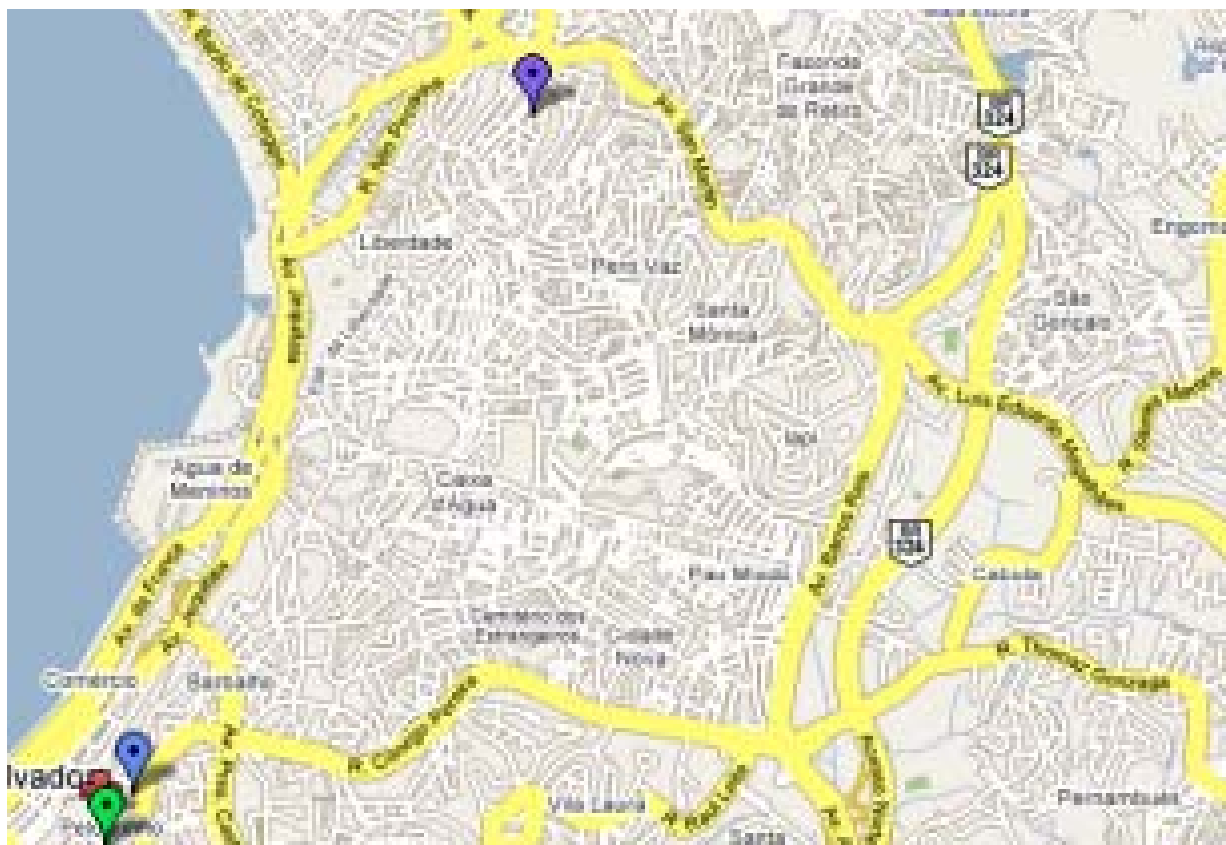
A seguir, o mapa identifica, com a seta lilás, a Ladeira da Gengibirra, local onde acontecia a tradicional Roda de Amorzinho; com a seta azul, a academia de Mestre Pastinha, situada no centro histórico de Salvador, no Pelourinho, nº 19; com a cruz vermelha, a Faculdade de Medicina, e, com a seta verde, a academia do Mestre Bimba.

---

baiana nos anos de 1930, em oposição ao caráter pouco respeitável dos capoeiras desordeiros e em antagonismo à Regional de Mestre Bimba. Há registros de rixas no interior do grupo de Angola, com representantes da capoeira da Roda de Gengibirra. Vejamos como Abreu (2003) retrata essa relação: “Embora não possua provas suficientes para afirmar o que se segue, acredito que da parte de membros (Mestre Pastinha e Noronha) da galanteria da Angola, também, se fez restrições a Waldemar e sua turma, muito mais visitantes esporádicos da Gengibirra do que freqüentadores assíduos. Sinal de restrição interpretei como sendo a omissão do nome de Waldemar nas diversas referências que Noronha fez nos seus manuscritos aos principais mestres da Angola. Outra restrição: no livro e nos manuscritos de Mestre Pastinha, Waldemar não teve a sua importância de fato reconhecida, sendo apenas citado no livro na relação dos “capoeiristas atuais”, enquanto outros de menor importância foram destacados.” (ABREU, 2003, p. 57)

<sup>60</sup> Ladeira da Gengibirra, localidade do bairro da Liberdade, onde acontecia a roda tradicional comandada por Amorzinho.

<sup>61</sup> As idéias modernistas chegam à Bahia de forma sutil, sendo largamente conhecidas nas obras de Jorge Amado, Carybé e Mario Cravo (Modernismo Latino-americano). Estes viam na capoeira fonte de inspiração e universo exótico a ser descoberto. A inclusão desses artistas no Partido Comunista Brasileiro (PCB) fez com que eles se aliassem, no campo político, em defesa das manifestações ‘populares’ nos anos de 1940, nos planos estaduais e federal, abrindo confronto direto com o Estado Novo e os antigos senhores de engenho (donos da terra – latifundiários baianos).



Fonte: Google Maps

No plano intelectual, vigorava o discurso africanista – bantu (Angolano). Sob essa perspectiva, a capoeira era representada como uma luta-ritual encontrada em Angola, conhecida por N’Golo – Dança da Zebra.<sup>62</sup> Tal abordagem fortalecia ainda mais o interesse por desvelar a matriz, a origem, a ‘raiz’ da capoeira, ou, como dizem na capoeiragem, a *capoeira mãe*.

Nesse processo, a dicotomia entre a Capoeira Regional Baiana e a Capoeira de Angola se acirrava. Em virtude disso, e devido às necessidades de manutenção de cotas de mercado, ambas provocaram mudanças nas suas práticas, a fim de diferenciá-las das demais. O efeito de tais modificações se evidencia de tal forma, que, na década de 1960, momento da pesquisa de Rêgo (1968), ele denuncia seus efeitos no cotidiano da capoeira baiana, mostrando um cenário em meio ao qual as regras passariam a ser: “Farinha pouca, meu pirão primeiro” e “Se adaptar é preciso!”

Esse estado de coisas veio se arrastando e se desenvolvendo até 1929, com o advento de Mestre Bimba, que tira a capoeira dos terreiros e a põe em recinto fechado, com nome e caráter de academia, onde os ensinamentos passaram a ter um cunho didático e as exibições possibilitaram a presença

<sup>62</sup> Pouco se sabe sobre essa dança, mencionada como comum na região central da África. Algumas etnias relacionam algumas atividades sociais com danças de totens, tal como zebra, tigre etc... O que não se prova é a relação da capoeira com essa dança específica.

de outras camadas sociais superiores. Dêse modo os quadros da capoeira passaram por modificações profundas. A classe média e a burguesia para lá acorreram, a princípio para assistirem às exibições e depois para aprenderem e se exibirem a título de prática de educação física, daí a 9 de julho de 1937 o govêrno oficializar a capoeira, dando a Mestre Bimba um registro para sua academia. Um status social superior ao dos capoeiras invade as academias e os afugenta. Os que resistem, por minoria, se esforçam para se enquadrarem no modo de vida do invasor, porém sendo tragados por êle, começando assim a sua alienação e decadência como capoeira. Forçando uma compostura de rapaz-família, exibem-se somente em recintos fechados, salões burgueses, palácios governamentais e jamais onde primitivamente se exibiam, como por exemplo nas festas de largo. Como já tive oportunidade de salientar, em virtude de nenhuma academia querer exhibir-se nas festas populares, o órgão oficial de turismo municipal da Bahia convidou várias academias para comparecerem às referidas festas, pagando-lhes as exigências. Então houve um cafuso, mestre de uma academia, que, ao saber da finalidade do convite, declinou, alegando ser sua academia freqüentada por uma casta já referida, não podendo misturar-se com o povo de festa de largo. (RÊGO, 1968, p. 360-361)

Através do depoimento de Rêgo, percebemos as radicais transformações por que passa a capoeira de 1930 a 1940. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que observamos a ascensão da capoeira como mercadoria, produto cultural para consumo, os capoeiras, os produtores da capoeira, salvo raras exceções, viviam na absoluta miséria. O depoimento de Mestre Pastinha, ao final da sua vida, ilustra o acirramento desse complexo cenário: “A capoeira de nada precisa. Quem precisa sou eu’. O desabafo é do mestre Pastinha, o maior expoente vivo da capoeira de angola.” (A Tarde de 05 de junho de 1980 in ABREU, 2003, p. 15).

No próximo capítulo, dando continuidade à discussão, trataremos das mudanças ocorridas na capoeira após a década de 1940. O enfoque será a docência de capoeira.

## 2 – A DOCÊNCIA DE CAPOEIRA COMO MERCADORIA: CHAVE PARA A COMPREENSÃO DA CAPOEIRA MODERNA

“... temos muita mais doutor jogando capoeira, que jogando futebol.”

*Paulo dos ANJOS in LP Mestre Paulo dos Anjos, Faixa 1*

Imaginem uma manifestação cultural essencialmente subversiva, que, em uma fração mínima do tempo histórico, é domesticada e se transforma em um produto cultural amplamente comercializado.

Nessas circunstâncias, o produtor dessa manifestação, tal qual o operário da construção civil da poesia de Lúcio Barbosa (Cidadão)<sup>63</sup>, é impedido de usufruir da riqueza gerada pelo seu trabalho.

Seria de se esperar, por exemplo, uma grande revolta, um colapso, uma tensão raivosa e uma crise. Mas o que observamos, estranhamente, é a gratidão subserviente, que lembra o escravo de Eagleton.<sup>64</sup>

Há outros, entretanto, que se beneficiam dessa perversa condição social. Trata-se daqueles que, a contra-exemplo do personagem da música *Tradição*<sup>65</sup> de Gilberto Gil, podem

---

<sup>63</sup> Tá vendo aquele edifício, moço? / Ajudei a levantar / Foi um tempo de aflição / Eram quatro “condução”:/ Duas pra ir, duas pra voltar / Hoje, depois dele pronto / Olho pra cima e fico tonto / Mas me vem um cidadão / E me diz desconfiado / Tu tá admirado, / Ou tá querendo roubar? / Meu domingo tá perdido / Vou pra casa entristecido / Dá vontade de beber / E pra aumentar o meu tédio / Eu nem posso olhar pro prédio / Que eu ajudei a fazer / Tá vendo aquele colégio, moço? / Eu também trabalhei lá / Lá eu quase me arrebento / Fiz a massa, pus cimento / Ajudei a rebocar / Minha filha inocente / Vem pra mim toda contente / Pai, vou me matricular / Mas me diz um cidadão / Criança de pé no chão / Aqui não pode estudar / Esta dor doeu mais forte / Por que é que eu deixei o Norte? / Eu me pus a me dizer / Lá a seca castigava / Mas o pouco que eu plantava / Tinha direito a comer.

<sup>64</sup> “As pessoas podem estar grosseiramente auto-enganadas sobre si mesmas, inclusive sobre se são felizes. É possível ser completamente miserável sem saber disso. Se um escravo de galé acorrentado ao remo levanta a cabeça batida pelo vento e grunhe roucamente que não pode conceber maneira mais privilegiada de servir a seu imperador, antes de desabar novamente exausto numa pilha, poderíamos apenas ter a suspeita de que haja aqui alguma mistificação ideológica. Ou pode tratar-se de um masoquista que não consegue crer na sua sorte de tropeçar com um psicopata tão sádico como o capitão. Ou sua situação prévia pode ter sido muito pior e, em comparação, isto é o paraíso. Ou ele pode simplesmente *ser incapaz de imaginar qualquer tipo de vida mais satisfatória*. Teríamos de lhe perguntar de novo se é feliz depois que experimentasse um pingo de liberdade, um amor extasiante ou um sucesso sensacional em outra ocupação prestigiada em terra. (EAGLETON, 2005, p. 157, grifos nossos)

<sup>65</sup> Conheci uma garota que era do Barbalho / uma garota do barulho / Namorava um rapaz que era muito inteligente / Um rapaz muito diferente / Inteligente no jeito de pongo no bonde / E diferente pelo tipo / De camisa aberta e certa calça americana / Arranjada de contrabando / E sair do banco e, desbancando, despongar do bonde / Sempre rindo e sempre cantando / Sempre lindo e sempre, sempre, sempre, sempre, sempre / Sempre rindo e sempre cantando / Conheci essa garota que era do Barbalho / Essa garota do barulho / No tempo que Lessa era goleiro do Bahia / Um goleiro, uma garantia / No tempo que a turma ia procurar porrada / Na base da vã valentia / No tempo que preto não entrava no Bahiano / Nem pela porta da cozinha / Conheci essa garota que era do Barbalho / No loteação de Liberdade / Que passava pelo ponto dos Quinze Mistérios / I ndo do bairro pra cidade / Pra cidade, quer dizer, pro Largo do Terreiro /Pra onde todo mundo ia / Todo dia, todo dia, todo santo dia / Eu, minha irmã e minha tia / No tempo quem governava era Antonio Balbino / No tempo que eu era menino / Menino que eu era e veja que eu já reparava / Numa garota do Barbalho / Reparava tanto que acabei já

entrar pela porta da frente do clube Bahiano de Tênis.<sup>66</sup>

Esse jogo de imaginação, todavia, não se faz necessário, pois não narramos uma fantasia: a descrição que realizamos corresponde à coisa real.

O debate em torno do qual se situa este capítulo se insere nesse plano de contradições do real, ao abordar a docência de capoeira como mediação fundamental do processo de mercadorização dessa prática social.

Concluimos o primeiro capítulo com um depoimento do Mestre Pastinha, que evidencia o modo como as relações sociais, mediadas pela mercadoria, se estabelecem. De acordo com essa premissa, os homens da classe trabalhadora somente podem usufruir da riqueza gerada pelo seu trabalho, mesmo que minimamente, enquanto produzir mais-valor.<sup>67</sup> Trata-se da face mais perversa do capitalismo, aquela que torna os sujeitos descartáveis.

Como se sabe, Mestre Pastinha, ao final de sua vida, não poderia fazê-lo, pois encontrava-se “Cego, impossibilitado de andar e sobretudo abandonado, inclusive pela grande maioria dos seus ex-alunos.” (ABREU, 2003, p. 15).

Por esse motivo, não é de se admirar que muitos mestres das gerações de 1930 e 1940 da capoeiragem baiana – responsáveis pela construção da capoeira, que se constituiria, posteriormente, como referência mundial – tenham tido um fim semelhante ao de Mestre Pastinha. Mestre Bimba morreu em Goiás, em 1974, sob difíceis condições, protestando contra o descaso do poder público em relação aos capoeiras. Mestre Pastinha morreu no asilo D. Pedro II, em 1981, com o sepultamento pago por sua mulher, com a ajuda de outros capoeiras. O mesmo aconteceu com Waldemar da Paixão, Aberrê, Caiçara, Paulo dos Anjos, Mário Bom Cabrito, Bobó, Noronha, Totonho de Maré, Gajé, entre tantos.

A capoeira, todavia, seguiu seu rumo, confirmando a profecia de Mestre Pastinha, para quem “A CAPOEIRA DE NADA PRECISA. QUEM PRECISA SOU EU” (*A Tarde* de 05 de junho de 1980. In: ABREU, 2003, p. 15)

Dando continuidade à discussão, no intuito de contribuir para melhor responder a questão que motiva este capítulo – o papel da docência como mediação fundamental na transformação da capoeira como mercadoria –, adiaremos por mais algumas páginas o desfecho desse debate. Abordaremos, a seguir, a condição da docência na sociedade do

---

reparando / No rapaz que ela namorava / Reparei que o rapaz era muito inteligente / Um rapaz muito diferente / Inteligente no jeito de pongo no bonde / É diferente pelo tipo / De camisa aberta e certa calça americana / Arranjada de contrabando / E sair do banco e, desbancando, despongar do bonde / Sempre rindo e sempre cantando / Sempre lindo e sempre, sempre, sempre, sempre, sempre / Sempre rindo e sempre cantando.

<sup>66</sup> Clube tradicional da cidade de Salvador, freqüentado, ainda hoje, exclusivamente pela elite baiana.

<sup>67</sup> A relação de trabalho produtivo presente na capoeira não se instaura nas décadas de 1930 e 1940. A relação com a produção do mais-valor, na capoeira, se inicia com a criação dos grupos de capoeira, por volta dos anos de 1960, na cidade do Rio de Janeiro.

capital. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico Enguita (1991), Coletivo de Autores<sup>68</sup> (1992), Tumolo (2001, 2005-a, 2005-b e 2007), Tumolo & Fleuri (2000), Tumolo & Fontana (2006), Serrão (2006) e Harvey (2005)

## 2.1 – O TRABALHO DOCENTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA.

*“... reconhecia-se um componente vocacional na prática da docência, mas o retorno do individualismo consumista associado à boa saúde política e ideológica do capitalismo em nossos dias parece estar terminando com isto.”.*

(ENGUITA, 1991, p. 45)

A relação entre ensino e aprendizagem caracteriza uma das condições humanas mais essenciais: a capacidade de passar as gerações seguintes o conhecimento acumulado pela precedente. Sob essa perspectiva, o homem ao nascer, possui predisposições humanas, cujo desenvolvimento, todavia, só será possível através das mediações sociais. Nesse sentido, Serrão, 2006, acentua que:

Como a herança cultural não ocorre geneticamente, as novas gerações, para se tornarem seres humanos, necessitam se apropriar da objetivação social e histórica. Em outras palavras, o processo de adaptação conquistado pela espécie humana confere a cada novo ser a base material da existência, o faz homem. Mas o conteúdo e a forma da produção dessa existência, por ser social, histórica e cultural, irá exigir mais que a adaptação. Irá exigir a apropriação dos objetos produzidos, generalizados e materializados, por parte de cada um desses seres, que só ocorrerá pela mediação entre os demais indivíduos e tais objetos, possibilitando, portanto, sua humanização, sua constituição como seres humanos. (SERRÃO, 2006, p.150)

Deve-se acrescentar a esse argumento que:

Daí pode-se inferir a importância que é conferida à educação, à apropriação da experiência humana pelas novas gerações para se tornarem humanos, sujeitos capazes de realizarem ações intencionais, possíveis mediante o desenvolvimento dos processos psíquicos superiores, especialmente da capacidade de agir internamente em sua relação com o mundo externo. (SERRÃO, 2006, p. 112)

Sob essa perspectiva, o fato educativo é imprescindível no processo de desenvolvimento da condição humana<sup>69</sup> das futuras gerações. Por sua vez, tal possibilidade só

<sup>68</sup> Celi Nelza Zülke Taffarel, Micheli Ortega Escobar, Lino Castellani Filho, Walter Bracht, Carmem Lucia Soares e Elizabeth Varjal.

<sup>69</sup> O sentido que condição humana tem para nós nessa formulação, diz respeito a uma reflexão central da obra de Hanna Arendt, considerada por Serrão “[...] a condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. [...] Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam as suas próprias condições que, a despeito de sua



nos é possível dado o caráter social da vida humana, o que torna verdadeiro, conseqüentemente, o fato de que a educação esteja, invariavelmente, submetida à situação política e social da sua época

Por essa razão, os sentidos da educação, no capitalismo, parecem estar articulados com os sentidos do capital. Ao passo que não é de se estranhar que o interesse do capital pela educação seja justificado pela sua eficácia no processo de conversão da capacidade dos homens de realizarem um trabalho ativo na produção de valor. Esse processo, por sua vez, implica, em primeira instância, o modo de disciplinar a força de trabalho para os propósitos da produção do capital, uma vez que todo tipo de trabalho exige concentração, disciplina, familiarização com os instrumentos de produção e etc. e a adequação entre comportamentos individuais e o esquema de reprodução. Ou seja, na difusão de “... hábitos, práticas políticas e formas culturais que permitem que um sistema capitalista altamente dinâmico e, em conseqüência, instável adquira suficiente semelhança de ordem para funcionar de modo coerente ao menos por um dado período de tempo.” (HARVEY, 2005, p. 117)

Nesse contexto, a docência assume um papel fundamental no processo de reprodução e ampliação da lógica destrutiva do capital. Com isso, todavia, não queremos afirmar a impossibilidade da contribuição da educação em um projeto de transformação dessa sociedade. Chamamos atenção, tão somente, que o plano das possibilidades da construção de um processo educativo pautado na emancipação humana<sup>70</sup> não pode ser considerado fora de um processo de construção de novas condições históricas.

À guisa de uma reflexão mais precisa sobre as condições de inserção da docência no mundo do trabalho, na forma social do capital, daremos uma atenção especial ao pensamento de Enguita (1991), devido à riqueza histórica e à precisão analítica do texto *A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização*.

Na formulação de Enguita, o docente, na sociedade capitalista, situa-se na fronteira entre a proletarização e a profissionalização. De acordo com essa premissa, os docentes ora poderiam ocupar o lugar de profissionais liberais, “... que trabalham diretamente para o mercado numa situação de privilégio monopolista” (ENGUITA, 1991, p.42), ora ocupariam o lugar do proletário, “... um trabalhador que não só perdeu ou nunca teve acesso à propriedade de seus meios de produção, como também foi privado da capacidade de controlar o objeto e o

---

variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana.” (ARENDETT, 1999, p. 17 apud SERRÃO, 2006, pp. 186-187)

<sup>70</sup> Do ponto de vista da formulação feita por Saviani, 2002, promover a emancipação do homem significa “tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens” (idem, p.39)

processo de seu trabalho, da autonomia em sua atividade produtiva.” (idem, p.42).<sup>71</sup>

Para evitar mal entendidos, vale esclarecer que, a compreensão do autor da expressão “proletário” nada tem a ver com a imagem do trabalhador assalariado, costumeiramente evocado pelo imaginário social, como nos descreve Enguita (1991).

Segundo a iconografia usual, um proletário é um trabalhador que veste macacão azul, realiza pesadas tarefas físicas, vive no limite da sobrevivência, segue a esquerda e talvez chegue a ser seu o reino desta terra. A sociologia não pode negar que assim seja, mas, sim, de oferecer uma definição menos romântica e mais científica! (idem, p. 46)

Assim, de acordo com o pensamento de Enguita, a definição de proletário ou trabalhador, no ‘*trabalho produtivo*’<sup>72</sup>, está ligada diretamente à forma como ele se relaciona com a sua classe antagônica. Vejamos:

Um proletário é uma pessoa que se vê obrigada a vender sua força de trabalho – não o resultado de seu trabalho, mas sua capacidade de trabalho. Posto que nenhum capitalista a comprará por nada, um proletário é também um trabalhador que produz mais do que recebe, seu salário, e mais do que o necessário para a reposição dos meios de trabalho que emprega; vale dizer que produz um sobretrabalho, um excedente ou, para ser mais exato, uma mais-valia. Para assegurar que assim ocorra, o capitalista faz tudo o que pode, e pode bastante, para controlar e organizar o resultado e o processo de trabalho. Um proletário, por conseguinte, é um trabalhador que perdeu o controle sobre os meios, o objetivo e o processo de seu trabalho. (Idem, p. 46)

Sob esse pressuposto, o docente, como um proletário, depende, para viver, exclusivamente da *venda da sua força de trabalho*, quer seja para a iniciativa privada, ou para a iniciativa pública. Todavia vale ressaltar que nem sempre foi assim o processo que Enguita (1991) chama de proletarização, responsável pela perda gradativa de sua autonomia na sociedade. Trata-se de um fenômeno que vem se constituindo gradativamente.

Mas nem a sociedade nem o setor capitalista da mesma se dividem clara e abertamente em perfeitos burgueses e perfeitos proletários. Deixando de lado os primeiros, que aqui não interessam, a proletarização não se pode entender como um salto ou uma mudança drástica de condição, mas como um processo prolongado, desigual e marcado por conflitos abertos ou disfarçados. A proletarização é o processo pelo qual um grupo de trabalhadores perde, mais ou menos sucessivamente, o controle sobre seus meios de produção, o objetivo de seu trabalho e a organização de sua atividade. (idem, p. 46)

---

<sup>71</sup> Existem controvérsias, no campo marxista, quanto à condição do docente como trabalhador e do exercício pedagógico como trabalho.

<sup>72</sup> A forma do trabalho social na relação estabelecida na valorização do valor, apreendida através da extração de trabalho extra (mais-valia) ‘usurpado’ pelo capitalista. É a forma avançada das relações mercantis, sintetizada por Marx, em *O Capital*, na fórmula D-M-D’. Ver citação de Tumolo, p. 7).

Deve-se acrescentar, portanto, que, em tempos anteriores, a docência possuía diferentes contornos.

Hoje em dia, os termos “docente”, “educador”, “mestre” ou “professor” evocam de imediato a imagem de um trabalhador assalariado, mas nem sempre foi assim. Até há poucas décadas, na Espanha, grande parte dos professores primários estava muito mais para trabalhadores autônomos que estabeleciam, por sua própria conta, escolas nos povoados, ainda que com o apoio dos governos locais sob a forma de locais adequados e subvenções para os alunos sem recursos econômicos. Nas escolas privadas unitárias o mestre era ao mesmo tempo o empresário e o trabalhador, talvez com o apoio de sua esposa ou de algum servente; era, em sentido estrito, um pequeno-burguês. A terminologia do magistério todavia apresenta vestígios disto, por exemplo quando se refere ao “mestre proprietário” (maestro propietario) ou ao “cargo em propriedade” (plaza en propiedad). (Idem, p. 48)

A origem dessa mudança, nas observações do autor, reside na transformação da base econômica e, conseqüentemente, na alteração do *modus vivendi*. Nessa linha de análise, a criação das escolas públicas, na Europa do século XVIII, desvela dois interesses muito particulares da época: diminuir o poder da igreja e da monarquia, como fator ideológico, condição necessária para transformar o súdito em cidadão e qualificar a mão-de-obra para o manejo das sofisticadas maquinas. Caracterizava esse contexto:

A urbanização, a introdução das escolas completas e seriadas, as concentrações escolares, a expansão do setor público, a criação de escolas privadas para setores com poder aquisitivo alto e sua generalização para todos com a política de subvenções, e a expansão do setor público são os fatores que têm feito desaparecer o docente autônomo, inclusive o mestre público semi-autônomo da zona rural. A criação e logo o predomínio absoluto das escolas com vários grupos escolares supunha a divisão e hierarquização dos docentes, com a aparição da figura do diretor e outras intermediárias. (ENGUIA, 1991, p. 47)

Até aqui nos detivemos nos pressupostos do tipo teórico e político que caracterizam o contexto da nossa discussão. A seguir, dando continuidade à exposição, daremos mais atenção à questão da docência em capoeira.

## **2.2 – O DOCENTE DE CAPOEIRA E A MERCADORIA.**

No decorrer desta seção do texto, exporemos algumas idéias, no intuito de apresentar alguns elementos do processo de transformação da capoeira, tendo em vista a institucionalização da prática de ensino.

### 2.2.1 – NEM HERÓIS, NEM VILÕES, APENAS DOIS CAPOEIRAS DE SEU TEMPO.

*“Não obstante isto, Waldemar repetia a mesma arenga dos angoleiros a Bimba, que o questionavam, acusando-o de ter abandonado a angola para isolar-se no meio dos brancos. Para compreender este comportamento, acrescentava, contudo, um adendo econômico. ‘Ele abandonou a cor dele. Mas sabe o que é? O preto, para dar uma miçanga ao mestre, é um deus-nos-acuda. Não tinha dinheiro para pagar. O branco dava boa vida a Bimba’.”*  
(ABREU, 2003, p. 52)

Por tudo até aqui dito, seria no mínimo insuportavelmente previsível retratar Mestre Bimba, tal qual Waldemar da Paixão, como um *mercenário*. Por motivos que exporemos mais adiante, preferimos, entretanto, partilhar de uma compreensão um pouco diferente.

No intuito de contribuir para o esclarecimento do nosso ponto de vista, consideremos, inicialmente, o contexto das escolhas de Mestre Bimba e de tantos outros capoeiras de sua época, à luz da alegoria criada por Eduardo Galeano<sup>73</sup>:

O frango, o pato, o pavão, o faisão, a codorna e a perdiz foram convocados e viajaram até a cúpula. O cozinheiro do rei lhes deu as boas-vindas:  
– Foram chamados – explicou – para que me digam com que molho preferem ser comidos.  
Uma das aves se atreveu a dizer:  
– Eu não quero ser comida de nenhuma maneira.  
E o cozinheiro colocou as coisas no seu lugar:  
– Isso está fora de questão.

Essa alegoria, na nossa compreensão, possui similitudes extraordinárias com o contexto das decisões de Mestre Bimba. Inicialmente é sabido por todos que Mestre Bimba em nada se identificava com qualquer tipo de luta social de caráter revolucionário. Por esse motivo, o plano das suas inquietudes dizia respeito à busca da melhor forma possível de vida, no interior da ordem estabelecida.

Frente a essa situação, o que estava posto ao Mestre Bimba, na ocasião do convite feito por Juracy Magalhães para apresentar-se no palácio do Governo, era, a grosso modo, a escolha entre a manutenção da sua vida como trapicheiro, doqueiro, estivador, carroceiro, e a permanência da capoeira na marginalidade, ou transformar-se, nas palavras de Sodré “... como uma das últimas grandes figuras do que se poderia chamar de ciclo heróico dos negros da Bahia.” (SODRÉ, 2002, p. 11)

Visto isso, preferimos, pois, considerar Mestre Bimba como um homem do seu tempo. Sob essa perspectiva, a decisão tomada por ele não pode ser vista senão como uma

<sup>73</sup> Militante Uruguaio, escritor de diversos livros de poemas, crônicas e textos acadêmicos. Crônica extraída do filme, *Granito de Arena*.

possibilidade no interior de limites criados pelas condições sociais da sua época.

Sob o mesmo pressuposto lógico, Mestre Pastinha, como o representante mais ‘*ilustre*’ da *galanteria de capoeira Angola*, ao negar a *Luta Regional Baiana*, criando as bases para a constituição de um novo produto, a mercadoria *Capoeira Angola*, à moda de Mestre Bimba, optava por viver da capoeira e marcar para sempre o seu nome na história.

Examinemos, com um pouco mais de cuidado, a história da criação da *Luta Regional Baiana* e da *Capoeira de Angola-Gengibirra*<sup>74</sup>, considerando suas condições materiais.

Na lógica da mercadoria, um pressuposto da troca é a posse do objeto que será trocado por outro. Na história da humanidade não nos faltam exemplos da privatização de bens comuns, como no caso da posse da terra. Entretanto, acreditamos que a ação de tornar privado algo que foi construído e legitimado como uma construção social coletiva, tal como a capoeira, dificilmente teria êxito.

No bojo dessa discussão, suspeitamos que Mestre Bimba, dando-se conta desse detalhe, como subterfúgio para a criação de uma capoeira como objeto privado, passa a denominar o seu estilo pessoal<sup>75</sup> de *Luta Regional Baiana*. Por sua vez, Mestre Pastinha, por motivos não muito diferentes de Mestre Bimba, denomina a sua capoeira, ou a *tradição da Gengibirra*, de *Capoeira de Angola*<sup>76</sup> e, por extensão, passa a se autoproclamar e a seus seguidores de *guardiões das tradições*<sup>77</sup> da ‘*verdadeira*’ capoeira, e, como consequência, somente a sua *linhagem*<sup>78</sup> possuiria o direito de lecioná-la e comercializá-la.

O impacto do ato de Mestre Bimba e, posteriormente, de Mestre Pastinha, como líder da *Galanteria de Capoeira de Angola*, pode ser facilmente percebido nos dias atuais no fenômeno de “*bipolarização*” da capoeira em estilos antagônicos e independentes. Espelhando um caso claro de fetichismo, nesse particular, os estilos de capoeira *Regional* e *de Angola-Gengibirra*, frutos da criação, respectivamente, de Mestre Bimba e de Mestre Pastinha, sob circunstâncias claramente comerciais, passam a ser vistos não como efeitos de ações histórico-sociais, mas como expressão da própria natureza: “*Sempre foi assim!*”.

<sup>74</sup> Denominaremos assim a Capoeira Angola de Mestre Pastinha, com o intuito de diferenciá-la das outras tradições de capoeira que existiam na Bahia no século XX.

<sup>75</sup> O estilo de capoeira praticado por Mestre Bimba era reconhecido dado o seu caráter de vanguarda, com ênfase na beligerância e no aparelhamento dos conceitos científicos vigentes (positivista), ligados a práticas desportivas. Esses elementos foram balanceados com o arcabouço cultural das tradições do Recôncavo Baiano.

<sup>76</sup> O estilo de capoeira praticado pela tradição da Gengibirra fora deturpada, e ela passa a ser reconhecida como uma capoeira de jogo lento, rasteiro, geriátrica, morosa, ‘*amacacada*’ e vinculada a uma África idílica e de pouca eficácia como luta corporal. Os Mestres João Grande e João Pequeno contrariam essas características.

<sup>77</sup> Papel dado à galanteria de Capoeira Angola e agora concentrado nos ex-alunos e nos seus descendentes.

<sup>78</sup> Termo polêmico, que designa uma genealogia da capoeira.. Sob essa lógica, as relações de valorização da mercadoria se estabelecem a partir da capoeira ligada diretamente a Mestre Pastinha. O estudo de Rosângela Costa Araújo (2004), *Iê, Viva meu Mestre: a Capoeira Angola da ‘escola pastiniana’ como práxis educativa*, por exemplo, reforça a idéia de pureza étnica vinculada a uma tradição de capoeira.

Se nossa apreciação sobre a criação desses estilos não estiver incorreta até aqui, a distinção entre a *capoeira de Angola* e a *Luta Regional Baiana* não pode ser considerada senão como construção ideativa humana. Sob esse pressuposto, a existência de uma capoeira *Regional* e uma *de Angola* são tão reais quanto as linhas do Equador e o Meridiano de Greenwich. Por esse motivo, concordamos com Abreu (2003), que chama a atenção para a necessidade de:

... contrariar levemente as concepções que procuram definir a história e a natureza dos ritos da angola, exclusivamente por oposição à regional, com a qual tem afinidades e relações de entranhas, que **os discursos de membros de um e do outro lado procuram obscurecer por determinações políticas e (insisto na economia) mercadológicas.** (ibid, p. 59, grifos nossos)

Nessa mesma direção, vejamos o depoimento do Mestre Canjiquinha<sup>79</sup> (Washington Bruno da Silva), presente no livro *Alegria da Capoeira*, sobre a divisão *Regional* e *Angola*:

**Não existe Capoeira Regional nem Angola. Existe capoeira.** Apelidaram capoeira de Angola porque foi praticada, aqui no Brasil, por volta de 1855 pelos escravos na sua maioria angolanos. Então, eles ficavam na senzala treinando. Eles viram que dava para se defenderem com ela. Então, botaram o nome de Capoeira Angola. MAS, CAPOEIRA É BRASILEIRA. O ÚNICO ESPORTE BRASILEIRO É CAPOEIRA. EU SOU CAPOEIRISTA. NÃO SOU ANGOLEIRO NEM REGIONAL (CANJIQUINHA, in CORTE REAL, 2006, p. 113, grifos nossos).

Todavia, a mesma compreensão não se estendia a seu mestre Aberrê, citado no livro de Daniel Coutinho (Mestre Noronha) *ABC da capoeira Angola: Manuscritos do Mestre Noronha*, como um Angoleiro. O mesmo acontece em *Mestre Bimba é Bamba* (Abreu, 1999), em que Aberrê é descrito como “lutador da capoeira *Angola*”, que se apresenta com Mestre Bimba no *Stadium Odeon* em 18 de fevereiro 1936. No livro de Mestre Pastinha, Aberrê é figurado como seu aluno, e é pelas mãos de Aberrê que Mestre Pastinha assume a liderança do grupo da Gengibirra. Talvez por esse motivo, contrariando a vontade original do mestre, é comum vermos o nome de Canjiquinha vinculado ao da *Capoeira de Angola*, ou melhor, ao da *Angola-Gengibirra*.

<sup>79</sup> Mestre afamado na Bahia nos anos 1950 e 1960, aluno de Aberrê, teve enorme destaque em filmes, como *O pagador de promessas* (1962), *Barravento* (1961), *Operação Tumulto* (1969), *Capitães da areia* (1970), *Senhor dos Navegantes* (1964) e *A moça Daquela Hora* (1973), responsável pela introdução de movimentos de shows folclóricos nos espaços de aula. Segundo o relato de Canjiquinha, em Rêgo (1968), ele, em certos momentos, chegou a dar aulas na academia de Mestre Pastinha (Pelourinho, nº 19) e a fazer apresentações junto aos outros alunos de Mestre Pastinha. Segundo Santos (1991), o mesmo ocorreu com Cobrinha Verde (Rafael Alves França), contemporâneo de Waldemar e Canjiquinha. Era muito comum a identificação dos mestres como alunos de Mestre Pastinha, o que era reforçado pelo próprio, como forma de promover seu espaço.

## 2.2.2 – A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PRÁTICA DE ENSINO COMO ATO ORIGINÁRIO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA.

*“Menino quem foi teu Mestre, meu mestre foi Salomão, sou discípulo que aprende, sou mestre que dou lição, o mestre que me ensinou ta no Engenho da Conceição, a ele devo dinheiro, saúde e obrigação, o segredo de São Cosme, quem sabe é São Damião”<sup>80</sup>*

*Capoeira Regional, faixa 12, Mestre Bimba, 1942 .*

Com a estruturação das primeiras academias de capoeira nas décadas de 1930 e 1940, e a conseqüente saída dos grandes mestres das ruas de Salvador, criavam-se as condições para a *profissionalização da capoeira*. De um modo geral, caracterizam esse processo a restrição da prática da capoeira ao espaço privado, a formação de turmas de alunos pagantes, com horários pré-definidos e sistematização do ensino.<sup>81</sup> Nessas circunstâncias, a experiência pública da capoeira passa a ser regulamentada pelos órgãos de turismo, e o espaço público, que ora se constituirá em espaço de auto-realização do capoeira, se consolida como um espaço

<sup>80</sup> Música de capoeira estruturada em quadra. Segundo Corte Real, 2006, “Gregório de Matos teria exercido uma contribuição fundamental para a história da música nas cidades no Brasil, pois, ao aproveitar quadras ou versos isolados a título de motes para elaborar décimas destinadas ao canto, acompanhado de sua viola, teve papel importante. Tinhorão informa que, através do poeta, “... ficamos sabendo que as composições de poucos versos (geralmente quadras), até hoje denominadas genericamente de *chulas*, receberam esse nome por constituírem, na verdade, *chularias* postas em curso pelos *chulos*, ou seja, gente da mais baixa condição social” (ibid, 46). A quadra, na capoeira, é utilizada exclusivamente na *Escola da Regional*, como canto de entrada de seu ritual da roda.

<sup>81</sup> Conhecido como a Seqüência de Mestre Bimba, Nestor Capoeira (PASSOS NETO), em 2002, descreve a metodologia nos seguintes termos: “Bimba criou um método de ensino baseado em oito seqüências predeterminadas de golpes, contragolpes, esquivas, quedas e aúis (“estrelas”), para serem realizadas por duplas de alunos. Criou, também, a “cintura desprezada”, onde um jogador dá um ‘balão’ jogando o outro para o alto; este último tem de aprender a cair sempre em pé. [...] Introduziu golpes do batuque, do qual seu pai era mestre; golpes ligados (como, p. ex., os ‘balões’ usados na ‘cintura desprezada’); e golpes de outras lutas, como a greco-romana, o boxe e o jiu-jítsu, com as quais teve contato, entre 1930 e 1937, através de seu aluno Cisnando Lima. Bimba, no ensino da regional, de certa maneira sacrificou a parte de brincadeira e ritual em favor da objetividade de luta. [...] Tudo isto constituiu uma grande mudança para a capoeira da época, pois o aprendizado, até então, era feito por observação. Antes de Bimba não havia ‘aulas de capoeira’ como as de hoje em dia: o iniciante observava os jogadores na roda e ia aprendendo intuitivamente; vez por outra, fora da roda, o mestre ou um jogador mais experiente dava uma ‘dica’ que ajudava o aprendiz. (CAPOEIRA, 2002, p. 52-53) É curioso observar como a intenção de Bimba parece se aproximar das ideologias que vigoravam na época, a exemplo do Taylorismo. “Frederick Winslow Taylor (1856-1915) foi um jovem estadunidense de família abastada que, por motivos ainda não definitivamente esclarecidos, abandonou os estudos que empreendia com o intuito de entrar na universidade, para empregar-se como operário aprendiz numa fábrica metalúrgica [...] percebeu que a capacidade produtiva de um trabalhador de experiência média era sempre maior que a sua produção “real” na empresa. Verificava que, se por um lado a destreza adquirida com o tempo aumentava a sua produtividade, por outro, parte desta era perdida na troca constante de operações, de ferramentas, nos deslocamentos dentro do espaço fabril etc. [...] Refletindo sobre como acabar com a proteção do tempo de trabalho, chegou à conclusão de que se subdividisse ao extremo diferentes atividades em tarefas tão simples quanto esboços de gestos, passando então a medir a duração de cada movimento com um cronômetro, o resultado seria a determinação do tempo “real” gasto para se realizar cada operação. Entrevista-lhe a idéia de que as gerências, na posse desses resultados, estariam possibilitadas a exigir de qualquer trabalhador o cumprimento da “quantidade ideal” de trabalho diário, ou seja: nem muito, evitando prejudicar a saúde dos trabalhadores e pô-los de licença, nem pouco, a fim de não se perder sequer um segundo do tempo de sobre-trabalho não pago que lhes seria extraído em cada produto.” (PINTO, 2007. p. 29-30)

privilegiado do consumo alheio.

Mestres capoeiras mantêm um grupo de discípulos em torno de si reunidos, **formando agrupamentos chamados Academia**, procurando distinguir uma das outras, por meio de camisas de meia coloridas, como se fossem verdadeiros times de futebol. Com uma preocupação eminentemente turística [...] Esse afetamento, para efeito de exibição para turistas vai desde a indumentária, comportamento pessoal e jogo. Para essa descaracterização, tem **concorrido ativamente a má orientação do órgão oficial de turismo**, que além de prestigiar toda uma espécie de aventura com o nome de Capoeira, auxilia de diversos modos, inclusive financiando essas camisas amacadas [*sic*]. Lembro-me bem que de certa feita uma determinada Academia de capoeira, dessas improvisadas para se exibir em festas populares mediante subvenção oficial ou fornecimento de camisas e sapatos, com a preocupação de ser facilmente identificada pelos turistas... (RÊGO, 1968, p. 45)

A docência de capoeira, nesse contexto, caracteriza-se como mediação fundamental no processo de transformação da capoeira, desde que, com a saída da capoeira do espaço público, a perpetuação dessa manifestação limitava-se à relação entre mestre, detentor do conhecimento, e aprendiz, em contexto de aula.<sup>82</sup> Por esse motivo, não é por acaso que o mestre de alunos mais influentes possuiria mais destaque.

Sob essa lógica, se Mestre Bimba possuía alunos em maior volume e com mais destaque social e econômico, Mestre Pastinha atraía para si a simpatia dos intelectuais e de artistas de esquerda, interessados nas características da tradição da capoeira.

Os interesses, entretanto, na admissão nas academias de capoeira, não eram absolutamente convergentes. Se, por um lado, certos mestres atraíam os curiosos de classes privilegiadas em busca do exótico, por outro lado, outros também atraíam jovens interessados em uma nova possibilidade de inserção no mundo do trabalho com o ofício da capoeira. Notemos como Rêgo define a questão:

O salão de exibições patrocinadas pelo órgão oficial de turismo do município do Salvador, de há muito, vem sendo disputadíssimo pelos capoeiras, em virtude de um único fato que é o sócio-econômico. O capoeira ou as academias de capoeira se sentem promovidos em se exibirem diante de um presidente de república, embaixadores, ministros de Estado, nobreza, clero e burguesia, que pela Bahia passam, juntando a isso as vantagens econômicas que tiram não só do contrato que fazem com o referido órgão, para a exibição e também do dinheiro que se coloca no chão, para ser apanhado com a boca, durante o jogo, em golpes espetaculares. (RÊGO, 1968, p. 38-39)

<sup>82</sup> Vale registrar que, embora reconheçamos a existência de manuais e livros sobre a prática de capoeira na época – tais como os publicados pelos autores: ODC Capoeira, *Guia do capoeira ou gymnastica brasileira (1907)*; Annibal Burlamaqui, *Gymnastica Nacional (capoeiragem) methodisada e regrada (1928)*; Inezil Penna Marinho, *Subsídios para estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem (1945)*; e Lamartine Pereira da Costa, *Capoeira sem mestre (1970)* –, a sua popularização, na época, se dá de maneira bastante precária, prevalecendo a relação entre mestre e aluno como meio fundamental de transmissão da cultura da capoeira.



Nessa direção, cabe ressaltar, que, nas décadas de 1930 a 1950, o ofício de dar aulas de capoeira ainda estava limitado aos capoeiras, o que, em larga escala, não se estendia ao capoeirista. Era muito comum os mestres não permitirem que seus alunos, mesmo diante de uma notável inclinação profissional para a docência em capoeira, dessem aulas. O ensino, ou a relação de ensino e aprendizagem, era “... personalizado pelo gesto do mestre pegar nas mãos do aluno para dar com ele os primeiros passos: passes de intimidades; ligação pessoal...” (ABREU, 1999, p.39, nota 18), coisa muito comum entre os mestres da época.

Contudo, com o crescimento do número de interessados em aprender capoeira, a necessidade de ampliação das turmas surge acompanhada de uma contradição: o mestre, que ora acompanhava pessoalmente o processo de ensino e aprendizagem, vê-se obrigado a solicitar dos alunos mais antigos que assumissem algumas turmas, na condição de professor-estagiário.<sup>83</sup> Nesse contexto, surgem os títulos intermediários, com a função de atribuir novas responsabilidades aos alunos, sem com isso afetar a relação de poder entre eles e os mestres. Os títulos variavam de academia para academia.<sup>84</sup>

A fim de diferenciar os alunos iniciantes daqueles promovidos à condição de professores-estagiários, os alunos mais antigos recebiam um objeto ou um título: corda, cordel, lenço, cordão, cor do sapato, etc. A semelhança desse ritual com o que confere a hierarquia militar não é uma mera coincidência. Nesse contexto, surgem na capoeira, através da Federação Brasileira de Pugilismo, em 1972, as graduações, tendo como referência as cores da bandeira do Brasil.

A respeito da relação entre capital e trabalho, a inauguração do mercado de shows folclóricos traz consigo novos aspectos para o interior da capoeira, dentre os quais se destaca a concorrência, responsável por acentuar os conflitos entre os mestres, alunos e academias. O depoimento de Waldemar ilustra a questão:

Mas o que é pior é que cada mestre fala mal dos outros, não há união, ninguém pensa que a classe deve ser unida. Olhe, dona, veja os exemplos dos médicos: uma pessoa está se tratando, um médico dá um remédio e o doente vai parar lá no Nina [Necrotério de Salvador]. Outro médico examina, vê que o remédio causou a morte, pergunta quem tratou, mas não anarquiza com o colega. Eles são uma classe unida. Mas estas capoeiras são de briga até entre eles. (WALDEMAR in ABREU, 2003, p. 58)

Nesse contexto, Waldemar reivindicava a criação de uma organização profissional, a exemplo das organizações na medicina, para a capoeira. Na ocasião, os sentidos que o mestre

<sup>83</sup> Modo como nominamos o aluno mais avançado, a quem eram atribuídas certas responsabilidades na academia.

<sup>84</sup> Sobre as derivações nas titulações, na Regional, observamos: o aluno calouro, batizado, o formado, posteriormente o especialista. Já na Angola, ocorre o registro de trenéis e contramestres. No contexto dos grandes grupos, surgia toda uma gama de nomenclaturas à medida das suas necessidades de expansão.

atribui a esse tipo de organização em muito se assemelham com a descrição realizada por Enguita (1991), sobre o caráter das associações de profissionais liberais:

Com base na identidade e na solidariedade grupal, a profissão regula por si mesma sua atuação, através de seu próprio código ético e deontológico: assim como de órgãos próprios para a resolução de seus conflitos internos. A capacidade de auto-regulação supõe a real posse de uma competência exclusiva. A profissão reserva-se o direito de julgar seus próprios membros, resistindo a toda pretensão dos profanos, isto é, dos clientes, do poder público ou de outros grupos. Organiza-se colegial ou corporativamente, em qualquer caso à margem dos sindicatos de classe. (ENGUITA, 1991, p. 44)

Ademais, a necessidade de suplantar a concorrência ampliava o grau de exigência da formação do próprio mestre. Para além das valências tradicionais que o caracterizavam como um bom capoeira, deveria se diferenciar no mercado mediante outros atributos. Sob essa lógica, vemos o exemplo de Mestre Bimba, que se valia dessa qualificação, dizendo: “Tenho na parede uma autorização da Secretaria de Educação, Sou professor de cultura física. Ninguém pode mexer comigo” (BIMBA in SODRÉ apud ABREU, 1999, p. 30, nota 15).

Encontramos, no modo como as academias se organizavam nos idos das décadas de 1930 a 1950, o embrião do que viria a ser a forma do grupo de capoeira nos idos de 1960 e 1970: organizações estruturadas predominantemente segundo as idéias da *Regional Baiana*. Na próxima seção do texto, aprofundaremos essa compreensão

### **2.3 – O GRUPO DE CAPOEIRA, FASE SUPERIOR DA LUTA REGIONAL BAIANA<sup>85</sup>.**

*“Essa arte eu sei um pouco, meu mestre que me ensinou, depois passei para alguém, eu fui um bom professor ... ”*

*(Paulo dos Anjos, faixa 11)*

Antes de mais nada, é preciso, para compreender o processo de expansão dos grupos de capoeira, o entendimento dos limites e das possibilidades que presidiam o seu desenvolvimento no contexto da Bahia e do Rio de Janeiro.

Conforme já foi afirmado anteriormente, compreendemos que os grupos de capoeira representam a forma mais avançada do que antes eram as academias. Conseqüentemente, o estilo de capoeira que viria a se difundir mediante essa nova formação possui como inspiração fundamental o ritual do jogo tal como ocorreu em contexto baiano. Todavia, apesar de ser a Bahia o ambiente em que a capoeira se desenvolve na forma mercadoria, o contexto da

---

<sup>85</sup> Alusão ao título do livro de Lênin: *O Imperialismo, a fase superior do capitalismo*.

estrutura social econômica da cidade de Salvador limita o seu desenvolvimento.

Sobre a questão econômica, Salvador, no período supracitado, encontrava-se estagnada, ainda dependente da agricultura baseada na monocultura extrativista (fumo e principalmente o cacau), com finalidades de exportação.

Como evidências dessa afirmação, observamos, no contexto da Bahia, na década de 1960, os usos da mercadoria capoeira ainda bastante limitados na sua expressão como aula de capoeira, dada a organização das academias<sup>86</sup> e de shows folclóricos, o que reduzia as possibilidades de ampliação das relações de *compra e venda* dessa mercadoria.

Por sua vez, no contexto do Rio de Janeiro, diferentemente dos contornos da capoeira baiana, a prática do jogo ocorria sob formas mais flexíveis. Nesse contexto, era possível encontrar uma capoeira eminentemente bélica e marginal<sup>87</sup>, e aquela praticada por estudantes da classe média que acessavam o conhecimento sobre capoeira através de viagens à Bahia e de treinos esporádicos no Centro de Cultura Física Regional.<sup>88</sup>

Vejamos com mais detalhes como se deu o desenvolvimento do segundo caso. Após os treinos na Bahia, os estudantes, já no Rio de Janeiro, sentindo a necessidade de dar continuidade às atividades com capoeira, organizaram-nas sem a coordenação direta de um mestre. A possibilidade de desenvolvimento de treinos, regulares, sem a presença de um mestre, inaugura um novo tempo na história da expansão da capoeira moderna, desde que, no Rio de Janeiro, vigorava uma espécie de representação jurídica coletiva, em torno da qual os interessados em aprender a capoeira se organizam independentemente.

Nessas circunstâncias, o contato que os estudantes mantinham com a Luta Regional Baiana, nos períodos de treinos em Salvador, lhes permitia o conhecimento dos aspectos mais elementares da capoeira, que seriam aprofundados em contexto carioca, nos treinos. A

---

<sup>86</sup> Conforme já citado, em função das necessidades de controle de poder, os mestres dividiam com poucos alunos a tarefa de dar aulas de capoeira, o restringia a possibilidade de abertura de um número maior de turmas.

<sup>87</sup> Como exemplo dessa expressão, vemos o trabalho de Sinhozinho (Agenor Sampaio), que buscava no aspecto da luta o melhor sentido para a prática da capoeira, cuja ocorrência se dava, com mais intensidade, nos subúrbios cariocas. Segundo Pires, em palestra na casa da Mandinga – Instituto Jair Moura, Salvador/BA (dezembro de 2006) –, Sinhozinho e seus alunos, se, por um lado, superaram em combate de ringue os alunos de Mestre Bimba, por outro, perderam no combate pela referência de capoeira.

<sup>88</sup> Segundo Capoeira, “No começo dos anos 60, alguns jovens da classe média carioca, durante as férias de fim de ano, tiveram aulas com mestre Bimba. De volta ao Rio prosseguiram seu aprendizado de forma quase autodidata. Já em 1966/67/68 eles conquistaram o troféu Berimbau de Ouro e seu grupo – o Grupo Senzala – chegou ao auge com as rodas realizadas aos sábados no bairro do Cosme Velho. [...] Ora, em 1964 os militares deram um golpe e tomaram o poder no Brasil, instaurando a ditadura militar que durou até 1984, instalando um sistema de governo que poderíamos chamar tecnoburocrático (valorizando a burocracia e a tecnologia acima de outros valores como justiça social, cultura etc.). Nós vamos ver que a capoeira, durante esta parte do “período das academias”, assimilou muitos [sic] dos valores desta tecnoburocracia (e talvez por isto, por estar em sintonia com os valores dos “donos do poder” – e, em consequência, em sintonia com os valores da classe média -, tenha podido alcançar, nos vinte anos seguintes, um sucesso econômico e uma divulgação nunca antes vistos). (CAPOEIRA, 2002, p. 57-58)

experiência do grupo de cariocas de classe média rompia, nesses termos, com a composição eminentemente patriarcal das academias baianas.

Em solo carioca, as turmas iam se ampliando, na medida em que novos interessados se aproximavam e eram recebidos pelos jovens formados no *Centro de Cultura Física Regional*. Por sua vez, à tradição da *Luta Regional Baiana*, os jovens cariocas incorporavam novos conhecimentos das ciências da saúde e da pedagogia. Nesse contexto, em 1964, surge o grupo mais emblemático da capoeira moderna, o grupo *Senzala*.

Permanecendo no âmbito das inovações metodológicas inauguradas pelo grupo *Senzala*, registra-se a inspiração na escola tecnicista. Vejamos como Capoeira (2002) descreve o método de ensino aprendizagem no *Senzala*:

Ao método de ensino de Bimba (através das seqüências), aos poucos foram adicionados uma ginástica de aquecimento (no início das aulas), treino sistemático e repetitivo de cada golpe, uma graduação para os alunos através de cordas ou cordões de diferentes cores amarrados na cintura, e o uso obrigatório de uniforme durante as aulas. E começou-se a pensar em criar campeonatos – com juízes, cronômetros e regras. Muitas destas novidades introduzidas na capoeira foram adaptadas do judô e do karatê, artes marciais orientais que os jovens capoeiristas percebiam fazer muito sucesso naquela época, devido ao treino sistemático e ao aspecto visual “sério” e organizado, o que atraía alunos com maiores possibilidades de pagar uma mensalidade alta. (CAPOEIRA, 2002, p. 59)

Além disso, continua:

Quanto aos métodos usados nas academias, podemos dizer que no estilo regional-senzala<sup>89</sup> o ensino é muito estruturado. Isto permite um rápido desenvolvimento da técnica do principiante, geralmente à custa da capacidade de improvisar, da espontaneidade e do desenvolvimento da singularidade do jogador – todos os jogadores jogam igualzinho, uns melhor e outros pior. O jogador é técnico, mas geralmente é também muito mecânico (“robô”, dizem os mais críticos). [...] Aliás, isto é verdade para a maioria (não todos) dos que começaram a aprender após, aproximadamente, 1975, quando o método de ensino já estava muito rígido. Mas os jogadores de antes desta época têm estilos diferenciados (conforme sua personalidade, biótipo etc.). É o caso dos (poucos) alunos de Bimba – hoje, todos são mestres – ainda em atividade; e é também o caso do núcleo que formou o Grupo *Senzala* no começo da década de 1960, e de outros capoeiristas daquela época: cada um tem seu tipo de jogo. [...] Este método, regional-senzala, tem por base a seqüência de Bimba (oito seqüências de golpes, contragolpes e esquivas – para serem realizadas por uma dupla de alunos) [...]. A esta seqüência foi adicionada uma ginástica de aquecimento (no início das aulas), movimentos de alongamento, abdominais, flexões etc., e às vezes ginástica com peso ou halterofilismo. Foi adicionado, também, o

<sup>89</sup> Esse termo é utilizado por Capoeira (1999, 2002 e 2003) para definir o estilo desenvolvido no grupo de capoeira de mesmo nome. Esse estilo busca uma nova via de trato da capoeira fora da lógica da Angola e da Regional. O que hoje vem se apresentando como capoeira contemporânea, um termo que não acreditamos ser o mais fiel ao sentido dessa perspectiva de capoeira

treino repetitivo e mecânico de golpes, esquivas, quedas, movimentos acrobáticos, que os alunos fazem seguindo e imitando o professor (que está à frente da turma), ou realizam sozinhos, ou em duplas. Cada professor criou também suas próprias seqüências, para os alunos realizarem sozinhos (às vezes atravessando a sala, em fila, enquanto executam a seqüência) ou em duplas. (CAPOEIRA, 2002, p. 96-97)

Percebam a semelhança entre a descrição supra e a síntese formulada por Saviani (2003), sobre a Escola Tecnicista:

A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade essa pedagogia advoga a reordenação do processo educativo de maneira a torná-la objetivo e operacional. [...] Buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem por em risco sua eficiência. [...] Na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à execução de um processo cuja concepção, planejamento coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros objetivos e imparciais. [...] inspiração filosófica **neopositivista** e o enfoque do sistema, funcionalismo.[...] Para a pedagogia tecnicista o que importa é aprender a fazer [...] a pedagogia tecnicista, ao ensaiar transpor para a escola a forma de funcionamento do sistema fabril, perdeu de vista a especificidade da educação, ignorando que a articulação entre escola e processo produtivo se dá de modo indireto e por meio de complexas mediações. (SAVIANI, 2003, p. 13-15)

Ademais, a experiência do grupo *Senzala* traz para o espaço da capoeira inovações sem precedentes no âmbito da cultura administrativa. Vejamos a percepção de Annunziato (2006) para a questão

A transição da “academia” para o “grupo”, para a estrutura organizacional das atuais associações de capoeiristas, pode ser observada brevemente na história do “grupo” *Senzala* do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1960 e 1970. Os membros do *Senzala*, que antes compartilhavam um mesmo espaço físico para suas atividades, separaram-se para ensinar capoeira em locais distintos, no entanto, sem perder o vínculo organizacional. (ANNUNCIATO, 2006, p.35)

Com isso, o estilo *Regional-Senzala* criava a possibilidade de novos tipos de relações comerciais, intensificadas após 1974, na ocasião do cisma interno do *Senzala*, com o surgimento de núcleos com uma autonomia relativa. Nesse contexto, instituem-se as práticas de filiações e franquias, e a essa nova estrutura Capoeira (2002) denomina “*megagrupos*”.<sup>90</sup>

<sup>90</sup> Vejamos como Capoeira (2002), descreve o surgimento desse fenômeno “[...] na década de 1980, já existiam vários mestres que tinham mais de cem alunos, e uns dez outros professores filiados a seus grupos. Estes grandes grupos cresceram, e atualmente (década de 1990), alguns possuem mais de cem mestres e professores filiados (no Brasil e estrangeiro), num total de alguns milhares de alunos, pagando mensalidades equivalentes a umas quatro vezes o preço deste livro – são os tais megagrupos dos quais falei. Devem existir uns cinco destes, e mais uns dez grupos muito grandes, mas que não chegam às mesmas dimensões. No entanto, a imensa maioria de

A esses megagrupos atribuímos a responsabilidade de incorporar gradativamente as relações produtivas “*de modo de produção capitalista*”<sup>91</sup> no universo da capoeira.

Por seu turno, as filiações ou franquias ampliam radicalmente o número de praticantes de capoeira e, conseqüentemente, a renda da *instituição* ou *grupo*. Como conseqüência, na década de 1980, os capoeiristas sentem a necessidade de se organizar em federações, com respaldo estatal, uma demanda que caduca, entre 1990 e 2000, quando os *megagrupos*, se internacionalizam. Nessa ocasião, já estavam presentes, maciçamente, na Europa, nos Estados Unidos e na Ásia (pólos centrais da economia mundial).

Nesse contexto, ocorre uma complexificação sem precedentes na forma como se organizavam os grupos, com o surgimento de várias categorias: o atleta de capoeira – capoeirista especializado, responsável pela divulgação da “*marca-grupo*”, vinculado a ela mediante relação assalariada; o professor de capoeira – aluno formado que ministra aulas em nome do grupo, vinculado a ele mediante uma relação assalariada; o franquiado – aluno formado, responsável por uma academia do grupo, vinculado por uma relação de pagamento de cotas para funcionamento; o filiado – professor com formação em grupo diferente que se vincula ao grupo mediante pagamento de cota; os terceirizados para prestação de serviços – capoeiristas de grupos diferentes, que são contratados por um grupo para o desenvolvimento de uma atividade específica, como uma apresentação artística; os que se dedicam ao comércio de material esportivo específico da capoeira; os que fazem uso extensivo de recursos da publicidade, áudio-visual e internet, para divulgação da marca-grupo; e os que se ocupam da institucionalização do ritual de graduação vinculado a pagamento de valores específicos.

Complementando essa linha de análise, a marca do grupo de capoeira está para os seus clientes tal qual o mestre estava para os seus seguidores. Com isso, não queremos afirmar que, na forma de grupo, o mestre encontre uma situação de desprestígio social. Apenas chamamos a atenção para a proeminência adquirida pela questão da marca-grupo para a fidelização do cliente.

Por tudo dito até aqui, não é de se estranhar, que a marca *Regional-Senzala* tenha se

---

mestres, professores e alunos ainda é constituída por milhares de grupos muito menores. Muitos acham que temos por volta de dez mil pessoas ensinando capoeira para um total de uns duzentos mil alunos. Outros acham que este número é muito maior, da ordem de um milhão. [...] É importante frisar que grande parte dos professores e mestres filiados a megagrupos não devem a estes sua formação. Muitas vezes, são capoeiristas que, formados em outros lugares, já davam aulas, tendo um número pequeno ou médio de alunos, e que num determinado momento, ingressaram num megagrupo, adotando deste o método de ensino, a graduação, o uniforme, e aceitando a liderança do novo chefe. Isto é feito com o intuito de ganhar mais *status*, mais “nome”, e assim arranjar mais alunos. Sem falar na fascinação que os mestres, chefes destes megagrupos, exercem sobre o capoeirista médios.

<sup>91</sup> Aqui nos arriscamos a dizer que se instaura a forma de trabalho produtivo, assalariado, na expressão da valorização do valor, (D–M–D’).

constituído como referência para a organização dos grupos emergentes nos anos de 1980 e 1990, dentre os quais se destacaram: Abadá<sup>92</sup>, Muzenza<sup>93</sup>, Capoeira Brasil<sup>94</sup>, Candeias<sup>95</sup>, Cordão de Ouro<sup>96</sup> e Beribazu<sup>97</sup>.

<sup>92</sup> A Associação Brasileira para Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira (dissidência direta do Grupo Senzala), na atualidade, se constitui como o maior grupo de capoeira do planeta, e tem como principal líder José Tadeu Carneiro Cardoso (Mestre Camisinha). De acordo com site oficial do grupo, abaixo indicado, o grupo Abada realiza trabalhos em 26 estados brasileiros e em mais de 30 países, somando mais de 25 mil integrantes. Quanto às orientações filosóficas e didáticas, “As atividades da ABADÁ-CAPOEIRA estão fundamentadas em alguns ensinamentos do Mestre BIMBA, no que diz respeito à capoeira **Regional**, e da Capoeira de **Angola**, os quais se unem para serem considerados como um todo: uma **unidade em evolução** [...] os fundamentos da capoeira se expressam na **preservação da sua tradição, na evolução técnica**, no cuidado e no zelo na confecção dos instrumentos e uniformes, no aprimoramento técnico, no respeito mútuo ao trabalho básico do aprendiz, no equilíbrio, na rapidez de raciocínio, na neutralização dos ataques por meio de esquivas, na velocidade, na eficiência e na união dos componentes da ABADÁ-CAPOEIRA” (<http://www.abadadf.com.br/estrutura/filosofia.htm>, grifos nossos).

<sup>93</sup> Grupo originado no contexto do Rio de Janeiro (1972), que migra para Curitiba (1975), sob a coordenação do Mestre Burguês (Antonio Carlos de Menezes), como informa o site oficial: “hoje o Grupo se faz presente em 26 estados brasileiros, e 25 países, buscando sempre os **fundamentos e as raízes da capoeira** através de muita pesquisa. [...] tem como objetivo direto, difundir a **capoeira como filosofia** de seu trabalho, seja buscando o desenvolvimento do nível técnico, teórico e didático-pedagógico da capoeira como **arte, luta, cultura, profissão e filosofia de vida**; procurando resgatar a **valorização dos verdadeiros Mestres velhos**, como representantes autênticos da manifestação cultural genuinamente brasileira” (<http://www.muzenza.com.br/>, grifos nossos)

<sup>94</sup> Segundo o site oficial, “O Grupo Capoeira Brasil é uma dissidência do Grupo Senzala, **uma empresa comercial** que pratica, ensina e demonstra a arte Afro-brasileira da Capoeira. O Grupo Capoeira Brasil pratica o estilo de Capoeira conhecido como *Capoeira Regional Contemporânea*, estilo derivado dos movimentos e **seqüências desenvolvidas por Mestre Bimba e das influências da Capoeira Angola**. [...] Foi fundado em 14 de Janeiro de 1989 (ano de comemoração de 100 anos da abolição da escravidão no Brasil) por Mestre Boneco (Beto Simas), Mestre Paulinho Sabiá (Paulo César da Silva Sousa) e Mestre Paulão do Ceará (Paulo Sales Neto), na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Os três faziam parte do Grupo Senzala. Hoje em dia, o Grupo Capoeira Brasil expandiu seus horizontes internacionalmente para países como Estados Unidos, Austrália, Alemanha, França e Países Baixos ([http://www.capoeirabrasilamazonia.com/capoeira\\_brasil.php](http://www.capoeirabrasilamazonia.com/capoeira_brasil.php), grifos nossos)

<sup>95</sup> O Grupo Candeias é coordenado por Mestre Suino (Elto Pereira de Brito) e “... foi fundado em 1977 no SESC em Goiânia; atualmente está espalhado pelo mundo: Brasil, E.U.A, Chile, Peru, Equador, Argentina, França, Espanha, Inglaterra, República Tcheca e Irlanda.” ([www.grupocandeias.com.br](http://www.grupocandeias.com.br)) **O Grupo Candeias desenvolve trabalhos sobre a lógica da Igreja Evangélica, como capoeiristas de Cristo.**

<sup>96</sup> Segundo o site oficial “A ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA CORDÃO DE OURO foi fundada pelo Mestre Suassuna na década de 60, mais exatamente em 1º de Setembro de 1967, juntamente com Mestre Brasília [...] Mestre Suassuna ensinaria Capoeira Regional e Mestre Brasília a Capoeira Angola dentro do mesmo espaço. [...] Sempre irrequieto Mestre Suassuna nunca se acomodou, mantendo seu trabalho continuamente reciclado, criando após anos, o **Jogo do Miudinho**. [...] Hoje, com inúmeras filiais no Brasil e no exterior, o GRUPO CORDÃO DE OURO tem papel de destaque entre todos os grupos de capoeira, não só pelo que representa o Mestre Suassuna para o **esporte** e para a **cultura**, mas também pelo esforço empreendido por ele e seus adeptos, a fim de manter a capoeira num **nível altamente técnico**, interagindo velocidade, agilidade, elasticidade, criatividade, música e malícia, sem esquecer suas raízes.” (<http://www.grupocordaodeouro.com.br/.html>, grifos nossos)

<sup>97</sup> O Beribazu, se caracteriza por ser o grupo que mais estimula a produção intelectual voltada para a capoeira. Segundo as informações encontradas em site seu oficial, “O Grupo de Capoeira Beribazu foi fundado em 11 de agosto de 1972, no Distrito Federal pelo Mestre Zulu. Atualmente existem núcleos do Grupo espalhados pelo país e em diversas regiões do mundo. No Brasil, em Brasília (DF), Vitória (ES), Valparaíso (GO), Joinville (SC), Chapecó (SC), Criciúma (SC), Florianópolis (SC). Internacionalmente, o Grupo tem representação em Varsóvia (Polônia), Kansas (EUA), Ilmenau (Alemanha), Bristol (Inglaterra), Buenos Aires (Argentina) e Verona (Itália). [...] O Grupo Beribazu tem como lema o binômio “Arte-Luta” e procura elaborar uma síntese que busca a **superação da divisão: Capoeira Angola e a Capoeira Regional**, procurando difundir a capoeira da forma mais abrangente possível, através da **análise crítica dos seus valores histórico-culturais**.

Por intermédio do **estudo e da prática da capoeira**, o Grupo Beribazu tem como objetivo principal contribuir para a **formação integral do ser humano** e conceber a capoeira como um instrumento relevante no processo de aprendizagem social e no **exercício crítico da cidadania**. [...] O crescimento e a disseminação da capoeira nos

Estabelecendo uma relação com a esfera econômica, compreendemos ainda o fenômeno da expansão da forma *grupo*, tendo em vista a lógica de consumo que, mesmo que tardiamente, vigorava na época. A explicação para essa lógica de consumo residiria na máxima do Fordismo<sup>98</sup>: *produção de massa significa consumo em massa*. Nesse sentido, Harvey (2005) esclarece que:

O que havia de especial em Ford (e que, em última análise, distingue o fordismo do taylorismo) era a sua visão, seu reconhecimento explícito de que **produção de massa** significava **consumo de massa**, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia, em suma, um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista. (HARVEY, 2005, p. 121)

É, pois, fácil entender, conforme já aludimos anteriormente, o sucesso do método formulado por Mestre Bimba e aperfeiçoado no *Senzala-Regional*. Por essa razão, são por si evidentes as razões dos curiosos apelidos que recebem os *megagrupos* entre os capoeiras da Bahia: *fast-food da capoeira*<sup>99</sup>, *capoeira estilo alô mamãe*<sup>100</sup>, *capoeira do radinho de pilha*<sup>101</sup>, *capoeira do soltar magia*<sup>102</sup>, etc.

---

últimos anos têm exigido dos praticantes um compromisso concreto com a sua valorização e é dentro dessa perspectiva que o Grupo Beribazu vem implementando suas metas. [...] Capoeira como um processo intelectual [...] Os reconhecidos **trabalhos de pesquisa, desenvolvidos por integrantes do Grupo Beribazu**, evidenciam os princípios que norteiam as metas do Grupo e o compromisso de seus líderes com a capoeira em geral. [...] O quadro atual de docentes do Grupo Beribazu é composto de 12 mestres, 4 mestrados, 9 contramestres e vários instrutores e monitores. O total é composto de mais de **noventa professores**. A estimativa é de que o Grupo Beribazu tenha hoje cerca de 2.000 integrantes. ([http://www.beribazu.com.br/paginas/beribazu\\_corpo.php](http://www.beribazu.com.br/paginas/beribazu_corpo.php)) (grifos nossos).

<sup>98</sup> Segundo Pinto (2007), “Henry Ford (1862-1947), também estadunidense, ainda muito jovem demonstrou inclinação para a mecânica: aos 16 anos, começou a trabalhar numa oficina em sua cidade e, após ter sido bem sucedido em várias invenções, foi contratado pela companhia Westinghouse, fabricante de veículos automotores movidos a vapor. Em 1885, munido de novos conhecimentos, foi para as oficinas da Eagle Motor Works, em Detroit, para consertar e estudar em profundidade motores a explosão [...] Seu ideal era desenvolver um motor revolucionário e, durante anos, esteve a montar e testar motores de combustão a alta pressão [...] finalmente estabeleceu, na própria Detroit, o que seria a primeira planta da Ford Motor Company, por muito tempo a maior fabricante mundial de veículos automotores. [...] Tendo se tornado diretor-geral e proprietário majoritário dessa companhia, passou a ocupar-se com as atividades comuns aos administradores de sua época, adquirindo experiência na gerência da empresa e tornando-se, em pouco tempo, reputado homem de negócios. [...] A conjugação dessas duas áreas de conhecimento, que atualmente poderíamos designar como Engenharia de Produto e Engenharia de Processo, possibilitou a Henry Ford ampliar uma série de inovações tecnológicas e organizacionais já em curso no início do século 20, dentre as quais o taylorismo, em franca expansão na gestão do trabalho em empresas metalúrgicas de grande porte nessa época. Cumpre esclarecer, entretanto, que sua principal genialidade consistiu, sobretudo, em ter imaginado a possibilidade de incutir nos seus contemporâneos a postura de consumidores de massa de produtos padronizados.” (PINTO, 2007, p. 27-28).

<sup>99</sup> Termo utilizado por Frederico Abreu, em dezembro de 2006, na *Casa da Mandinga* – Instituto Jair Moura, para designar a forma como a capoeira é instituída nos *megagrupos*.

<sup>100</sup> Termo criado por Mestre Lua Rasta (Gilson Fernandes – *Olhando pra Lua*), em apresentação teatral (no auditório do Instituto Social da Bahia, 1994 – Fita VHS pessoal), referindo-se ao estilo *Senzala*, identificado pela padronização da ginga e pelo posicionamento das mãos e dos dedos, semelhante ao telefone.

<sup>101</sup> Termo criado por Mestre Lua Rasta (Gilson Fernandes – *Olhando pra Lua*), em apresentação teatral (no auditório do Instituto Social da Bahia, 1994 – Fita VHS pessoal), referindo-se à variação do estilo *Senzala*, no caso a forma como os alunos do *Capoeira Gerais* (grupo de capoeira radicado em Belo Horizonte, sob a



À vista do exposto, numa apreciação sintética, de caráter conclusivo, cabe observar que a aproximação estabelecida entre a forma grupo-capoeira e a cultura do fordismo visou a evidenciar o modo como a capoeira, mediante um processo de extrema regulamentação, tornou possível a ampliação das possibilidades mercantilização da sua prática. Ainda no bojo dessa compreensão, chamamos a atenção à definição de Pinto (2007) sobre a perspectiva adotada por Ford quanto à lógica produtiva:

Ford, ao dizer certa vez, “você pode escolher a cor do carro que quiser, desde que ele seja preto”, expressava claramente seu intuito: produzir a maior quantidade possível de carros, tornando-os acessíveis à maior parte da população – ainda que tivesse, para conseguir isso, de padronizar esses carros a alguns poucos modelos. (PINTO, 2007, p. 41, nota 1)

Em alusão à citação de Pinto, para uma compreensão mais adequada, das nossas conclusões sobre o impacto da proliferação dos megagrupos no universo da capoeira, onde se lê carro, substitua-se por capoeira.

Por fim, destacamos a seguir uma síntese dos diferentes modos como as relações pedagógicas se apresentaram de 1930 aos dias atuais. Vale ressaltar que as datas abaixo indicadas representam marcos aproximados do surgimento de formas específicas, e, ainda, que a existência de uma não anula a possibilidade da existência da outra

- Até 1930: Mestre – Aluno – na rua.
- 1930 à 1940: Mestre – Alunos – academia.
- 1940 à 1960: Academia – Mestre – Professores em Estágio – Alunos
- 1960 até hoje: Grupo – Mestres – Professores em Estágio – Alunos

## **2.4 – A RESSURREIÇÃO DA CAPOEIRA DE ANGOLA-GENGIBIRRA: O DISCURSO DA TRADIÇÃO FRENTE ÀS DEMANDAS DO CONSUMO.**

Com o envelhecimento e a morte de quase todos os mestres da geração dos ‘*nobres capoeiras*’<sup>103</sup> das décadas de 1930 e 1940, a prática da capoeira Angola, nas décadas de 1970 e 1980, limitava-se a poucas e corajosas experiências.

Nesse contexto, os megagrupos passam a absorver o interesse da classe média por uma capoeira de fácil consumo, seja no plano da docência, seja no plano do espetáculo. Nesse

---

coordenação do Mestre Mão Branca – William Douglas da Silva), identificado pela padronização da ginga e o osicionamento das mãos, como se o capoeira estivesse segurando um rádio ao ouvido.

<sup>102</sup> Termo originado nas rodas de conversa de capoeira, que se refere à variação do estilo *Senzala*, no caso a forma como os alunos do *Capoeira Brasil* (*megagrupo* de capoeira espreado no Brasil e no exterior, sob a coordenação de vários mestres cariocas e cearenses) movimentam as mãos de forma frenética, como se estivessem “*arremessando coisas*”.

<sup>103</sup> Definição dada por Frederico Abreu, em *Bimba é bamba* (2002, p. 17), aos capoeiras das décadas de 1930 a 1950 da Bahia.

contexto, a Capoeira de Angola passava a ocupar cada vez menos espaços de prestígio social, como ilustra Capoeira (2002).

Depois da criação da capoeira regional por mestre Bimba, na Bahia, na década de 1930, e do grande sucesso do Grupo Senzala, no Rio, nos anos 60 e 70, paralelamente à criação das federações de capoeira e à realização de campeonatos, parecia que a capoeira angola vivia melancolicamente seus últimos dias. Alguns mestres da velha-guarda da angola continuavam em atividade, e havia até um ou outro jovem angoleiro ensinando, mas completamente obscurecidos pelo sucesso do novo estilo regional-senzala. (CAPOEIRA, 2002, p. 64)

Frente a essa situação de crise, os primeiros sinais de reação da Capoeira de Angola se devem principalmente às ações do GCAP<sup>104</sup> (Grupo de Capoeira Angola Pelourinho), sob coordenação de Pedro Moraes Trindade<sup>105</sup> (Mestre Moraes). Diante desse contexto, a estratégia fundamental do Mestre Moraes residiu em reatualizar o ritual do jogo de Angola, incorporando fardamento, treinos mais sérios, buscando respaldo de movimentos sociais organizados e aproximando-se de uma lógica administrativa mais moderna.

Quanto às inovações no plano didático, Mestre Moraes, tendo em vista a necessidade de preparação de capoeiras mais adaptados ao cenário da capoeira dos anos de 1980 e 1990, torna a Capoeira de Angola mais dinâmica, combativa e objetiva. Em alusão a essa questão, Capoeira, afirma:

No estilo angola, cujas academias voltaram a florescer em número e quantidade de alunos após 1985, originalmente o ensino era muito menos estruturado e mecânico, e exercitava mais a criatividade e a malícia. Mas, a curto prazo, nos primeiros anos de aprendizado, o angoleiro levava desvantagem em relação ao regional, devido ao rápido aprendizado pelo método mais rígido e objetivo deste último. [...] Mas, em nossos dias, é comum vermos jovens professores de angola ensinando com métodos mecânicos e repetitivos, **copiados** da regional-senzala. O que **tem produzido uma novíssima geração de angoleiros que falam muito em “improvisação, mandinga e criatividade”, mas, na verdade, jogam todos – igualzinho ao seu professor.** (CAPOEIRA, 2002, p. 97, grifos nossos)

<sup>104</sup> De acordo com Barros (2002): “*Grupo de Capoeira Angola Pelourinho*, formado na época por Mestre Moraes. Fundado em 1980 no Rio e transferido em 1982 para a Bahia, teve uma importância indiscutível para a retomada da Capoeira Angola. Deixou mestres no Rio de Janeiro e formou Mestre Cobrinha Mansa na Bahia. Valorizando os mestres antigos, produzindo pesquisas, trouxe a energia tradicional da Roda de Capoeira a uma nova posição: ritual, luta e movimento. No início da década 80, com a Regional completando 50 anos e a Angola, 400, o contexto se modificou totalmente. A Regional era predominante, mas se afastara dos preceitos do seu criador, e os angoleiros que não concordaram com a inevitável fusão das capoeiras estavam esquecidos e se afastando da sua prática. Mestre João Pequeno, principal discípulo de Mestre Pastinha, começou a usar cordéis e batizados, influenciado pelas mudanças da Capoeira.” (BARROS, 2002).

<sup>105</sup> Mestre Moraes é aluno de João Grande (João Oliveira dos Santos), que, por sua vez, foi um dos alunos mais destacados da escola de Mestre Pastinha, parceiro de João Pequeno (João Pereira dos Santos), os quais correspondem à herança do jogo da Capoeira Angola (Angola-Gengibirra).

Considerando a questão sobre as estratégias empreendidas por Mestre Moraes, observa-se a busca de respaldo político. Nessa direção, o movimento do GCAP assume uma orientação política explícita, como podemos ver em Barreto (2004), “Com um discurso que afirmava as raízes africanas da capoeira e denunciava as injustiças sofridas pelos tantos capoeiristas e afro-descendentes.” (BARRETO, 2004, p. 6). Daí o porquê de o grupo GCAP ser reconhecido como o precursor de um movimento que se tornou amplo e diversificado, sob a pauta de reivindicações do movimento negro brasileiro.

Porém a adoção de um discurso pró-minorias rende ao GCAP mais do que o apoio do Movimento Negro, que se reestruturava após anos de ditadura militar no Brasil. Possibilita-lhe a adequação a um novo movimento estético e de consumo que se fortalecia nos países centrais.

Foi esse o contexto em que os vários movimentos contraculturais e antimodernistas dos anos 60 apareceram. **Antagônicas às qualidades opressivas da racionalidade técnico-burocrática de base científica** manifesta nas **formas corporativas e estatais monolíticas** e em outras formas de poder institucionalizado (incluindo as dos partidos políticos e sindicatos burocratizados), as contraculturas exploram os domínios da **auto-realização individualizada** por meio de uma política distintivamente “neo-esquerdista” da incorporação de gestos **antiautoritários** e de hábitos iconoclastas (na música, no vestuário, na linguagem e no estilo de vida) e da **crítica da vida cotidiana**. Centrado nas **universidades, institutos de arte e nas margens culturais da vida na cidade grande**, [...] movimento de resistência cosmopolita, transnacional e, portanto, global, à hegemonia da alta cultura modernista. Embora fracassado, ao menos a partir dos seus próprios termos, o movimento de 1968 tem de ser considerado, no entanto, o arauto cultural e político da subsequente virada para o pós-modernismo. Em algum ponto entre 1968 e 1972, portanto, vemos o pós-modernismo emergir como um movimento maduro, embora ainda incoerente, a partir da crisálida do movimento antimoderno dos anos 60. (HARVEY, 2005, p. 44, grifos nossos)

Talvez, por esse motivo, a via de consumo e expansão da GCAP se dá essencialmente através da exportação da *capoeira de fundamento*, uma capoeira filosófica, ritualizada, individualizada, espontânea, ancestral, primitiva, cheia de mistérios, como uma “... reação à ‘monotonia’ da visão de mundo do modernismo universal. Geralmente percebido como positivista, tecnocêntrico e racionalista, o modernismo universal tem sido identificado com a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais ideais, e com a padronização do conhecimento e da produção.” (HARVEY, 2005, p. 19). No bojo dessa reflexão, a rejeição à visão de mundo do modernismo irá incluir seus subprodutos. a exemplo da *ordem-estilo* da Regional e da *Regional-Senzala*.

Nesse contexto, emerge um amplo movimento de valorização da tradição e,

consequentemente, dos antigos mestres, empreendido tanto pelos megagrupos quanto pela Capoeira de Angola. No nosso entendimento, as circunstâncias supra-aludidas explicam o porquê desse fortuito reencantamento pela tradição, materializada na aproximação dos grandes grupos dos mestres mais antigos, que compuseram o cenário da construção da capoeira baiana dos anos de 1950 e 1960, a quem chamam de *velha-guarda*, expressão do que poderíamos chamar de estética das manifestações do Recôncavo Baiano.

À luz dessa assertiva, no tocante aos mestres mais festejados, encontramos, além de mestres antigos vinculados a Mestre Bimba e à Regional, os mestres ligados à Angola-Gengibirra e à Capoeira de Rua (Caiçara e Canjiquinha, provenientes de uma tradição diferenciada, alunos de Aberrê, membro da galanteria de Capoeira Angola dos anos 1930). Merecem especial destaque os mestres João Pequeno e João Grande, alunos de Mestre Pastinha, imortalizados no filme *Dança de Guerra* (Jair Moura – 1964), responsáveis pela conservação da tradição dos grandes capoeiras dos anos de 1930.

Retomando a discussão sobre as inovações trazidas pelo GCAP, verifica-se uma tendência à adoção de padrões administrativos que já vigoravam nos grupos de capoeira (*Regional-Senzala*), conforme pode ser visto em sites do grupo<sup>106</sup> e no modo como passam a se estruturar as organizações de Capoeira de Angola, em diferentes núcleos espalhados pelo mundo, com sede administrativa no Brasil.

Esses seriam, no nosso entendimento, os principais fatores responsáveis pelo ressurgimento *da tradição de Angola-Gengibirra*. Todavia não é possível afirmar que exista consenso na comunidade acadêmica a respeito dos motivos que desencadearam o processo de reavivamento *da tradição de Angola-Gengibirra* durante as décadas de 1980 e 1990. Sobre essa questão, dentre outros autores (1999, 2002 e 2003), Capoeira irá afirmar:

É curioso notar que esta reviravolta (que trouxe a angola de volta) foi completamente inesperada. E, do ponto de vista sociológico, antropológico, histórico etc., absolutamente inexplicável. Afinal de contas, a regional-senzala estava muito mais afinada com o quadro geral da sociedade (daí o seu crescente sucesso) do que a angola (e por isto ela vinha sendo progressivamente desprezada). (CAPOEIRA, 2002, pp. 64-65)

Ainda no plano das suas considerações a respeito do fenômeno, apresenta pistas para o entendimento do ressurgimento e popularização da Capoeira Angola:

1. As **exigências do mercado estrangeiro**. – A regional-senzala não se

<sup>106</sup> Os sites relacionados aos grupos de Capoeira Angola-GCAP, são bastante ilustrativos, o próprio site do GCAP (<http://www.gcap.org.br/historia.htm> e <http://www.gcap-manchester.org.uk>), possui informações sobre a história da capoeira de Angola e do ritual do N'Golo (Dança totêmica da Zebra) que dizem ser a luta ancestral da capoeira - <http://www.capoeira-angola.org/>

mostrava tão eficaz na Europa e nos Estados Unidos. Por outro lado, a ‘capoeira tradicional’ – com **ênfase no ritual, música, filosofia** etc. - atraía diversas faixas etárias; ambos os sexos; **pessoas ligadas a dança, música, teatro**, além das ligadas às artes marciais.

2. A geração Sensala começa a envelhecer. – Quando chegamos em 1985, os capoeiristas da geração regional-senzala se aproximavam dos quarenta anos de idade, e encaravam a perspectiva de, em breve, fazer parte da ‘velha-guarda’. Uma velha-guarda destronada. Sem dúvida isto pesou no sentido de valorizar a (futura) ‘velha-guarda’ (e, neste movimento, era inevitável a revalorização da atual velha-guarda, tão desprestigiada).

3. Angola x regional: uma disputa revivida. – Aconteceu que, entre os pouquíssimos mestres de Angola (sucessores da velha-guarda, e contemporâneos da geração Sensala), encontrava-se o baiano Moraes – aluno de Pastinha e João Grande –, que veio para o Rio no início da década de 1970, e após doze anos tinha estruturado e afirmado o pequeno, porém ativo, Grupo Pelourinho de Capoeira Angola. Ao voltar para Salvador, no começo da década de 1980, reuniu a seu redor alguns dos (esquecidos) velhos angoleiros. A reação de seus contemporâneos da geração regional-senzala foi imediata: uma **valorização dos velhos mestres de Angola** (dando-lhes lugar de **destaque em encontros, chamando-os para darem cursos e palestras**); e não somente os que se reuniam em torno de Moraes, mas outros também, que eram de linhas ‘adversárias’ (CAPOEIRA, 2002, p. 65-67, grifos nossos)

Por tudo dito até aqui, é por si evidente, que a experiência do GCAP irá influenciar o modo como a Capoeira de Angola se organiza a partir dos anos de 1980. Nessa direção, os grupos, surgidos no interior do GCAP, mais emblemáticos no cenário da Capoeira de Angola, são o *FICA/ICAF*<sup>107</sup> (Federação Internacional de Capoeira Angola/International Capoeira Angola Foundation – fundada em 1995), cujo Mestre é Cobra Mansa (Cinézio Feliciano Peçanha) e o *N’Zinga*<sup>108</sup> (Instituto N’Zinga de Capoeira Angola – 1995).

No contexto da nossa discussão, o destaque concedido às duas organizações supracitadas se justifica devido à relevância dessas instituições no universo da capoeira, ambas com projetos de expansão.<sup>109</sup>

<sup>107</sup> Cujo lema é “Progress through tradition” (*Progresso através da tradição*). Conforme site [www.capoeira-fica.org/](http://www.capoeira-fica.org/)

<sup>108</sup> O Grupo N’Zinga é coordenado pelos Mestres Janja (Rosângela Araújo – historiadora – Doutora em Educação USP), Poloca (Paulo Barreto – geógrafo) e Paulinha (Paula Barreto – socióloga), todos alunos-discípulos dos Mestres João Grande, Moraes e Cobra Mansa. Apesar de o N’Zinga ter quase o mesmo tempo de fundação do FICA/ICAF, o mesmo é dissidente de Cobra Mansa, fundador do FICA/ICAF.

<sup>109</sup> Como é possível observar nos sites oficiais dos dois grupos. Quanto ao *FICA/ICAF*, constam as seguintes filiais “**EUA** - ICAF-Washington, D.C. Mestre Cobra Mansa - ICAF-Austin, TX, John White - ICAF-Atlanta, GA - ICAF-Baltimore, MD - ICAF-Chicago, IL, Beto DeFreitas - ICAF-Middletown, CT, Maarten DeMoor - ICAF-New Orleans, LA, Curtis Pierre - ICAF-Philadelphia, PA, Akin Sheye Brown e Kamau Blakney - ICAF-Oakland CA Seattle & WA (West Coast Head Branch), Mestre Jurandir - ICAF – Los Angeles, CA **Europa** - ICAF – Montpellier, FR, Everson Leão - ICAF Paris, Frank Perna Longa Lavita. **Brasil** - FICA Bahia, Mestre Valmir - FICA – Rio de Janeiro, Contra-mestre Rogério - FICA Goiás, Leninho - Fica Belo Horizonte Minas Gerais, Contra Mestre Silvinho e Trenéu Gunter” (<http://www.capoeira-angola.org/>). Quanto ao *N’Zinga*, constam as filiais “[...] em São Paulo e núcleos em Salvador e Brasília. Tendo membros atualmente fora do Brasil, mantém núcleos em **Maputo (Moçambique)**, Cidade do México (México) e Marburg (Alemanha). (<http://www.nzinga.org.br/index.php>)

Para evitar qualquer tipo de mal entendido, vale esclarecer que não queremos, com essa interpretação, emitir nenhum tipo de julgamento moral a respeito da forma como a capoeira Angola vem se desenvolvendo, até mesmo porque, como afirmado anteriormente, seja no caso da Regional, seja no caso da Angola, as adaptações sofridas não se constituem, no nosso entendimento, como defeitos ou desvios, “... mas algo que faz parte da natureza mais essencial (da) matriz geradora do capitalismo.” (TONET, 2008, p. 2)

Entretanto, é preciso lembrar que essa lógica, diferentemente daquela que conforma os fenômenos da natureza, é presidida por ações humanas, e, como tal, passível de sofrer alterações. Ademais, vale destacar que, conforme aludido por Santos (2007), o materialismo histórico dialético, ao identificar o fator econômico como o aspecto primário que determina o envolver da sociedade burguesa, não pretende, com isso, desconsiderar o conjunto de ações e reações complexas que caracterizam a prática social. Nesse plano teórico, o princípio materialista da relação de determinação, na ausência da dialética, implica, fatalmente, uma leitura determinista do Marxismo, via de regra grosseiramente reduzida à estrutura econômica e à superestrutura. Nesse sentido, parece evidente o motivo da preocupação de Engels com certas leituras incautas do Marxismo no contexto pós-falecimento de Marx. O excerto abaixo, extraído da *Carta de Engels a Block*, de 1890, explicita a questão:

Segundo a concepção materialista da história, o fator que, em última instância, determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos, uma vez sequer, algo mais do que isso. Se alguém o modifica, afirmando que o fato econômico é o único fato determinante, converte aquela tese numa frase vazia, abstrata e absurda. A situação econômica é a base, mas os diferentes fatores da superestrutura que se levanta sobre ela - as formas políticas da luta de classes e seus resultados, as constituições que uma vez vencida uma batalha, a classe triunfante redige, etc, as formas jurídicas, e inclusive os reflexos de todas essas lutas reais no cérebro dos que nelas participaram, as teorias políticas, jurídicas, filosóficas, as idéias religiosas e o desenvolvimento ulterior que as leva a converter-se num sistema de dogmas - também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam sua forma, como fator predominante. Trata-se de um jogo recíproco de ações e reações entre todos esses fatores. (ENGELS, 21/22 de setembro de 1890, Carta de Engels a Bloch)

Por esse motivo, buscamos, no decorrer da exposição, compreender o fenômeno da expansão da capoeira tendo em vista as relações e conexões que lhes eram intrínsecas, relações essas que a constituíam e que inseriam esse fenômeno em uma totalidade, a qual, dadas às condições históricas do nosso momento, acabam por determiná-la.

Todavia, em associação com esse pressuposto teórico, a realidade é concebida no seu todo como dialética e contraditória. Nesse sentido, a contradição não é apenas entendida como

categoria interpretativa do real, mas também como sendo ela própria existente no movimento do real, como motor interno do movimento. Assim, na próxima seção do texto, a categoria contradição será utilizada em um plano maior na análise. Com isso, pretendemos evidenciar o caráter contraditório da própria capoeira, das suas possibilidades e de seus limites.

### 3 – O CARÁTER CONTRADITÓRIO DA CAPOEIRA, DAS SUAS POSSIBILIDADES E DE SEUS LIMITES

*“A ética da capoeira é uma ética do corpo, um corpo que tem dono, que tem centro, que rejeita o estado de dominação e coloca em movimento uma dança contra hegemônica [...] Ai acontece aqui no Brasil essa lição de resistência dos oprimidos, produzindo uma alternativa ao discurso ocidental do controle e da instrumentalização. A capoeira trabalha na direção oposta, da autonomização e da formação de redes de cúmplices.”*

LIMA, 2008, p. 02.

O trecho em epígrafe, de autoria do Professor Paulo Costa Lima, atual presidente da Fundação Gregório de Mattos<sup>110</sup>, remete-nos à discussão que pretendemos fazer neste capítulo do trabalho. Antes, porém, de anunciarmos os caminhos dessa reflexão, faremos um breve excuro através da nossa memória pessoal. Certa feita, a comunidade acadêmica foi interpelada na Bahia, com uma série de notícias a respeito da reinserção da capital do estado nas rotas de tráfico humano.<sup>111</sup> Nessa ocasião, de todos os comentários, e-mails indignados e notas na imprensa, o que mais nos chamou atenção foi aquele proferido por uma professora recém chegada à Bahia.

Naquela época, nos colocávamos entre aqueles que defendiam a importância da capoeira como uma possibilidade emancipatória e, dado o seu caráter revolucionário, uma ferramenta imprescindível na luta contra a cultura hegemônica. Por esse motivo, imaginem o tamanho do nosso espanto ao ouvi-la, dirigindo-se aos capoeiristas presentes no auditório, e perguntar: “– Onde estavam os berimbau? Os pandeiros e atabaques? As rodas de capoeira? A luta de libertação? A luta contra o opressor? A cumplicidade? A solidariedade? Quando foram encontrados no porão de um navio cargueiro, no Porto desta cidade, dezenas de pessoas escravizadas?” Até hoje, aqueles dez segundos de silêncio após a sua fala me acompanham.

No intuito de contribuir para a discussão, exporemos, a seguir, algumas idéias sobre o caráter contraditório da própria capoeira, das suas possibilidades e de seus limites.

<sup>110</sup> “A Fundação Gregório de Mattos foi criada em 1986 (Lei nº 3.601/86) sob a forma de fundação, dotada de autonomia administrativa e financeira, patrimônio próprio, vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura” (<http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/apresentacao.php>). Fundação responsável, entre diversas ações, por executar editais relacionados ao Projeto Capoeira Viva, projeto do Ministério da Cultura, que iremos abordar com mais precisão no decorrer do texto.

<sup>111</sup> A exemplo da notícia publicada em 30/10/2003, no jornal A Tarde “A Bahia está na rota do tráfico de seres humanos, exportando trabalhadores para a zona rural principalmente dos Estados do Pará e Mato Grosso. [...] Pensava-se que essa prática criminoso, que tem como objetivo o trabalho escravo, [...] **O tráfico de seres humanos é considerado o terceiro crime mais rentável no cenário internacional e movimenta bilhões de dólares a cada ano**, ficando atrás apenas do tráfico de drogas e de armas. [...] Na exploração urbana, geralmente atraindo-se a futura doméstica com promessas de que ela vai estudar. Em relação à prostituição, a garota é convidada com o mesmo apelo, além da perspectiva de trabalhar em escritórios [...] há provas de que a Bahia também está na rota do tráfico de seres humanos.” (BOMFIM, 2003)



De início, faz-se necessário acentuar que não tínhamos como intenção produzir um estudo exaustivo sobre as relações entre os diferentes modos de produção da vida e a capoeira. Antes, buscamos evidenciar, nos limites da natureza deste trabalho, pistas que indicam novas abordagens para compreensão do tema.

Dito isso, no decorrer da dissertação, refletimos sobre a ascensão social da capoeira nos anos 1930 e 1940, e a sua virada, com a adequação a forma *produtiva* dos anos 1980 e 1990. No bojo dessa discussão, destacamos o modo como a docência de capoeira passa a assumir um papel fundamental no processo de reprodução e ampliação da lógica destrutiva do capital. Nessa direção, buscamos evidenciar ainda que isso não se deu naturalmente, sem causas e nem motivos, mas em função do estado de desenvolvimento das forças produtivas.

Com essas considerações, abrimos a reflexão para um segundo plano de análise. Trata-se agora, à guisa de considerações finais, de nos perguntarmos sobre os limites do desenvolvimento social da capoeira na sociedade do capital e suas possibilidades de transformação.

Sob a ótica da nossa discussão, o processo educativo é uma mediação fundamental na constituição cultural do indivíduo, o qual, sob a égide do modo de produção capitalista, tem como função principal reproduzir o próprio capital e suas formas de sociabilidade. Isso posto, parece-nos, no mínimo, esquizofrênica qualquer tentativa de edificação de um projeto contrário a essa lógica, sem considerar a sua superação. Por tudo isso, a construção de uma capoeira plenamente emancipatória, universal, “... ainda que em formas e intensidades diferentes...” (TONET, 2007, p.9), como “... classe-para-si, classe revolucionária, síntese histórica de todas as classes e segmentos sociais que se contrapõem ao sistema sociometabólico do capital” (FONTANA, TUMOLO, 2006, p. 14), não é um projeto fácil.

A admissão dessas premissas, todavia, não tem como finalidade justificar a inércia, o sentimento de niilismo que se exacerba na comunidade acadêmica, muito menos o hedonismo como perspectiva de superação dentro da ordem. Ao contrário, significa, “*dar o passo do tamanho de nossas pernas*”, mesmo que nosso horizonte esteja distante. Significa caminhamos na direção correta, sem correr o risco de alimentar quimeras. Para isso, tomamos emprestado de Tonet (2007) algumas das suas principais questões: “Mas, qual é a direção certa? O que é o possível?” (ibidem, p.9)

Em sentido mais amplo, sobre a categoria *possibilidade*, Tonet (2007) afirma: “... o possível é um conjunto de determinações do objeto que podem ou não vir a se realizar.” (ibidem, p. 9). A realização, por sua vez, é constituída da concretização de múltiplos fatores, e, nesse sentido, o resultado depende intrinsecamente do fim que se almeja construir. Vejamos

como Tonet elabora essa questão:

...verificar em que medida aquilo que está sendo realizado se conecta, através de quais mediações, com qual fim. Não se trata, portanto, de menosprezar a viabilidade, mas de compreender que, sendo esta sempre importante, sua definição, em termos de amplitude, profundidade e prazos, sempre estará – explícita ou implicitamente – vinculada ao fim almejado. (ibidem, p.9)

Se, portanto, realizamos a crítica ao modo de produção capitalista, que condiciona todo o processo de vida social, política e intelectual, defender alterações no modo como a capoeira se apresenta nos dias de hoje sem considerar a delimitação de um projeto histórico<sup>112</sup>, e de uma prática política e educativa comprometida com o interesse dos trabalhadores, seria, no mínimo, um erro gnosiológico, para não dizer uma impostura intelectual e política.

Nesse sentido, a explicitação da posição que ocupamos relacionada à capoeira, no plano político e intelectual, justifica-se, no contexto desta dissertação, em função da necessidade de um melhor esclarecimento sob as perspectivas que estão sendo postas para o seu desenvolvimento. Nessa direção, afirmamos nossa absoluta discordância quanto à defesa da possibilidade de uma capoeira emancipatória, cidadã, libertadora, no contexto da atual forma social entre capital e trabalho. Sob esse pressuposto, concordamos com Tonet (2007), que chama a atenção para o “... uso impreciso desta categoria da possibilidade e, juntamente com ele, o estabelecimento de fins que contrariam aquilo que se diz pretender (no caso, cidadania plena como sinônimo de liberdade plena), são responsáveis, em larga medida, pelo extravio da reflexão pedagógica progressista atual.” (TONET, 2007, p. 9)

Ainda no tocante à questão, referendamos a posição assumida por Tonet (2007), para quem:

... diante da crise estrutural em que o mundo está imerso, que resulta da lógica do próprio capital e que leva a uma barbarização cada vez maior da vida humana, a superação radical do capital e a conseqüente instauração de uma sociedade comunista se colocam como objetivos evidentes. Por isso mesmo, **toda atividade educativa, teórica e prática, que pretenda contribuir para formar pessoas que caminhem no sentido de uma autêntica comunidade humana**, deve nortear-se pela perspectiva da

<sup>112</sup> Nesse contexto, tomaremos como referência as definições de projeto histórico de Luis Carlos de Freitas: “Um projeto histórico enuncia o tipo de sociedade ou organização social na qual pretendemos transformar a atual sociedade e os meios que deveremos colocar em prática para sua consecução. Implica uma ‘cosmovisão’, mas é mais que isso. É concreto, está amarrado a condições existentes e, a partir delas, postula meios e fins.” (Idem, 2003a, p. 57). Na continuação: “Nosso projeto histórico assume linhas demarcatórias: defende o socialismo e, portanto, tem uma plataforma anticapitalista, traçando uma fronteira nítida com a social-democracia, rejeitando-a. Não queremos humanizar a exploração do homem pelo homem, queremos acabar com a exploração. Não queremos ‘reformar’ o capitalismo, queremos a sua superação por um outro modo de produção mais avançado.” (Idem, 2003a, p. 57)

**emancipação humana** e não pela perspectiva da construção de **um mundo cidadão**. Vale enfatizar: um mundo cidadão significaria a melhor *forma política* de reprodução da sociabilidade mantendo, ao mesmo tempo, a desigualdade social. Por mais que aquele objetivo pareça difícil e sem viabilidade imediata, **ele deve ser perseguido incansavelmente** porque ele é o objetivo mais humanamente digno. (Ibidem, p. 10) grifos nossos

Outrossim, considerado o recorte temático do nosso objeto, identificamo-nos com a análise produzida por Taffarel (2005), tendo em vista a sua qualidade na apreciação da inserção da capoeira na forma social do capital. Vejamos a súmula por ela produzida em um de seus artigos:

...a tese de que a capoeira está em franca degeneração e decomposição de seus valores genuínos – capoeira patrimônio da humanidade – quando subsumida ao modo do capital de produzir mercadorias, para usá-las e trocá-las em relações *capitalísticas*. Procurei demonstrar que as abordagens da questão da capoeira centradas na **ética**, na **ciência**, na **educação**, na **compreensão de cultura popular** e, na **normatização/monitorização reguladas pelo Mercado, pelo Estado e Comunitária são limitadas quando desprovidas da referência de um projeto histórico explícito, superador** do modo do capital organizar a produção – uso e troca de mercadorias (Ibid, s/p, grifos nossos)

Ao passo que é por si evidente que apresentemos certo estranhamento quanto à concepção quase que idílica apresentada pelo professor Paulo Costa Lima (2008) sobre a capoeira. Nessa direção, o que o professor chama de possibilidades, chamamos de limites. Vejamos abaixo um excerto de um dos seus escritos, para um melhor entendimento da nossa assertiva:

Criar em nosso carnaval uma página de dedicatória à capoeira só pode ser visto como um gesto construtivo e saudável. Além disso, reforça uma união recente entre as três esferas do governo em torno do tema, através de iniciativas como pontos de cultura, editais, equipamentos dedicados ao tema e apoio a eventos da área – sendo exemplos recentes o Programa **Capoeira Viva**, o **Forte da Capoeira** e o **Ginga Mundo**. (LIMA, 2008, p. 2)

Observemos mais detalhadamente os fundamentos de cada um dos exemplos aludidos pelo professor.

O Projeto *Capoeira Viva*, cujo primeiro edital data de 2005, corresponde a uma ação do Ministério da Cultura, coordenada pela Fundação Gregório de Mattos, com patrocínio da Petrobras, que “... tem como objetivo **fomentar políticas públicas** para a valorização e promoção da **capoeira** como bem constituinte do **patrimônio cultural brasileiro**, apoiando uma das **diretrizes de política cultural da atual gestão do Ministério da Cultura.**” ([http://www.capoeiraviva.org.br/regu\\_obj.htm](http://www.capoeiraviva.org.br/regu_obj.htm)). No âmbito das ações práticas do edital, o financiamento de projetos é, sem dúvida, a dimensão que mais causa reboição na comunidade

da capoeira. Vejamos o que disse Juca Ferreira, na ocasião assessor de Gilberto Gil, em entrevista ao *Jornal Correio da Bahia* de 30 de março de 2005:

Ele anunciou a **liberação R\$1,85 milhão** para financiar **dez projetos** envolvidos com a capoeira na Bahia. O edital será publicado hoje no Diário Oficial da União. A novidade foi revelada durante a caminhada Cortejo Viva Salvador, que percorreu o trajeto do Campo Grande à Praça Municipal, com a presença de **456 capoeiristas**, de **40 grupos diferentes**. “Precisamos reconhecer a **maior manifestação cultural do Brasil**. Pretendemos lançar outros projetos”, acrescentou Ferreira (*Correio da Bahia* de 30/03/2005, [www.correiodabahia.com.br](http://www.correiodabahia.com.br))

Devemos confessar que, logo de imediato, ao receber a notícia, ficamos impressionados com o volume do investimento, dado o histórico de apoio público às ações para a capoeira. Todavia, ao passo em que fomos analisando o Edital, o impacto provocado pela cifra de R\$ 1,85 milhão, foi aos poucos se desfazendo, inicialmente ao tomarmos conhecimento de que a quantia destinada a cada projeto deveria cobrir seus gastos por três anos, 36 meses. Ademais, essa verba estaria limitada a apenas 10 grupos, que, para concorrerem ao processo seletivo, deveriam cumprir alguns pré-requisitos básicos – cópia do CNPJ da entidade ou CPF do candidato; cópia do estatuto da entidade; cópia autenticada da ata de posse ou de eleição da diretoria da entidade; cópia autenticada do RG e do CPF do responsável legal ou procurador nomeado (nesse caso, com cópia autenticada da procuração); título de utilidade pública dentre outros – o que tornava inviável a participação de grande parte dos grupos de capoeira.

Porém, até então, ainda não havíamos nos dado conta da face mais perversa dessa política, aquela que exacerba o conflito entre os capoeiras na disputa de uma fatia de R\$ 185.000,00. Instalava-se o clima *do farinha pouca, meu pirão primeiro*, desde que nem todos poderiam se abrigar no *guarda-chuva* de beneficiamentos do Estado.

Outra questão, não menos importante, é a de que a concessão do benefício estava condicionada à assunção de uma ideologia, porque, para serem premiados, os capoeiras se veriam obrigados a adotar um discurso e uma postura cooperativa com relação ao Estado, abandonando preocupações mais radicais, como é possível perceber nas ênfases contidas no Edital mais recente, de 2007:

Esta **chamada pública** tem como objetivo fundamental a **concessão de prêmios** de incentivo, visando à valorização, promoção e consolidação da capoeira como um dos **vetores da formação do patrimônio cultural brasileiro**, a partir de quatro linhas de ação: Apoio a projetos sócio-educativos cujo foco seja o conhecimento, o reconhecimento, a prática e a difusão do jogo da capoeira como instrumento de reforço ou recuperação da auto-estima – especialmente entre setores sociais nos quais tais experiências

contribuam para o **exercício da cidadania**, para a implementação de **uma cultura de paz** e para a valorização das **tradições culturais** e da **ancestralidade brasileira**. [...] Incentivo para projetos inéditos de estudos, pesquisas, inventários e documentação **sobre o desenvolvimento da capoeira no Brasil e no exterior, história de vida dos mestres, formação de novos mestres e detentores da sabedoria tradicional da capoeira** – propiciando o avanço dos **conhecimentos científicos** sobre o tema, bem como o levantamento e a sistematização de documentos em diferentes suportes, dispersos em diferentes arquivos e acervos públicos e privados e ainda, a difusão desses conhecimentos. [...] Incentivo ou apoio **a centros de referência sobre capoeira**, propiciando que estes estabeleçam linhas de pesquisa, ampliem e atualizem seus acervos, aprofundem seu trabalho de sistematização documental, criem bancos de dados e permitam consulta on line, aprimorem suas condições de funcionamento e gestão, bem como permitam a ampliação de suas atividades educativas e sociais, e ampliem o acesso do público ao acervo. [...] Incentivo a **ações relacionadas à capoeira por meio de mídias e suportes digitais, eletrônicos e audiovisuais**, incluindo filmes, vídeos, exposições, instalações, sítios, portais e **jogos eletrônicos**, software livre e produtos correlatos – produção, difusão e registro. [...] **A seleção das propostas será realizada por uma Comissão de Avaliação, constituída por especialistas e estudiosos da capoeira indicados pela FGM.** (Capoeira Viva, [www.capoeiraviva.org.br](http://www.capoeiraviva.org.br), s/p, grifos nossos)

Nesse mesmo contexto, para ser beneficiário do Forte da Capoeira, o grupo cotista deveria se adequar à ideologia política vigente, uma vez que a Associação Brasileira de Preservação da Capoeira, Forte da Capoeira, é uma Organização-Não-Governamental, de **iniciativa privada**, que conta com o **apoio do Governo do Estado da Bahia**, através da Secretaria de Turismo.

O seu aparelho está localizado no Forte Santo Antônio Além do Carmo<sup>113</sup>, no Largo de Santo Antônio, Centro Histórico de Salvador. No ano de 2006, o forte passou por uma reforma estrutural, com o objetivo inicial de abrigar diversos mestres de diferentes orientações. Na ocasião, cogitou-se denominar o Forte de *Shopping da Capoeira*. Vejamos uma notícia de 27 de março de 2006, extraída do site da própria Secretária do Estado, em alusão ao referido projeto de revitalização

O governador Paulo Souto, acompanhado do secretário da Cultura e Turismo, Paulo Gaudenzi, assina hoje (27), às 17h, a ordem de serviço para o início das obras de recuperação e restauração do Forte Santo Antônio Além do Carmo, **onde funciona a Ong Forte da Capoeira**. A solenidade

<sup>113</sup> Fortaleza construída na segunda metade do século XVII, que, nos anos de 1980 e 1990, encontrava-se em completo abandono, sendo apenas freqüentada pelos capoeiras que tinham relações com Mestre João Pequeno ou Mestre Moraes (GCAP), ambos com academia no local. A transferência das academias dos referidos mestres do Pelourinho para o Forte aconteceu em decorrência da expulsão dos mesmos das casas que utilizavam para dar aulas de capoeira, na ocasião do projeto de revitalização do Pelourinho. Em suma, o Forte Santo Antonio era freqüentado, sobretudo, pelos excluídos da revitalização do Pelourinho, mas que, ainda hoje, são importantes referências da capoeira no mundo. Posteriormente, ainda antes da reforma, passou a ser freqüentado por um grande número de capoeiras na cidade de Salvador, atraindo muitos turistas e curiosos.

será nas instalações do monumento secular e o orçamento estimado para as obras é de **R\$ 2,8 milhões** provenientes do **Prodetur II-BID /BNB** (Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. <http://www.setur.ba.gov.br/noticias.asp?id=263>, grifos nossos)

Veja, a seguir, fotos do antes e depois da referida reforma



Foto do Acervo do ACC – Atividade Curricular em Comunidade intitulada Ensino e Pesquisa na Roda de Capoeira<sup>114</sup>, 2003 (RELATÓRIO TÉCNICO CIENTIFICO, 2003-A, anexos)

<sup>114</sup> Segundo Titton (2006), “A Atividade Curricular em Comunidade – ACC é uma experiência educativa, cultural e científica, desenvolvida por professores e estudantes da UFBA, em parceria com grupos comunitários, articuladora de ensino/pesquisa na universidade e a sociedade. Visa promover diálogos com a sociedade, para reelaborar e produzir conhecimento sobre a realidade, de forma compartilhada, para a descoberta e experimentação de alternativas de resolução e encaminhamento de problemas. Como atividade pedagógica, é um componente curricular de natureza complementar, inserido nos currículos dos cursos de graduação, com 60 horas e 4 créditos. Como prática de construção da cidadania do estudante, a ACC trabalha com o compromisso de colocar o conhecimento a serviço das parcelas da população que dele são privadas; a experiência de produção compartilhada de conhecimento; a compreensão do conhecimento como ferramenta de transformação; a compreensão do caráter multidisciplinar dos problemas da realidade; a reflexão sobre temas desafiadores, tais como: conhecimento e poder, conhecimento e cidadania, conhecimento e transformação da realidade. Do ponto de vista da sociedade ou do contexto em que a UFBA está inserida, a ACC constitui uma oportunidade de a comunidade interagir com a Universidade, construindo parcerias, para usufruir a contribuição que o saber acadêmico tem a dar na identificação, análise e enfrentamento dos seus problemas. Como componente curricular, a ACC tem características comuns às demais disciplinas: carga horária, creditação e propósito acadêmico. Diferencia-se, entretanto, pela liberdade na escolha de temáticas, na definição de programas e na experimentação de procedimentos metodológicos, bem como pela possibilidade de assumir um caráter renovável a cada semestre, ou de comportar a continuidade da experiência por mais de um semestre. Distingue-se do estágio curricular (atividade vinculada academicamente à Universidade), ou do estágio não curricular (atividade vinculada ao contratante externo), pois a experiência não objetiva o exercício pré-profissional num campo específico de trabalho ou o exercício de aplicação do conhecimento obtido no curso. O Grupo LEP/EL/FACED/UFBA orientou e desenvolveu, no período de 2001-2004 três ACC, a saber: ‘Ações interdisciplinares em áreas de reforma agrária’; ‘Ensino e pesquisa na roda de capoeira’; ‘Cultura Corporal e Meio Ambiente’. Os dados daí decorrentes subsidiaram duas teses de doutorado (Solange Lacks e José Luiz Falcão), e uma dissertação de mestrado (Soraya Domingues).” (TITTON, 2006, p. 2, nota 1, grifos nossos)



Foto Jornal A Tarde, 14/08/2007 – “A Meca dos Capoeiristas” Obs.: A foto é de uma apresentação do Grupo Abadá, citado já no 2º capítulo desta dissertação.

Vejam agora o terceiro aparelho considerado pelo professor Paulo Lima, o Ginga Mundo, que é, ao mesmo tempo, o nome de um grupo de capoeira dissidente do grupo Abadá, visto no segundo capítulo desta dissertação, e nome de um evento de caráter anual, realizado em Salvador, desde 2002, que reúne capoeiristas, estudiosos, pesquisadores, artistas e turistas de muitas partes do mundo. Esse evento é organizado pelo Mandinga, ONG, mantida pelo grupo Ginga Mundo. Vejamos um release da edição do evento de 2008, presente no site oficial da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia

O secretário de Turismo Domingos Leonelli participou hoje (28), no **Forte de Santo Antônio**, da abertura do **Ginga Mundo 2008**, evento integrante do IV Encontro Internacional de Capoeira e Manifestações Afro-Culturais, que acontece no período de 28 a 31 de janeiro no Pelourinho. O encontro de capoeira é organizado pela **Organização Não Governamental (ONG) Mandinga**<sup>115</sup> – Associação Integrada de Educação, Arte e Esportes e conta

<sup>115</sup> ONG vinculada ao grupo Ginga Mundo. Segundo notícia de 28 de fevereiro de 2008, em entrevista com a presidente da instituição, ela descreve o Mandinga como uma “... entidade que atende a crianças carentes utilizando a Capoeira como forma de atração para os cursos que oferece, a exemplo de inglês, informática e literatura afro. A Capoeira é o nosso chamariz para atrair os meninos carentes para os cursos que oferecemos. Atualmente, atendemos cerca de 200 jovens na faixa de 10 a 15 anos”, explica Rita Moraes. Ela diz ainda que a Mandinga abriga o Instituto Jair Moura, que possui um dos maiores acervos sobre capoeira no mundo, uma oficina de instrumentos e desenvolve a Ação Griô, que atua na formação de jovens capoeiristas com aulas ministradas por renomados mestres da dança/luta. A ONG tem também o projeto Mãedigueira, voltado para ações com as mães dos jovens atendidos, dando-lhes aulas de informática (como acessar e navegar pela Internet), arte – produção de mosaicos -, entre outras atividades. “Nosso objetivo maior é divulgar e preservar a Capoeira e a data do encontro este ano foi escolhida para coincidir com o Carnaval, cujo tema é justamente a Capoeira. O

com o apoio da **Secretaria de Turismo e da Bahiatursa**. Participaram também da abertura, os famosos mestres capoeiristas João Grande – que há 15 anos possui uma academia em Nova Iorque - e João Pequeno, mestre Sabiá – organizador do encontro -, além de **Paulo Lima, presidente da Fundação Gregório de Mattos**, Magno Neto, gestor do Forte de Santo Antônio e representante da Secretaria de Cultura, e Sueli Rocha, representante da **Petrobrás**, uma das empresas patrocinadoras. (Secretaria de Turismo da Bahia, 28 de fevereiro de 2008, grifos nossos)

Aprofundando ainda mais a análise, ainda no bojo do discurso estatal, observemos a visão do Secretário de Turismo do Estado, Domingos Leonelli, a respeito do apoio concedido à capoeira:

Com esse escritório vamos implantar um **programa de qualificação turística** em todas essas academias para que ensinem também a **divulgar os encantos de nosso Estado** e nossos principais roteiros turísticos. Vamos **articular esse projeto também com operadores de turismo e agências de viagens**. [...] Segundo Leonelli, cada mestre capoeirista no exterior possui **dezenas e até centenas de alunos, que poderão vir com mais frequência à Bahia, que é a “Meca” da Capoeira no mundo. Eles permanecem de 15 a 30 dias aqui, bem mais do que a média de 2 a 3 dias do turista convencional.** “Essa visitação já acontece, mas queremos incrementar esse fluxo, agindo de forma profissional, para que resulte em mais benefícios ao turismo baiano e a todos que vivem em função da atividade Capoeira”, complementa. Ele diz ainda que a **Capoeira está inserida como uma das atividades do programa de turismo étnico-afro desenvolvido pela Setur, que recebe repasses de recursos do Ministério do Turismo.** (Secretaria de Turismo da Bahia, 28 de fevereiro de 2008, grifos nossos)

É patente, portanto, a intenção do Secretário de promover ajustes na capoeira de modo a torná-la mais palatável ao gosto do freguês. A capoeira aqui, sem disfarces, é apresentada como uma mercadoria que compõe o cenário idílico da Bahia, ao lado da baiana de acarajé negra, adornada e sorridente, da mulata lasciva, do baiano cordial, do sol, das praias paradisíacas, dos quitutes e do eterno estado de festa.

Por tudo dito até aqui, é por si evidente que a relação do Estado da Bahia com a capoeira tem como fundamento mais essencial a auto-valorização do capital. O que significa que a análise encetada por Mestre Pastinha, em 1980, ainda permanece atual: “A capoeira de nada precisa. Quem precisa sou eu” (ABREU, 2003, p. 16). Tal constatação, por sua vez, torna igualmente atual uma antiga reivindicação dos capoeiristas na luta por condições dignas de vida e ... morte: “O canto de despedida (*enterro de Waldemar da Paixão*) foi feito por João Pequeno de Pastinha, ele mesmo que, em 1983, ao reconstituir o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), atento às dificuldades para o enterro os mestres, desejou incluir nos estatutos, como **parágrafo primeiro, o direito dos capoeiristas associados ao funeral**



**de graça.** (ABREU, 2003, p. 16, grifos nossos)

A partir dessas considerações, a descrição que nos parece mais próxima da realidade para os referidos projetos, portanto, é: iniciativas públicas de gerenciamento privado, que visam ao benefício de segmentos da sociedade civil, falsamente auto-intitulados representantes dos interesses das minorias, tendo como contrapartida o fortalecimento do estado burguês, mediante uma propaganda falaciosa em prol da reparação social.

Deve-se acrescentar a esse argumento que o contexto em que tais práticas são edificadas constitui-se a partir de uma ideologia hegemônica que, nas palavras de Perry Anderson (1995), “... alcançou êxito num grau com o qual os seus fundadores provavelmente jamais sonharam, disseminando a simples idéia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, sejam confessando ou negando, têm de adaptar-se às suas normas.” (p. 12). A essa nova ordem chamamos de Estado Neoliberal.<sup>116</sup>

A América Latina foi pioneira na aplicação do modelo econômico neoliberal. Pinochet, no Chile, em meio à ditadura, antecipou o que viria a ocorrer na Inglaterra dez anos após a sua experiência em território nacional: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical, privatização de empresas estatais e bens públicos. Como resultado, a economia chilena cresce bastante rapidamente, sob os auspícios do governo ditatorial de Pinochet.

O marco, contudo, do neoliberalismo, alcunha do novo liberalismo, foram o governo de Margaret Thatcher na Inglaterra (1979) e o governo de Reagan nos Estados Unidos (1980). Ambos enfrentaram os sindicatos, fizeram aprovar leis que lhes limitassem a atividade, privatizaram empresas estatais, afrouxaram a carga tributária sobre os ricos e sobre as empresas e estabilizaram a moeda. Os Governos Conservadores de Thatcher e Reagan serviram de modelo para todas as políticas que se seguiram posteriormente no mesmo roteiro.

Nesse contexto, as organizações não governamentais (ONGs), em teoria, operariam o ‘*serviço social*’ abandonado pelo Estado, em função da necessidade de enxugar seu aparelho. Entretanto, por detrás desse caráter inofensivo, reside uma complexa engenharia de regulamentação das contradições do modo de produção capitalista. Vejamos o que dizem

---

<sup>116</sup> Estamos cientes de que o neoliberalismo não se constitui como um conjunto rígido de políticas a serem aplicadas, mas como um paradigma bastante amplo e flexível de idéias e valores. Para efeito deste trabalho, consideraremos os escritos de Hayek, que, a nosso ver, representa a essência do paradigma neoliberal. Nas observações do teórico, a solução para as principais causas da crise de 1970, vista por ele como fundamentada na existência de um Estado ‘inchado’, é, então, torná-lo ‘mínimo’. Assim, segundo os ideais de Hayek, para o reaquecimento da economia, seria preciso “[...] uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa ‘natural’ de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos. Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos.” (ANDERSON, 1995, p. 38). Advogava-se, ainda, à restrição à liberdade e à democracia como fundamentais para o sucesso capitalista e responsabilizava os países ‘dependentes’ pelo desequilíbrio financeiro internacional.

Dezalay & Garth a respeito:

As fundações filantrópicas desempenharam um papel de reguladores da mobilização cívica. Na área de meio ambiente, por exemplo, fazendo cintilar suas subvenções e mobilizando suas redes científicas, a Fundação Ford acelerou a reconversão de movimentos contestadores ao redor de temáticas "responsáveis". Por exemplo, fez pressão sobre os responsáveis pelo *Environment Defense Fund* (FED), de modo que abandonassem uma estratégia de confrontação que se apoiava sobre a tribuna judicial para mobilizar a opinião: "*Sue the bastards*" (Levem os canalhas à justiça), de acordo com a fórmula favorita do inventor desta diligência. (DEZALAY & GARTH, 2005)

No caso da capoeira, parece-nos evidente que o surgimento de diferentes entidades sob essa configuração jurídica (ONG) tem como objetivo fundamental a captação de recursos para projetos em torno de temáticas reforçadas e legitimadas por agências internacionais, tais como: reinserção de jovens marginalizados, promoção do resgate cultural, sistematização de fontes de pesquisas de relevância social, reengajamento no *mercado de trabalho*. Nesse sentido Dezalay & Garth, acentuam que:

... as grandes instituições filantrópicas privadas – como as fundações **Ford, Rockefeller, Soros** – que se encontram doravante na **vanguarda da globalização “humanizada”**. Ao mesmo tempo que financiavam o desenvolvimento internacional das grandes ONGs que militam para os direitos da pessoa ou para a defesa do meio ambiente, **contribuíam para a propagação internacional dos campi que produzem e que difundem a nova ortodoxia liberal**: [...] A globalização valoriza, assim, um espaço da “governança” internacional cujas **instituições e práticas se inspiram no modelo norte-americano**. (DEZALAY & GARTH, 2005, grifos nossos)

Nesse contexto, para acessar o concorrido mercado de financiamentos, os capoeiras se vêm obrigados a, além de dispor de competências culturais e lingüísticas em sintonia com aquelas formuladas pelas agências internacionais, ao abandono da agenda de lutas sociais.

É por essa razão que reafirmamos nossa discordância no que se refere às atuais políticas públicas para capoeira. Nesse sentido, em alusão à epígrafe que inaugura esta sessão do texto, em que o Professor Paulo Costa Lima chama de “*gesto construtivo e saudável*”, chamamos de franca degeneração dos *valores genuínos da capoeira*.

Tendo formulado essa compreensão, referendamos, pois, o entendimento de que o processo de transformação das práticas sociais apenas se efetivará de modo radical, na medida em que o sistema sócio-metabólico do capital seja superado.

Pensar a capoeira, por sua vez, no bojo das contradições sociais, como ferramenta capaz de favorecer a emancipação humana, no sentido formulado por Saviani (2002) – de “Tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação, para intervir

nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade da comunicação e colaboração entre os homens” (ibidem, p.39) – é uma tarefa para qual seria imperativo considerar, à luz do pensamento de Plekhanov, um novo homem e uma nova sociedade.

O grande homem é grande não porque suas particularidades individuais imprimiam uma fisionomia individual aos grandes acontecimentos históricos, mas porque é dotado de particularidades que o tornam o indivíduo mais capaz de servir às grandes necessidades sociais de sua época, surgidas sob a influência de causas gerais e particulares. [...] É precisamente, um iniciador, porque vê mais longe que os outros e deseja mais fortemente que outros. Resolve problemas científicos colocados pelo curso anterior do desenvolvimento intelectual da sociedade, indica as novas necessidades sociais criadas pelo desenvolvimento anterior das relações sociais e toma a iniciativa de satisfazer a estas necessidades. [...] Nisto reside a sua importância e toda a sua força. Mas esta importância é colossal e esta força é prodigiosa. (PLEKHANOV, 2003, pp.157-158)

Tal perspectiva, por sua vez, torna imperiosa, no plano do imediato, a necessidade de organização dos capoeiras, não como classe em si, mas classe para-si, classe revolucionária. Isso porque, na ordem social do capitalismo, assim como o único ser social que possui liberdade é o capital, na capoeira só existe um mestre, o próprio capital.

#### **4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: SE ESSA RODA ESTIVER BOA, NÃO VAI TERMINAR AGORA**

De início, consideramos importante afirmar que as reflexões presentes nesta dissertação apresentam limites do ponto de vista analítico, mas possibilidades do ponto de vista do enriquecimento do debate acadêmico. Afirmamos isso por acreditar nos novos caminhos de diálogo que o estudo apresenta.

Nessa direção, destacamos como principal contribuição do trabalho o seu caráter provocador, tendo em vista que a composição ideológica do campo em que o mesmo está inserido, marcado hegemonicamente por uma produção intelectual que preza à aparência dos fenômenos, pouco tem contribuído para a produção de um conhecimento articulado às necessidades apontadas pelas lutas sociais na direção da emancipação dos capoeiras.

Considerada essa perspectiva, concentramos nossa exposição na compreensão da transição histórica da capoeira, de bem comum a mercadoria.

Para efeito desse objetivo, focamos a capoeira como um *produto cultural* que contém em si características das relações mais gerais da sociedade capitalista e, especificamente, do próprio desenvolvimento do Brasil, em particular do Recôncavo Baiano, do final do século XIX e começo do século XX.

Sob esse pressuposto, no nosso argumento, a capoeira é uma manifestação humana e, como expressão das ações do homem na era moderna, encontra-se submetida à lógica das leis sociais do modo de produção que estrutura a modernidade, o modo de produção capitalista. Daí a necessidade de termos considerado na análise a capoeira em seu processo de desenvolvimento como mercadoria, objeto produzido pela ação humana, que tem por necessidade a intenção da troca.

Nesse contexto, a ênfase na análise dos produtores da capoeira esteve condicionada à necessidade de se estabelecer uma relação entre a capoeira e o seu produtor histórico. Isso porque, no nosso entendimento, para compreender a capoeira, era necessário compreender a cultura de seus praticantes, reflexão essa que exigiu uma análise enraizada no chão da história.

Partindo dessa reflexão, tomamos a docência como mercadoria-chave no desenvolvimento da capoeira como mercadoria. O debate em torno do qual se situa esta dissertação se insere nesse plano de contradições do real, ao abordar a docência de capoeira como mediação fundamental do processo de mercadorização dessa prática social.

Assim, no decorrer da dissertação, buscamos aprofundar a reflexão sobre o papel da

docência como mediação fundamental na transformação da capoeira em mercadoria.

Nesse ponto, consideramos como marco da transição, a estruturação das primeiras academias de capoeira nas décadas de 1930 e 1940, e a conseqüente saída dos grandes mestres das ruas de Salvador, criando-se as condições para a ‘profissionalização da capoeira’.

Resumidamente, descrevemos esse processo chamando a atenção para os seguintes aspectos: a restrição da prática da capoeira ao espaço privado, a academia, a formação de turmas de alunos pagantes, com horários pré-definidos, e a sistematização do ensino. Nessas circunstâncias, a experiência pública da capoeira passa a ser regulamentada pelos órgãos de turismo, e o espaço público, que se constituía em espaço de auto-realização do capoeira, ora se consolida como um espaço privilegiado do consumo alheio.

Mais adiante, concluímos, portanto, que a docência de capoeira caracteriza-se como mediação fundamental no processo de transformação da capoeira de bem comum em mercadoria, desde que, com a saída da capoeira do espaço público, a perpetuação dessa manifestação passa a estar limitada à relação entre mestre, detentor do conhecimento e aprendiz, em contexto de aula.

O grupo de capoeira, por seu turno, representa uma forma mais avançada do que antes eram as academias. Como conseqüência, o estilo de capoeira que se difunde mediante essa nova formação possui como inspiração fundamental o ritual do jogo, como ocorrido em contexto baiano. Todavia, conforme visto no texto, apesar de ser a Bahia o ambiente em que a capoeira se desenvolveu na forma “mercadoria”, o contexto da estrutura social e econômica da cidade de Salvador limitou o seu desenvolvimento internamente.

Da mesma forma, atribuímos aos megagrupos a responsabilidade de incorporar gradativamente as relações “de modo de produção capitalista” no universo da capoeira.

Nesse contexto, demos destaque à análise da complexificação sem precedentes na forma como se organizavam os grupos, com o surgimento: do atleta de capoeira – o capoeirista especializado, responsável pela divulgação da “marca-grupo”, a ele vinculado mediante relação assalariada; do professor de capoeira –aluno formado que ministra aulas em nome do grupo, a ele vinculado mediante relação assalariada; do franqueado – aluno formado, responsável por uma academia do grupo, a ele vinculado por uma relação de pagamento de cotas para funcionamento; do filiado – professor com formação em grupo diferente, que se vincula ao grupo mediante pagamento de cota; da terceirização de serviços – capoeiristas de grupos diferentes que são contratados por um grupo, para o desenvolvimento de uma atividade específica, como a apresentação artística; do comércio de material esportivo específico da capoeira; do uso extensivo de recursos da publicidade, áudio-visual e *internet*

para divulgação da marca-grupo; e da institucionalização do ritual de graduação, vinculado a pagamento de valores específicos.

Por fim, apresentamos uma breve reflexão sobre as ações da Fundação Gregório de Mattos, um exemplo hodierno de políticas públicas para a capoeira, no intuito de contribuir para a discussão sobre o caráter contraditório da própria capoeira, das suas possibilidades e de seus limites. Uma discussão ainda pouco explorada academicamente, que, a nosso ver, exige um exame de maior fôlego.

Ao tempo em que concluímos reafirmando a tese de Taffarel (2005), ratificamos que, no contexto da atual forma social entre capital e trabalho, a capoeira encontra-se em franca degeneração e decomposição de seus valores genuínos, quando desarticulada de um projeto histórico para além do capital.

Para encerrar este texto, não podemos deixar de salientar que o nosso objetivo não foi e nem poderia ser o esgotamento da reflexão sobre o processo de transição da capoeira de bem comum a mercadoria. Nossa intenção foi a de iniciar um diálogo com outros pesquisadores da capoeira, bem como contribuir para a construção de políticas de formação para os capoeiras, em particular, com o Curso Experimental de Formação de Educadores de Capoeira na Perspectiva Intercultural – PERI-Capoeira, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Educação Intercultural e Movimentos Sociais, MOVER/CED/UFSC, espaço eleito por nós como ambiente de discussão e ampliação das ações dos capoeiras, o que consideramos o passo seguinte de nossa pesquisa.

## 5 – REFERÊNCIAS.

ABIB, P. R. J. . **Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda**. [tese]. Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2004.

ABREU, F. J. de. **Bimba é Bamba: a capoeira no ringue**. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Barracão do mestre Waldemar**. Salvador-BA, Zarabatana, 2003.

\_\_\_\_\_. **Capoeiras – Bahia, Século XIX: imaginário e documentação**. Salvador-BA, Instituto Jair Moura, 2005.

AHMAD, A. Cultura, nacionalismo e o papel dos intelectuais. In: WOOD, E. M., FOSTER, J. B. (orgs.). **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999-A. pp. 59-73

\_\_\_\_\_. **Problemas de classe e cultura**. In: WOOD, E. M., FOSTER, J. B. (orgs.). **Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo**. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999-B. pp. 107-122

\_\_\_\_\_. **Linhas do presente**. SP, Boitempo Editorial, 2002.

ALMEIDA, J. A. de. ALMEIDA, M. N. **Narrativas identitárias da capoeira na Revista Brasileira de Ciências do Esporte – RBCE**. in Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Recife-PE. 2007-A

ALMEIDA, J. A. de. SILVA, O. G. T. da. **Construção das narrativas identitárias da capoeira**. in Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Recife-PE. 2007-B

ALMEIDA, M. N. **Roda de Caxias: memórias & etnografia de uma roda de capoeira**. [dissertação]. Departamento de Educação Física – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

ALMEIDA, R. C. A de. **Bimba: Perfil do Mestre**. Salvador - BA, Centro Editorial Didático da UFBA, 1982.

\_\_\_\_\_. **A saga de Mestre Bimba: Perfil do Mestre**. Salvador - BA, Centro Editorial Didático da UFBA, 1999.

ALMEIDA, R. S. **A Ginástica na escola e na formação de professores**. [tese]. Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2005.

ANDERSON, P. **Balço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir; GENTILE, Pablo (Orgs.) **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, pp. 09-23.

ANDERY, M. A. P. A. et ali. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica.** 13ª ed. – Rio de Janeiro: Garamond; São Paulo: EDUC, 2004

ANNUNCIATO, D. P. **Liberdade disciplinada: relações de confronto, poder e saber entre capoeiristas em Santa Catarina.** [dissertação]. Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do Mundo do Trabalho.** 7ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2000.

ARAÚJO, P. C. **Abordagens sócio-atropológicas da luta/jogo da capoeira.** Maia - Portugal: Instituto Superior de Maia, 1997.

ARAÚJO, R. C. **Iê, Viva Meu Mestre: A Capoeira Angola da ‘escola pastiniana’ como práxis educativa.** [tese], Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2004

AREIAS, A. **O que é capoeira ?.** 2ª ed, coleção primeiros passos. São Paulo-SP: Brasiliense. 1984.

BARRETO, P. C. da S. Capoeira Angola e a Luta Anti-racismo in **Toques D’Angola.** Ano II, nº 03, novembro, Brasília-DF, 2004. pp. 06-08

BARROS, M. de,. CAPOEIRA – **Qual é a sua?:** Angola, Regional ou Contemporânea in <http://brancelulaleone.vilabol.uol.com.br/qualeasua.html>, 2002

BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia: rito nagô.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.

BIMBA, Mestre. **Curso de capoeira Regional.** Salvador-BA, s/d. (encarte).

BOMFIM, J. Tráfico humano entre crimes mais rentáveis in **Jornal A Tarde de 30/10/2003**

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento Marxista.** Jorge Zahar Editor. São Paulo - SP. 2001

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte: uma Introdução.** 2 ed, SP: Unijuí, 2003

BRASIL. Código de Processo Penal (1941). **Código de Processo Penal : Decreto-Lei n. 3.689, de 03-10-1941**, atualizado, acompanhado de legislação complementar especial e súmulas, de índices cronológicos e alfabético da legislação complementar e das súmulas e sistemático e alfabético-remissivo do Código e Processo Penal. 42. ed. São Paulo : Saraiva , 2002. 968 p. in <http://www.infolegis.com.br/guiaprt.htm#codigos>

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Gregório de Mattos. **Edital Capoeira Viva.** 2ª Edição, Salvador, BA, de 09 de outubro de 2007 em pdf in [www.capoeiraviva.org.br](http://www.capoeiraviva.org.br)



BRITO, V. A. A. **(In)Visibilidade da contribuição negra nos grupos de Capoeira em Florianópolis**. [dissertação]. Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2005.

CANDIDO, A. O significado de “Raízes do Brasil” [préfacio] in HOLANDA, S B de. **Raízes do Brasil**. 26 ed.: São Paulo-SP, Companhia das Letras, 1995. pp. 09-21

CAPOEIRA, N. (Nestor Sezefredo dos Passo Neto). **Capoeira: fundamentos da malícia**. 5ª ed. Record, Rio de Janeiro, RJ. 1999

\_\_\_\_\_. **Capoeira: pequeno Manual do jogador**. 7ª ed. Record, Rio de Janeiro, RJ. 2002

\_\_\_\_\_. **Capoeira: o galo já cantou**. 3ª ed. Record, Rio de Janeiro, RJ. 2003

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 10ª ed. Campinas: Papyrus, 2004.

CHAUÍ, M.. **Convite à Filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003.

CHEPTULIN, A. **A dialética materialista: Categorias e leis da dialética**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. **CÓDIGO PENAL DE 1890; LIVRO III – DAS CONTRAVENÇÕES EM ESPECIE – Capítulo XIII — Dos vadios e capoeiras (arts. 399 a 404)**. Decreto 847, de 11 de outubro de 1890

COLETIVO, Autores. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORTE REAL, M. P. **As musicalidades das Rodas de Capoeira(s): diálogos intercultural, campo e atuação de educadores**. [tese]. Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006.

D’AGOSTINI, A. **O jogo da capoeira no contexto antropológico e biomecânico**. [dissertação]. Centro de Ciências do Desporto – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2004.

DECÂNIO FILHO, A. A. **Herança de Pastinha**, Salvador-BA, 2ª Edição Eletrônica, Ed. São Salomão, 1996-a.

\_\_\_\_\_. **A Herança de Mestre Bimba**, Salvador-BA, 2ª Edição Eletrônica, Ed. São Salomão, 1996-b.

DEZALAY, Y. & GARTH B **A ação conveniente das ONGs** in Le Monde Diplomatic – <http://diplo.uol.com.br/2005-06,a1127> – junho de 2005.

DIAS, A. A. **Mandinga, Manha & malícia**: uma historia sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925). Edufba, Salvador, BA, 2005

DUARTE, N. **A individualidade para si**: contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. São Paulo: Autores associados, 1993.

\_\_\_\_\_. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2001-a.

\_\_\_\_\_. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós modernas da teoria vigotskiana. 2 ed. ver. e ampl. – Campinas, SP: Autores Associados, 2001-b.

\_\_\_\_\_. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?**: quatro ensaios crítico-dialeticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

DUARTE, N. (org) **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, SP: Autores associados, 2004.

EAGLETON, T. **Ideologia**: uma Introdução. São Paulo: Editora UNESP, Editora Boitempo. 1997

\_\_\_\_\_. **A idéia de cultura**. - São Paulo: Editora UNESP, 2005-A.

\_\_\_\_\_. **Depois da Teoria**: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005-B

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 4ª edição. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 1978

ENGUIITA, M. F. **A ambigüidade da docência**: entre o profissionalismo e a proletarização. In Revista Teoria & Educação, n. 4, 1991. pp. 41-61

ESCOBAR, M. O. **Transformação da didática**: construção da teoria pedagógica como categorias da prática pedagógica: experiência na disciplina escolar educação física. Campinas-SP, Tese de doutorado UNICAMP. 1997

ESTEVES, A. P. **A capoeira da indústria do entretenimento**: Corpo, Acrobacia e Espetáculo para “turista ver”, A. P. Esteves, 2003

FALCÃO, J. L. C. **A Escolarização da Capoeira**. Brasília-DF, ASEFE - Royal Court, 1996.

\_\_\_\_\_. Unidade 2 – Capoeira. In KUNZ, E. (org.). **Didática da Educação Física**. 3 ed. Injuí – RS: Unijuí, 2003. pp. 55-94

\_\_\_\_\_. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana.** [tese]. Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2004.

\_\_\_\_\_. O jogo da capoeira em jogo in **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. V. 27, n. 2, janeiro de 2006.. pp. 59-74.

\_\_\_\_\_. (coord.). **Relatório de Pesquisa: Publicações sobre capoeira; abordagens e tendências** (em processo de Finalização). [mimeo], Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos (Cds), Departamento de Educação Física. 2008

FALCÃO, J. L. C., SILVA, B. E. S., ACORDI, L. O. Gingando com o conceito de práxis no projeto capoeira e os passos da vida. In DAMIANI, I. R. e SILVA, A. M. (orgs.). **Práticas Corporais vol. 4: construindo outros saberes em Educação Física.** Florianópolis-SC: Noembru. 2006. pp. 101-118

FERNANDES, F. **Mudanças Sociais no Brasil.** 3ª ed, São Paulo-SP – Rio de Janeiro-RJ: DIFEL, 1979.

\_\_\_\_\_. **O folclore em questão.** – 2 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica.** 5ª ed. São Paulo-SP: Globo, 2006

FERREIRA, J. Ministério da Cultura destina R\$1,85 milhão à capoeira in **Correio da Bahia. Jornal Correio da Bahia.** 30 de março de 2005, ed. eletrônica ([http://www.cultura.gov.br/programas\\_e\\_acoes/cultura\\_viva/noticias/na\\_midia/index.php?p=10385&more=1&c=1&pb=1](http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_viva/noticias/na_midia/index.php?p=10385&more=1&c=1&pb=1)), Salvador-Bahia. 2006. (visitada em 14 de junho de 2007)

FIGUEIREDO, C. de F. **Análise das produções teórico-metodológicas do PERI-Capoeira.** in [www.mover.ufsc.br/pdfs/2006\\_Figueiredo3.pdf](http://www.mover.ufsc.br/pdfs/2006_Figueiredo3.pdf). 2006

FREITAS, L. C. de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FREYRE, G. **Casa Grande Senzala.** In *Interpretes do Brasil*; volume II, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2002

FRIGÉRIO, A. **Capoeira: de arte negra a esporte branco.** *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 85-98, Jun. 1989.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Práxis.** 4 ed. SP: Cortez, 2004.

GAMBOA, S. A. S. **A Dialética na Pesquisa em Educação: Elementos de contexto.** In: *Metodologia da Pesquisa Educacional.* Fazenda. I. (Org.). SP. Cortez. 1989

GIL, G. Ninguém segura esse país in Caros Amigos. **Revista Caros Amigos**. Ano X, nº 109, ABRIL 2006, Ed. Casa Amarela, São Paulo-SP. 2006. pp. 26-32

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 14ª ed.: São Paulo-SP, Loyola, 2005

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos**: O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras. 1995

HOBBSAWM, E. RANGER, T. **A invenção das tradições**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997

HOLANDA FERREIRA, A. B. **Dicionário Aurélio eletrônico**. v. 5.0, 2005

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed.: São Paulo-SP, Companhia das Letras, 1995

HOUAISS. **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa**. v 1.05. 2003

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Marx: vida e obra**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular. 1998

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. São Paulo-SP, 7ª Ed., Paz e Terra. 2002.

LANDES, R. **A cidade das mulheres**. 2ª edição, Rio de Janeiro, RJ, Editora da UFRJ, 2002

LANGLADE, A. e LANGLADE, N. **Teoria General de la Gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.

LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. Cortez, São Paulo, 1994.

MANACORDA, M. A.. **História da Educação: da Antigüidade aos nossos dias**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARINHO, I. P. **Subsídios para o estudo da metodologia do treinamento da capoeiragem**. Rio de Janeiro - RJ, Imprensa Nacional. 1945

MARTINS, J. de S. Prefácio à quinta edição in FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5ª ed. São Paulo-SP: Globo, 2006. pp. 09-24

MARX, K. **A questão judaica**. 1ª edição, Laemmert, Riode Janeiro, RJ, 1969

\_\_\_\_\_. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 6ª edição, Rio de Janeiro, RJ, Paz e Terra,

1991.

\_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política – Livro I.** 3 ed. – São Paulo: Nova Cultural, coleção; Os economistas, 1988-a

\_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política – Livro II.** 3 ed. – São Paulo: Nova Cultural, coleção; Os economistas, 1988-b

\_\_\_\_\_. **Capítulo VI inédito de O Capital.** 2ª edição, São Paulo,SP, Centauro, 2004.

MARX, K. ENGELS, F. **Textos Escolhidos 3.** São Paulo – SP: Alfa Omêga, 1963.

\_\_\_\_\_. **O Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo-SP, Global, 1984.

\_\_\_\_\_. **A ideologia Alemã.** 2ª edição, Martins Fontes, São Paulo,SP, 2002

\_\_\_\_\_. **A sagrada família: ou a crítica da Crítica crítica”.** 1ª edição, São Paulo,SP, Boitempo, 2003.

MÉSZÁROS, I. **Para além do Capital.** 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

\_\_\_\_\_. **O século XXI: socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. **O poder da Ideologia.** São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Educação para além do Capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Teoria da Alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Vozes, 1994.

MWEWA, C. M. w. **Indústria cultural e educação do corpo no jogo de capoeira: Estudos sobre a presença da capoeira na sociedade administrada.** [dissertação]. Centro de Ciências da Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2005.

MWEWA, C. M. w. e VAZ, A. F. **Corpos, cultura, paradoxos: observações sobre o jogo de capoeira in REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE,** Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. V. 27, n. 2, janeiro de 2006. pp. 27-44

NETTO, J. P. **Relendo a Teoria Marxista da História in SAVIANI, D., SANFELICE, J. L. e LOMBRADI, J. C. (orgs.) História e História da Educação: O Debate Teórico-Metodológico Atual.** 2ª Ed. Autores Associados, Capinas-SP, 2000. pp. 50-64

OLIVEIRA, J. P. de. **No tempo dos valente: Os capoeiras na cidade da Bahia.** 1ª edição,

Feira de Santana, BA, J. P. de Oliveira, 2006

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Trabalho Escravo no Brasil do Século XXI**. 1º edição. Hypertexto - [www.ilo.org/declaration](http://www.ilo.org/declaration). 2005

OUTHWAITE, W. Cultura. in BOTTOMORE, T. (editor). **Dicionário do pensamento marxista**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro,RJ, 2001

PASTINHA, V. F. (Mestre Pastinha). **Capoeira Angola**. Escola Gráfica Nossa Senhora de Loreto, Salvador-BA, 1964.

PIRES, A. L. C. S. **Movimentos da cultura afro-brasileira: a formação histórica da capoeira contemporânea (1890-1950)**. Tese (Doutorado em História), Departamento de História. Universidade Estadual de Campinas, 2001.

\_\_\_\_\_. **A capoeira na Bahia de todos os santos: Um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890-1937)**. Tocantins Goiânia:NEAB Grafset, 2004

PISTRAK, M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo-SP, Ed. Expressão Popular. São Paulo-SP, 2000.

PLEKHANOV, G. V. **O papel do indivíduo na história**. 2ª ed, Editora Expressão Popular, São Paulo-SP, 2003

PRADO JUNIOR, P. **Formação do Brasil Contemporâneo**. In Interpretes do Brasil; volume III, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2002

REGO, W. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

REIS, L. V. de S. **A capoeira no Brasil: o mundo de pernas para o ar**. São Paulo, 2ª Ed. Publisher Brasil. 2000.

RELATÓRIO TÉCNICO CIENTIFICO. **Atividade Curricular em Comunidade – A pesquisa e o Ensino na Roda de Capoeira**. Referente ao semestre de 2002.1 da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA. 2002

\_\_\_\_\_. **Atividade Curricular em Comunidade – A pesquisa e o Ensino na Roda de Capoeira**. Referente ao semestre de 2002.2 da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA. 2003-A.

\_\_\_\_\_. **Atividade Curricular em Comunidade – A pesquisa e o Ensino na Roda de Capoeira**. Referente ao semestre de 2003.1 da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, BA. 2003-B

RISÉRIO, A. **Uma história da cidade da Bahia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTOS, B. T. P. **A religião como fundamento da escola pública**: Um estudo sobre a inserção da Igreja Universal do Reino de Deus em escolas públicas soteropolitanas. [dissertação] Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. 2007

SANTOS, L. S. **Educação: educação física: capoeira**. Maringá: Fundação Universidade Estadual de Maringá, 1990.

SANTOS, M. dos & VERDE, C. (Rafael Alves França). **Capoeira e mandingas**. Salvador-BA, Ed. GRASB – Gráfica Santa Bárbara, 1991

SANTOS JÚNIOR, C. de L. **A Formação dos Professores em Educação Física**: a mediação dos parâmetros teórico-metodológicos. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2005.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 8ª ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

\_\_\_\_\_. **Escola e Democracia**. 36 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

\_\_\_\_\_. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. 14ª ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educação Socialista, Pedagogia Histórico-Crítica e os Desafios da Sociedade de Classes**. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval(orgs). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2002.

SAVIANI, D., SANFELICE, J. L. e LOMBRADI, J. C. (orgs.) **História e História da Educação: O Debate Teórico-Metodológico Atual**. 2ª Ed. Autores Associados, Capinas-SP, 2000.

SEABRA, O. et alli. **Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo – SP, 2ª Ed., Editora Fundação Perseu Abramo. 2000

SERRÃO, M. I. B. **Aprender a Ensinar: A aprendizagem do ensino no curso de Pedagogia sob o enfoque histórico-cultural**. 1ª edição. São Paulo, SP. Editora Cortez. 2006

SILVA, B. E. S. **Menino Qual é teu Mestre? A Capoeira Pernambucana e as Representações Sociais de Seus Mestres**. [dissertação] Centro de Ciências do Desporto – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2006

SOARES, C. E. L. **A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro, 1850-1890**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

\_\_\_\_\_. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.

SODRÉ, M. **Mestre Bimba**: Corpo de Mandinga. Rio de Janeiro–RJ. Manati. 2002

STEINHILBER, J. **Profissional de Educação Física... existe?** Rio de Janeiro: Sprint, 1996

TAFFAREL, C. N. Z. **A formação do profissional da Educação: o processo de trabalho pedagógico e o trato do conhecimento no curso de Educação Física.** Campinas-SP. Tese de doutorado UNICAMP. 1993.

\_\_\_\_\_. Capoeira e Projeto Histórico. In DAMIANI, I. R. e SILVA, A. M. (orgs.) **Práticas Corporais vol. 1: Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física.** Florianópolis-SC: Noemblu. 2005. pp. 75-97

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2000

TITTON, M. **Organização do trabalho pedagógico na formação dos professores do MST: realidades e possibilidades.** [dissertação]. Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2006.

TRATEMBERG, M. **Pistrak: uma pedagogia socialista.** In <http://www.espacoacademico.com.br/024/24mt1981.htm>

TUMOLO, P. S. **O trabalho como princípio educativo e o significado do trabalho no capitalismo:** ensaio crítico in ensaio de análise crítica. In: <http://www.anped.org.br/24/ts.htm>, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da contestação à conformação:** A formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista. Campinas-SP, Editora Unicamp. 2002

\_\_\_\_\_. **O trabalho como princípio educativo e o trabalho na forma social do capital.** In: Congresso Internacional Educação e Trabalho, 2005, Aveiro. Congresso Internacional Educação e Trabalho - Representações sociais, competências e trajetórias profissionais, 2005-a. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. **O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo:** uma articulação possível? in Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 90, p. 239-265, Jan./Abr. 2005-b. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

\_\_\_\_\_. **O significado do Trabalho no capitalismo e o trabalho como princípio educativo:** ensaio de análise crítica. In: <http://www.anped.org.br/24/ts.htm>, capturado em 11/05/2007.

TUMOLO, P. S.; FLEURI, R. M. **Os significados do trabalho no mundo capitalista.** In: 23ª RIDEF 2000, Áustria, julho de 2000.

TUMOLO, P. S.; FONTANA, K. B. **Trabalho docente e capitalismo:** um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990. In: 29 Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), 2006, Caxambu. 29 Reunião Anual da ANPEd - Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos, 2006. v. 1. p. 1-15.



VÁZQUEZ, A. S. **As Idéias estéticas de Marx**; tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e circunstâncias**; tradução de Luiz Cavalcanti de M. Guerra. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

\_\_\_\_\_. **Filosofia da práxis**. 1ª edição, Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, São Paulo, SP, Editora Expressão Popular, Brasil, 2007

VERGER, P. F. **Fluxo e refluxo do trafico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de todos os Santos dos séculos XVII a XIX**. 4ª ed. Ver. – Salvador: Corrupio, 2002.

VIEIRA, L R. **Da vadição a capoeira regional: uma interpretação da modernização cultural no Brasil**. (Dissertação de Mestrado). Brasília: Departamento de Sociologia, UnB, 1990.

VIEIRA, L R. Sobre políticas publicas para capoeira. (vídeo) In **CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO II SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE CAPOEIRA: Capoeira e Políticas Públicas; Realidade e Possibilidades**. Anais do II Seminário Nacional de Estudos sobre Capoeira. Florianópolis-SC, 2006.

VIEIRA, S. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[capoeira-cbc@grupos.com.br](mailto:capoeira-cbc@grupos.com.br)> em 16 ago. 2004

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

## 5.1 – REFERÊNCIAS NA INTERNET

Associação Brasileira para o Apoio e o Desenvolvimento da Arte Capoeira - [www.abadacapoeira.com.br/](http://www.abadacapoeira.com.br/)

Associação Muzenza de Capoeira - [www.muzenza.com.br](http://www.muzenza.com.br) -

BRASIL, MINISTÉRIO da CULTURA - [www.cultura.gov.br/](http://www.cultura.gov.br/)

Centro Cultural Senzala - [www.senzalacapoeira.cjb.net/](http://www.senzalacapoeira.cjb.net/),

Fundação Gregorio de Mattos – [www.cultura.salvador.ba.gov.br/](http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/) -

Grupo Beribazu de Capoeira - [www.beribazu.trigger.com.pl/beribazu/linki.php3](http://www.beribazu.trigger.com.pl/beribazu/linki.php3).

Grupo Candeias de Capoeira - [www.candeiascapoeira.com](http://www.candeiascapoeira.com)

Grupo Capoeira Brasil - [www.grupocapoeirabrasil.com.br](http://www.grupocapoeirabrasil.com.br).

PROJETO CAPOEIRA VIVA - <http://www.capoeiraviva.org.br/apre.htm>

SECRETARIA de TURISMO do ESTADO da BAHIA -  
<http://www.setur.ba.gov.br/noticias.asp?id=263>

SECRETARIA de TURISMO da Prefeitura de Salvador -  
[www.emtursa.ba.gov.br/Template.asp?IdEntidade=5183&Nivel=000500010915](http://www.emtursa.ba.gov.br/Template.asp?IdEntidade=5183&Nivel=000500010915)

## **5.2 – REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS**

### **5.2.1 – VÍDEOS**

BAÍÁ de Todos os Santos. IRDEB/TVE/Bahia. 1997.

BLOCOS. Afro. IRDEB/TVE/Bahia. 1997.

CANTIGAS de trabalho. IRDEB/TVE/Bahia. 1997.

CAPOEIRAGEM na Bahia. IRDEB/TVE/Bahia. 1997.

DANÇA de guerra. Direção: Jair Moura, 1968. Salvador, 1 DVD.

EU vi a Boa Morte Sorrir IRDEB/TVE/Bahia. 1996

FESTAS na Bahia de Oxalá. Direção Ronaldo Duarte. 1969. Salvador

FOLIA de negros. IRDEB/TVE/Bahia. 1997.

GAUAIKU Luiza. IRDEB/TVE/Bahia. 1997.

NÊGO fugido. IRDEB/TVE/Bahia. 1997.

PASTINHA, uma vida pela capoeira. Direção: Antonio Carlos Muricy, 1997. 1 videocassete (52 min).

RECÔNCAVO na palma da mão: parte I e parte II IRDEB/TVE/Bahia. 1998

ROTA dos Orixás, Na. Renato Barbieri. Instituto Itaú Cultural. 2002

RUÍNAS do Recôncavo. IRDEB/TVE/Bahia. 2000.

ÚLTIMOS saveiros da Bahia, Os. IRDEB/TVE/Bahia. 1997.

VADIAÇÃO. Direção Alexandre Robatto, 1942.

### **5.2.2 – ÁUDIOS**

PASTINHA Mestre e sua academia. Mestre Pastinha. Salvador. Produtora: Gravadora Fontana, 1979. CD.

CURSO de capoeira Regional. Mestre Bimba –. CIDADE:, 1997

EZIQUEL, M..Capoeira da Bahia vol. 1. 1987

GRANDE, J. e PEQUENO, J. .Capoeira da Bahia vol. 1. 1987

WALDEMAR, M.e CANJIQUINHA, M. Capoeira da Bahia vol. 1. 1987

TRAIRA, M. Mestre Traíra e Mestre Cobrinha Verde. 1998. CD